



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
Rua Barão de Geremoabo, nº147 CEP: 40170-290
Campus Universitário – Ondina, Salvador-BA
Fone/Fax.: (71) 2636256 E-mail: pgletba@ufba.br

**O *ETHOS* E A INTIMIDADE REGULADA: ESPECIFICIDADES DA
CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* NO PROCESSO DE REVELAÇÃO DA
INTIMIDADE NOS *BLOGS* PESSOAIS**

por

PALMIRA VIRGINIA BAHIA HEINE

Orientador: Prof. Dr. João Antônio de Santana Neto

SALVADOR
2007



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
Rua Barão de Geremoabo, nº147 CEP: 40170-290
Campus Universitário – Ondina, Salvador-BA
Fone/Fax.: (71) 2636256 E-mail: pgletba@ufba.br

**O *ETHOS* E A INTIMIDADE REGULADA: ESPECIFICIDADES DA
CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* NO PROCESSO DE REVELAÇÃO DA
INTIMIDADE NOS *BLOGS* PESSOAIS**

por

PALMIRA VIRGINIA BAHIA HEINE

Orientador: Prof. Dr. João Antônio de Santana Neto

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

SALVADOR
2007

RESUMO

Esta dissertação objetivou perceber a forma como o *ethos* se constitui nos *blogs* pessoais, diários digitais de caráter intimista, veiculados na Internet, nos quais os escreventes falam sobre questões relacionadas à sua vida pessoal e cotidiana. Os *blogs* constituem-se como um dos gêneros digitais surgidos no ambiente do Hipertexto, representando a transmutação dos diários tradicionais escritos por adolescentes e mantidos em segredo. Objetivou-se também perceber o modo como a intimidade é construída no âmbito da relação entre o público e o privado, uma vez que, os *blogs* são escritos para um auditório particular, mas podem ser lidos por qualquer internauta que navegue na rede, tendo um caráter aberto e interativo. Para atingir os objetivos propostos na pesquisa, utilizou-se o esquema do *ethos* proposto por Maingueneau (2005), além da teoria acerca das especificidades do auditório em Perelman e Olbrechts Tyteca (1996).

Palavras-chave: *ethos*, *blogs*, Hipertexto.

ABSTRACT

ABSTRACT

The objective of this dissertation was to clarify the essential form, the *ethos*, which comprises personal *blogs*, digital diaries, intimate in character, promulgated over the Internet, in which authors speak about subjects related to everyday, personal life. *Blogs* are one type of the digital media emerging in the Hypertext environment, representing the transmutation of traditional newspapers. The objective was also to scrutinize the way in which intimacy is developed in the context of the relationship between public and private, since *blogs* are written for a particular audience, but, being interactive and open in nature, they can be read by any Internet user who surfs the web. The *ethos* scheme proposed by Maingueneau (2005), in addition to the theory about the characteristics of the audience in Perelman and Olbrechts Tyteca (1996), were employed in order to achieve the objectives proposed for the study.

Key Words: *blogs*, hypertext, *ethos*

[...] o texto continua subsistindo, mas a página furtou-se. A página, isto é, o *pagus* latino, esse campo, esse território cercado pelo branco das margens, lavrado de linhas e semeado de letras e caracteres pelo autor; a página, ainda carregada da argila mesopotâmica, aderindo sempre à terra do neolítico, essa página muito antiga se apaga lentamente sob a inundação informacional, seus signos soltos vão juntar-se à torrente digital. (LÉVY, 1996)

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

à força universal, cujo amor inunda a tudo e a todos, a quem agradeço pela vida e pelas oportunidades de crescimento pessoal e espiritual;

aos meus pais por sempre estarem ao meu lado durante todo o mestrado e todo o “parto” da dissertação;

aos meus irmãos Alfredo, Pedro e Milena nos quais posso me espelhar com orgulho;

à minha família como um todo que sempre esteve torcendo para que eu pudesse alcançar o meu objetivo;

à Miguel, meu companheiro de todas as horas, incentivador de minha caminhada, a quem agradeço o carinho, o amor, a paciência e a força durante todo o processo de mestrado;

aos meus colegas de mestrado que dividiram alegrias e dificuldades: Eliete, Maria José, Neuma, Sávio, Terezinha, Ana Bicalho, Rosimeire, Laura, André, Marcos, Rerisson e muitos outros;

à professora Dr^a Denise Zoghbi, com quem tive o primeiro contato no Instituto de Letras, sendo orientada por ela no Tirocínio Docente;

ao professor Dr. Luiz Antônio Marcuschi, que me incentivou em toda a minha preparação para o mestrado e, como um grande mestre, sempre esteve disposto a auxiliar-me no caminho de pesquisa;

ao professor Dr. Antonio Carlos Xavier, pela atenção dispensada à minha pesquisa, pela indicação de leituras e textos;

à professora Dr^a. Ingedore Villaça Koch que também contribuiu para esta pesquisa através de sua ajuda com indicações de leitura;

à professora Dr^a. Iracema Souza cujas aulas sempre me serviram como ânimo para continuar o caminho;

ao professor Dr. João Antônio de Santana Neto que me orientou com paciência e carinho durante todo o mestrado;

às professoras Janai e Waldevina, que me deram todo o apoio necessário, liberando-me muitas vezes das atividades do trabalho para que eu pudesse concluir a dissertação;

aos professores do colégio Joir Brasileiro e do colégio Antônio Carlos Magalhães que me auxiliaram nesta caminhada;

à Patrícia Verônica, Adriana, Simone e Edleide que dividiram comigo momentos de ansiedade;

aos meus alunos, que, ainda que não saibam, me deram forças para correr atrás dos meus sonhos;

à Rosana, Davi, Andréa e a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O HIPERTEXO	11
1.1 BREVE CARACTERIZAÇÃO DOS GÊNEROS DIGITAIS	26
1.1.1 Os <i>e-mails</i>	29
1.1.2 Os <i>Chats</i>	30
1.1.3 Listas de Discussão	33
1.1.4 <i>Blogs</i>	34
1.2 <i>BLOGS</i> PESSOAIS	36
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CENA ENUNCIATIVA: O <i>ETHOS</i>, O AUDITÓRIO E O <i>PÁTHOS</i>	40
2.1 O <i>ETHOS</i>	40
2.2 O <i>ETHOS</i> EM MAINGUENEAU	42
2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O AUDITÓRIO	53
2.3.1 O <i>auditório</i> e o <i>páthos</i>	55
3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO	64
3.1 AS ESPECIFICIDADES DA ANÁLISE DO DISCURSO	68
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS	79
4.1 A CARACTERIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	79
4.2 TÉCNICAS DE OBSERVAÇÃO E COLETA DE DADOS	80
4.2.1 <i>Estrutura dos blogs</i>	81
4.3 TÉCNICAS DE ANÁLISE	84
5 ANÁLISE DE DADOS	86
5.1 A CONSTRUÇÃO DO <i>ETHOS</i> NOS <i>BLOGS</i> : ASPECTOS GERAIS	86
5.2 NAVEGANDO PELO <i>CORPUS</i>	89
5.2.1 O <i>blog da Joannah</i>	89
5.2.2 O <i>blog do L.G.</i>	106
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS	124
ANEXOS	130

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é o resultado das reflexões acerca do modo da construção do *ethos* nos *blogs*, que podem ser definidos como diários digitais, nos quais as pessoas escrevem sobre si, num meio público: a Internet. Surgido com o advento do Hipertexto, o *blog* pode ser compreendido como um gênero digital que representa a transmutação¹ do diário tradicional.

Para compreender como se dá a construção do *ethos* nos *blogs* faz-se uso da definição de *ethos* fornecida por Maingueneau (2005), bem como da noção de auditório em Perelman e Olbrechts Tyteca (1996) e das formas pelas quais o orador deve adaptar-se ao auditório. É a partir dos pressupostos teóricos desenvolvidos por Maingueneau que se busca problematizar nesta pesquisa a compreensão da constituição do *ethos* em um diário digital, que pressupõe a escrita intimista, no espaço público do Hipertexto.

A relevância do tema escolhido justifica-se pelo fato de que a Internet trouxe formas outras de relações sociais, inaugurando novos gêneros discursivos e, com eles, novos espaços de interação, o que representa grande importância para os estudos lingüísticos.

Os seguintes objetivos guiaram a referida pesquisa:

- a) refletir sobre a forma de constituição do *ethos* no *blog*, percebendo os mecanismos de construção de um suposto discurso intimista no espaço Hipertextual;
- b) analisar a forma através da qual o auditório interfere na constituição do discurso dos escreventes de *blogs*;
- c) compreender até que ponto a intimidade pode ser revelada no *blog*, visto que este se destina a um auditório particular e circula num meio público no qual pode ser acessado por quaisquer internautas.

Em termos de organização, este trabalho está dividido da seguinte forma: o capítulo 1 trata das especificidades do hipertexto. Nele faz-se uma discussão profícua

¹ O termo transmutação está aqui sendo utilizado tendo por base a teoria de gêneros discursivos de Bakhtin (2003). O referido autor afirma que há gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos). Os primeiros são incorporados pelos segundos que os reelaboram, mantendo, no entanto, algumas características do gênero que incorporou. Esse termo também foi utilizado por Marcuschi (2002) quando afirmava que os gêneros textuais não são inovações absolutas, tendo uma ancoragem em outros gêneros já existentes.

acerca das definições do hipertexto, suas características, as permanências e rupturas desencadeadas pelo mesmo.

O capítulo 2 trata do *ethos* e do auditório. Nele faz-se uma breve retomada histórica do conceito de *ethos*, mostrando a forma que este conceito é acoplado à Análise do Discurso através da obra de Maingueneau (2005). Faz-se também incursões pela obra de Perelman e Olbrechts Tyteca (1996) a fim de discutir acerca do conceito de auditório e da forma como o orador deve adaptar seu discurso para atingi-lo.

O capítulo 3 pretende discutir, de maneira geral, alguns conceitos básicos da Análise do Discurso. Vale ressaltar que a pesquisa ora apresentada não pretende ser um estudo que se debruce sobre tais conceitos, uma vez que o objeto de análise desta pesquisa é o *ethos*. No entanto, fez-se necessário discutir alguns conceitos básicos em Análise do Discurso que servirão como suporte para a compreensão da noção de formação discursiva utilizada na análise dos dados.

O quarto capítulo traz uma breve seção de aspectos metodológicos na qual são colocadas as técnicas de seleção do *corpus*, as técnicas de investigação e análise, bem como a estrutura dos *blogs*.

No capítulo 5 há a análise dos dados, capítulo no qual o *blog* de Joannah e de L.G são analisados, tendo como pressuposto o esquema do *ethos* de Maingueneau (2005).

Apresentam-se, por fim, as considerações finais sobre o trabalho realizado, com a reflexão sobre as conclusões parciais às quais se pôde chegar.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O HIPERTEXTO

O *blog* é um dos gêneros digitais surgidos com o advento do hipertexto. Como tal, carrega características inerentes ao ambiente hipertextual e outras inerentes à sua constituição específica. O *blog* pessoal é, ao mesmo tempo, um espaço dedicado à exposição de aspectos da vida íntima de alguém, e um local que propicia a interação entre o seu escrevente e os leitores das mensagens contidas nele. Constitui-se, portanto, como um espaço discursivo situado na fronteira entre o público (caráter do hipertexto) e o privado (caráter do diário tradicional). Para que se possa compreender as características do *blog*, enquanto gênero digital, faz-se necessário tecer algumas considerações sobre o Hipertexto e suas especificidades.

Segundo Marcuschi (2001), o termo hipertexto foi cunhado por Theodor Nelson em 1964 e foi criado para se referir a um tipo de escrita não-linear e não-seqüencial, que confere ao leitor a possibilidade de realizar a escolha de caminhos a serem seguidos na leitura do texto. Sendo assim, o leitor pode definir, de maneira interativa, o fluxo de sua leitura sem necessariamente ter que se prender a uma estrutura fixa estabelecida pelo texto que está lendo.

Lança-se mão, neste trabalho, da definição de hipertexto estabelecida por Johnson- Eliola apud Marcuschi (2001 p.4), segundo a qual:

Um hipertexto não é hipertextual só porque ele foi escrito num programa computacional específico, mas porque ele segue esta teoria geral de organização textual: os leitores não lêem do começo ao final, ao longo da página, de cima para baixo e de página a página, mas de acordo com uma trilha que eles navegam através de uma rede de nós textuais.

Como se vê na citação anterior, o caminho da leitura é escolhido pelo leitor que não lê o texto necessariamente na ordem em que ele foi escrito, nem mesmo do começo ao final, mas de acordo com uma seqüência, que é estabelecida por uma série de interconectores, também chamados de *links* que o remetem a outros textos ou porções textuais. Com isso, há uma mudança substantiva na definição de leitura, autor e leitor, já que a leitura deixa de ter, essencialmente, um caráter linear e pré-estabelecido, levando o leitor a não realizá-la na seqüência começo, meio, fim. Há, a partir do hipertexto, uma linha divisória tênue entre as concepções de autor e leitor, já que a

autoria passa a ter um caráter coletivo, e o leitor pode também ser considerado autor já que o caminho da leitura também é construído por ele, que, através de escolhas sucessivas, cria o seu próprio texto virtual. Ao defender este ponto de vista, Marcuschi (1999, p. 10) afirma:

[...] com o hipertexto, muda a noção de autor e leitor, dando a impressão de uma autoria coletiva ou de uma espécie de co-autoria. A leitura se torna simultaneamente uma escritura, já que o autor não controla mais o fluxo da informação. O leitor determina não só a ordem da leitura, mas o conteúdo a ser lido.

Apesar de ser comumente usado para se referir ao texto virtual, surgido principalmente com o advento da *Internet*, o termo hipertexto também se adequa a atividades de leitura de alguns textos impressos, como o que acontece na leitura de verbetes de dicionário, em citações e notas de rodapé, dentre outras, que pressupõem uma quebra na linearidade da leitura e da seqüência estabelecida no texto tradicional.

Há autores que consideram o hipertexto como uma novidade radical, diante das múltiplas possibilidades de leitura e das inovações trazidas por ele; há outros que o consideram como algo não tão novo, partindo-se da idéia defendida por eles de que todo texto é um hipertexto.

Koch (2003), em seu livro *Desvendando os segredos do texto*, afirma que todo texto é hipertextual, pois se constitui como uma proposta de multiplicidade de sentidos. A autora ressalta a presença de referências e citações em trabalhos e artigos acadêmicos, que, segundo ela, funcionam como *links*, estabelecendo ligações entre uma porção textual e outra, citada na referência ou colocada na citação. Da mesma forma, afirma que um texto impresso também permite a leitura não linear, já que o leitor pode ler apenas o capítulo ou a parte que o interessa, sem ter que fazer necessariamente a leitura do começo ao fim.

Além disso, a compreensão do texto, segundo a referida linguista, também não ocorre de maneira linear, visto que “na construção do sentido há um constante movimento em várias direções, bem como o recurso ininterrupto a diversas fontes de informação textuais ou extratextuais” (KOCH, 2003 p. 63). Assim, Koch advoga a favor da idéia de que a principal diferença entre o texto impresso e o hipertexto está no suporte tecnológico utilizado na criação deste último, que permite a rapidez de

processamento das informações colocadas em tempo real. Ela destaca como principal inovação no hipertexto a presença de *hyperlinks*, possibilitada pelo suporte tecnológico, utilizado para a produção do hipertexto. Assim, os *hyperlinks* trazem a possibilidade de interconectar infinitamente pessoas, textos, instituições, e isso é possível principalmente pelo suporte tecnológico.

Koch (2003, p. 62) afirma que:

[...] admitindo como certo que não existem textos escritos ou orais-totalmente explícitos, e que o texto se constitui de um conjunto de pistas destinadas a orientar o leitor na construção do sentido; e mais ainda, que, para realizar tal função ele terá que preencher lacunas, formular hipóteses, testá-las (...) tudo isso por meio de inferenciamentos que exigem a mobilização de conhecimentos prévios de todos os tipos, dos conhecimentos pressupostos como partilhados, do conhecimento da situação comunicativa, do gênero textual e de suas exigências, a compreensão terá de dar-se de forma não linear.

Assim, Koch defende o ponto de vista de que todo texto é hipertextual pois já carrega em si a possibilidade de realizar leituras múltiplas e de gerar uma compreensão de forma não-linear, uma vez que as informações do texto não são explícitas mas mobilizam uma série de conhecimentos partilhados e prévios dos leitores, fornecendo pistas para o desvendamento dos sentidos do texto.

Do mesmo modo posiciona-se Marcuschi (2001 p. 10) que também defende a idéia de que o hipertexto não é um fenômeno radicalmente novo. Segundo ele:

[...] é comum ouvir-se que o hipertexto representa uma novidade radical, uma espécie de novo paradigma de produção textual. A rigor ele não é novo na concepção pois sempre existiu como idéia na tradição ocidental; a novidade está na tecnologia que permite uma nova forma de textualidade. O hipertexto aliado às vantagens da hipermídia consegue integrar notas, citações, bibliografias, referências, imagens, fotos e outros elementos encontrados na obra impressa de modo eficaz e sem a sensação de que sejam notas, citações etc.

Assim, confirmando o que já foi dito anteriormente, Marcuschi (1999) também defende a idéia de que o hipertexto não é um fenômeno completamente novo, pois a

possibilidade de se realizar uma leitura não-linear e de se concretizar a multiplicidade de sentidos não é uma novidade real, a partir do momento em que se considera o texto como “*um evento comunicativo em que convergem ações lingüísticas, cognitivas e sociais*” (BEAUGRANDE, 1997, p. 15).

Lévy (1996) afirma que a leitura hipertextual já existia e poderia ser feita em enciclopédias, verbetes de dicionário, etc. Apesar disso, o autor afirma que, com o advento do suporte tecnológico de um programa computacional que permite a criação de hipertextos digitais, há uma mudança substantiva em relação ao texto tradicional: a desterritorialização. Nessa perspectiva, o hipertexto é visto como um texto sem fronteiras, sem limites, sem início nem fim, baseado na ligação infinita com inúmeros outros textos, desterritorializando, assim, o texto antes impresso marcado sobre uma folha de papel. Nesse sentido o referido autor (1996, p. 48) afirma:

Assim como o rio de Heráclito, o hipertexto jamais é duas vezes o mesmo. Alimentado por captadores, ele abre uma janela para o fluxo cósmico e a instabilidade social. Os dispositivos hipertextuais nas redes digitais desterritorializaram o texto. Fizeram emergir um texto sem fronteiras nítidas, sem interioridade definível. Não há mais um texto, discernível e individualizável, mas apenas texto, assim como não há uma água e uma areia, mas apenas água e areia.

Mais adiante Lévy (1996, p. 48-49) assevera que com o advento do hipertexto no modo digital:

O texto continua subsistindo, mas a página furtou-se. A página, isto é, o *pagus* latino, esse campo, esse território cercado pelo branco das margens, lavrado de linhas e semeado de letras e de caracteres pelo autor; a página, ainda carregada da argila mesopotâmica, aderindo sempre à terra do neolítico, essa página muito antiga se apaga lentamente sob a inundação informacional, seus signos soltos vão juntar-se à torrente digital.

O referido autor chama a atenção para um ponto que também é abordado por Marcuschi (1999) a redefinição dos limites entre autor e leitor trazida pelo hipertexto. Segundo ele, os leitores do hipertexto também podem ser autores a partir do momento em que participam da estruturação do hipertexto, escolhendo caminhos etc.

Segundo Lévy (1996, p. 45):

O navegador pode se fazer autor de maneira mais profunda do que percorrendo uma rede preestabelecida: participando da estruturação do hipertexto, criando novas ligações. Alguns sistemas registram os caminhos de leitura e reforçam (tornam mais visíveis, por exemplo) ou enfraquecem as ligações em função da maneira como elas são percorridas pela comunidade dos navegadores.

Apesar de admitir que o fenômeno hipertextual já existia anteriormente, Lévy (1996) diferencia texto de hipertexto, considerando o fato de que este último possui uma maior abrangência em relação ao primeiro. Sobre este aspecto, ele afirma que: “se definirmos um hipertexto como um espaço de percurso de leituras possíveis, um texto apresenta-se como uma leitura particular de um hipertexto” (LÉVY, 1996, p. 45).

A definição de hipertexto dada por Pierre Lévy consiste na oposição entre este e um texto linear, ou seja, o hipertexto seria compreendido como um texto estruturado em rede. Nas palavras de Lévy (1996, p. 44):

A abordagem mais simples do hipertexto que, insisto, não exclui nem os sons nem as imagens, é a de descerevê-lo por oposição a um texto linear, como um texto estruturado em rede. O hipertexto seria constituído de nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, seqüências musicais, etc.) e de ligações entre esses nós (referências, notas, indicadores, botões que efetuam a passagem de um nó para outro).

Para Xavier (2004, p. 174-175), o hipertexto representa uma inovação com relação aos textos impressos. Segundo ele: “a inovação trazida pelo texto eletrônico está em transformar a deslinearização, a ausência de um foco dominante de leitura em princípio básico de sua constituição”. Assim, segundo o referido linguista, o hipertexto difere do texto tradicional pelo fato de o primeiro ter a deslinearização prevista na sua concepção. Esta não se dá apenas na possibilidade de realização de múltiplas leituras, como ocorre no texto impresso, mas é parte constituinte do hipertexto e é aí que reside, portanto, a grande diferença entre o hipertexto e o texto impresso, segundo o autor.

Assim, para ele, “todo texto impresso pode ser um hipertexto, mas nem todo hipertexto pode ser um texto impresso” (XAVIER, 2004, p. 175). Um hipertexto impresso não poderá conservar as suas características originais tais como a acessibilidade ilimitada, a presença de imagens com movimento, que só existem no modo digital.

Dessa forma, Xavier (2004) advoga a favor da idéia de que o hipertexto representa uma inovação com relação ao texto impresso, inovação esta que é parte constituinte do hipertexto.

Nesta pesquisa, utilizar-se-á o termo hipertexto na acepção de Marcuschi (1999, 2001), considerando-o não como uma novidade radical, mas como um fenômeno social que possibilita inúmeras inovações nas relações entre texto, leitor e autor, como será explicitado a seguir. Dentre as principais características do hipertexto, destacam-se, sobremaneira, a não-linearidade, a volatilidade, a fragmentariedade, a interatividade e a multimediosidade, as quais serão abordadas a seguir:

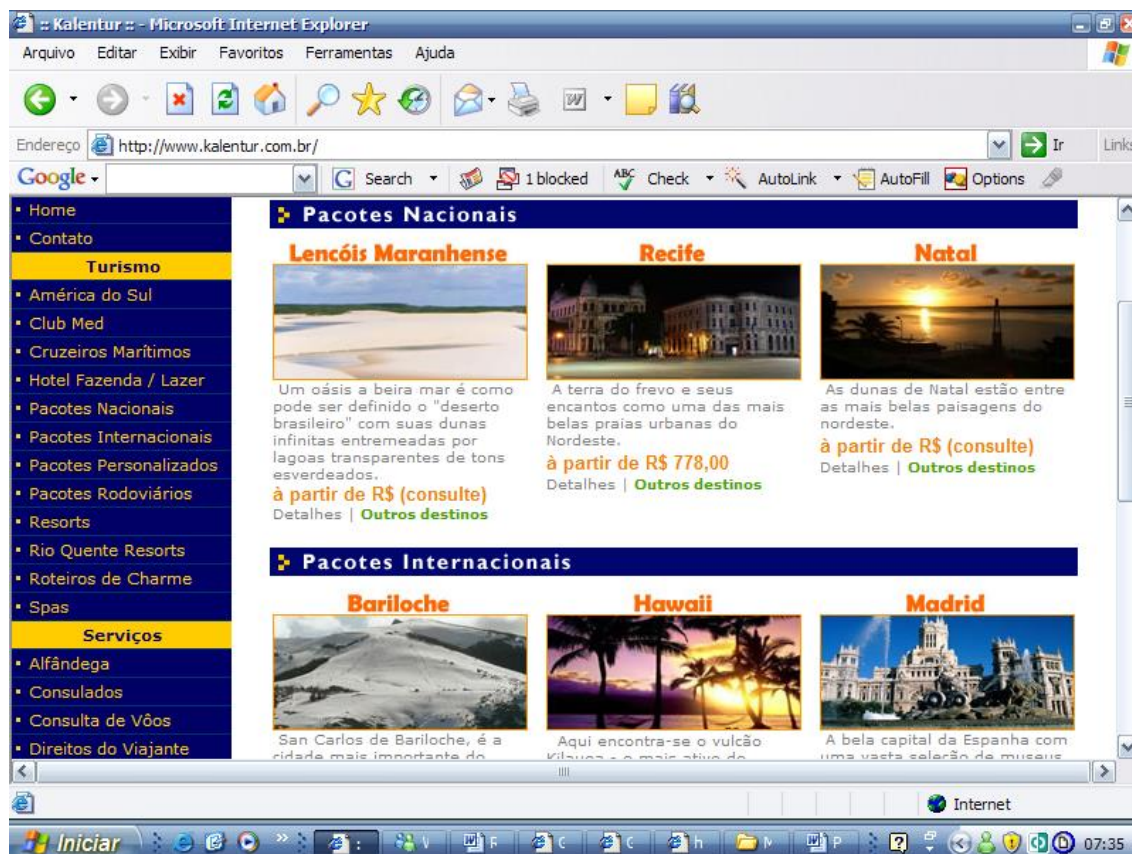
- a não-linearidade - diferentemente dos textos impressos que possuem um início, meio e fim previamente definidos, o hipertexto apresenta-se num formato não-linear, com porções de textos interligadas entre si através de *links* ou interconectores. Dizer que o hipertexto é não-linear significa afirmar que ele confere ao leitor a possibilidade de estabelecer um maior controle sobre o fluxo informativo que está sendo acessado, construindo um caminho de leitura, de acordo com suas próprias necessidades. No entanto, a não-linearização no ambiente hipertextual processa-se não no âmbito lexical, ou na formação de sintagmas, mas no movimento contínuo da leitura e da escolha dos caminhos de leitura a serem seguidos pelos internautas. Vale portanto ressaltar que segundo Marcuschi (2001, p. 13):

[...] a linearização é condição necessária na construção de uma palavra (letras dispostas numa determinada direção) e na formação de sintagmas (ligação de unidades léxicas numa direção definida, que, mesmo assim é bastante livre), ou na construção de frases (em obediência à linearidade das regras da sintaxe).

O hipertexto não traz a quebra de linearidade em relação ao campo da construção das unidades lingüísticas, já que as palavras, os sintagmas etc. seguem a condição de linearidade, ou seja, no âmbito da palavra e dos sintagmas continua a prevalecer a linearidade a partir do momento em que as letras e os itens lexicais estão dispostos sequencialmente, formando uma unidade de sentido. Quando se refere a não-linearidade no hipertexto, faz-se uma alusão à forma pela qual o leitor controla o fluxo de informações que irá acessar. Essas informações, no hipertexto, são dispostas de maneira menos rígida e fechada em comparação ao texto impresso que possui um caminho de leitura pré-estabelecido.

O exemplo (1), ilustrado a seguir, mostra o hipertexto através de um *site* de uma dada agência de turismo. Nele, nota-se a presença de inúmeros *links* que remeterão os leitores, de acordo com seus interesses e com a escolha dos *links*, a outras porções textuais. Assim, o leitor pode escolher entre pacotes nacionais e internacionais; pode delinear o roteiro de viagem que pretende realizar; pode comunicar-se com a agência através do *click* sobre os *links* específicos para tais ações etc.

Exemplo 1:



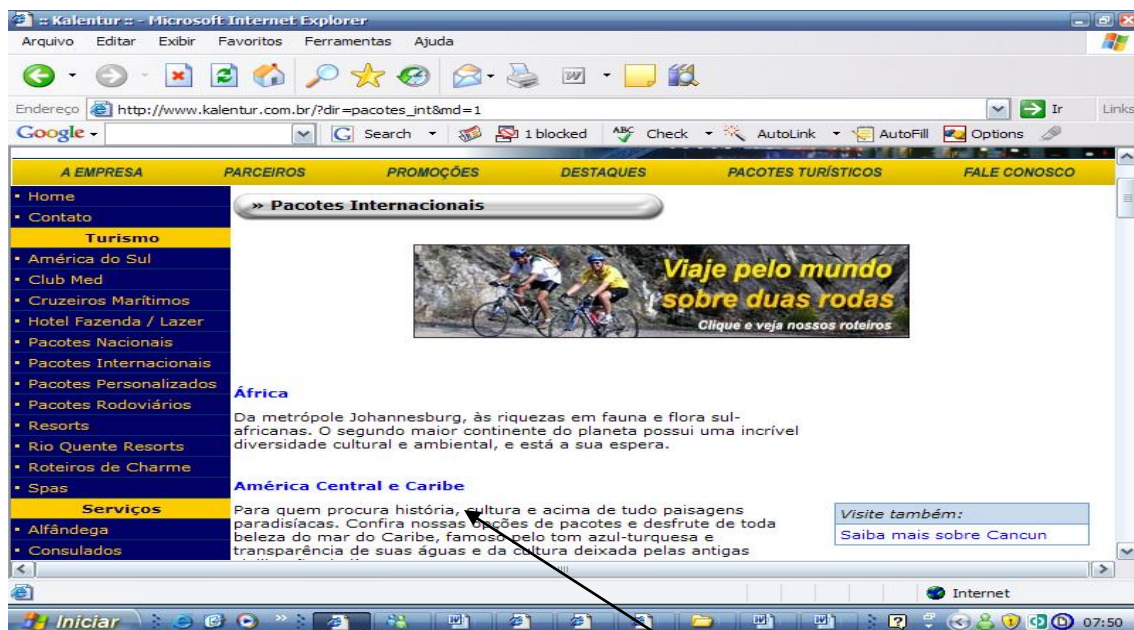
Os *links* ou interconectores são considerados a alma do hipertexto e têm como função precípua estabelecer a ligação entre porções textuais relacionadas àquele texto que está sendo lido. No exemplo (1), há *links* sob a forma de itens lexicais, como os listados na coluna à esquerda, na seção turismo e há aqueles delineados sob a forma de imagens que remetem aos destinos designados pelas mesmas: Recife, Natal, Madrid, Bariloche, entre outros.

Os *links* criam conexões específicas e geram uma rede de significações, desenvolvendo assim um amplo processo intertextual dentro do hipertexto. É importante ressaltar que os *links* são determinados pelo autor do hipertexto, ou seja, eles são determinados por quem constrói o hipertexto e não pelo seu leitor.

Segundo Marcuschi (2002a, p. 7), os *links* são “ligações ou nexos constituídos por itens lexicais, sintagmas ou então ícones ou elementos ressaltados num texto que servem para fazer a conexão ou estabelecer os nexos”. Através da escolha de um determinado *link*, o leitor é remetido a blocos textuais, também chamados de *nós*, que, do mesmo modo, constituem-se como uma das bases do hipertexto. Ainda consoante Marcuschi (2002a, p. 7), “um nó é uma unidade textual que pode ser uma página, um parágrafo ou até mesmo uma palavra, mas seu caráter não é de interconexão e sim de informatividade”.

No exemplo (2), ilustrado a seguir, extraído do mesmo *site* do exemplo anterior, selecionou-se um nó ou bloco textual, gerado a partir da escolha de determinado *link*, neste caso, o de pacotes internacionais, que remeteu o internauta à seguinte porção textual, na qual constam informações sobre pacotes promocionais para a África e América Central:

Exemplo 2:



**Nós
textuais**

- a volatilidade - por ser um conjunto de porções textuais veiculadas na *Internet*, o hipertexto possui um caráter volátil, não tendo a mesma estabilidade dos textos impressos. A fugacidade do hipertexto observa-se a partir das constantes modificações e atualizações sofridas por ele. Sendo assim, o texto veiculado hoje sofre modificações e, muitas vezes o conteúdo do mesmo perde-se no ambiente virtual, passando a ser substituído por outras porções textuais, também voláteis.

Um jornal veiculado na *Internet*, com notícias de última hora, tem um caráter completamente diferente do jornal impresso, por exemplo. A rapidez com que há a mudança das notícias e a atualização das mesmas confere aos jornais virtuais um caráter muito mais dinâmico e volátil. As notícias, que são veiculadas agora, não serão as mesmas de alguns minutos seguintes; as chamadas de notícia (manchetes) que estão postadas agora serão substituídas por outras em questão de minutos. Assim, revela-se o caráter volátil e passageiro do hipertexto, característica inerente ao meio virtual. Os exemplos (3) e (4) a seguir, ilustram bem a volatilidade do hipertexto em um jornal virtual.

Exemplo 3:

Folha Online - Primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Endereço <http://www.folha.uol.com.br/>

UOL 10 ANOS ASSINE BUSCA Web Notícias OK ÍNDICE PRINCIPAL

FOLHA ONLINE **FOLHA DE S. PAULO**
www.folha.com.br Terça-feira, 25 de julho de 2006

Sobre o site | Fale com a gente Assine a Folha | Atendimento ao Assinante | Anuncie

Em cima da hora **Exército israelense assume o controle de reduto do Hizbollah**

Brasil
Mundo
Ciência
Dinheiro
Cotidiano
Esporte
Ilustrada
Equilíbrio
Educação
Informática
Turismo
Especiais
Erramos

A cidade é sua
Ambiente
Este não

FOGO Denis Poroy/AP

Israel domina reduto do Hizbollah; bombardeio mata 9

O Exército israelense assumiu nesta terça o controle de um reduto do Hizbollah no sul do Líbano. Dois militares israelenses e dez extremistas morreram na ação. Em [outra operação](#), bombardeios israelenses mataram nove civis.

- [Bombardeio israelense mata nove civis no sul do Líbano](#)
- [Secretária dos EUA negocia trêgua no Oriente Médio](#)
- [Saiba mais sobre o grupo extremista libanês Hizbollah](#)
- [Leia mais sobre o conflito no Oriente Médio](#)
- [Veja o que já foi manchete](#)

ELEIÇÕES 2006

Lula desafia oposição a comparar seu governo com o de FHC e diz ser vítima de preconceito

busca

Folha Online

Mais buscadas

- [empregos](#)
- [classificados](#)

+ lidos

1. [Ladrões roube polícia](#)
2. [Assaltante mo](#)
3. [Lula desafia o preconceito](#)

Iniciar

Chamada de notícia

Exemplo 4:

Folha Online - Primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Endereço <http://www.folha.uol.com.br/>

UOL 10 ANOS ASSINE BUSCA Web Notícias OK ÍNDICE PRINCIPAL

FOLHA ONLINE **FOLHA DE S. PAULO**
www.folha.com.br Terça-feira, 25 de julho de 2006

Sobre o site | Fale com a gente Assine a Folha | Atendimento ao Assinante | Anuncie

Em cima da hora **Estado de São Paulo deve ter céu claro nesta terça-feira**

Brasil
Mundo
Ciência
Dinheiro
Cotidiano
Esporte
Ilustrada
Equilíbrio
Educação
Informática
Turismo
Especiais
Erramos

A cidade é sua
Ambiente
Este não

FOGO Denis Poroy/AP

Israel domina reduto do Hizbollah; bombardeio mata 9

O Exército israelense assumiu nesta terça o controle de um reduto do Hizbollah no sul do Líbano. Dois militares israelenses e dez extremistas morreram na ação. Em [outra operação](#), bombardeios israelenses mataram nove civis.

- [Bombardeio israelense mata nove civis no sul do Líbano](#)
- [Secretária dos EUA negocia trêgua no Oriente Médio](#)
- [Saiba mais sobre o grupo extremista libanês Hizbollah](#)
- [Leia mais sobre o conflito no Oriente Médio](#)
- [Veja o que já foi manchete](#)

ELEIÇÕES 2006

Lula desafia oposição a comparar seu governo com o de FHC e diz ser vítima de preconceito

busca

Folha Online

Mais buscadas

- [empregos](#)
- [classificados](#)

+ lidos

1. [Ladrões roube polícia](#)
2. [Assaltante mo](#)
3. [Lula desafia o preconceito](#)

Iniciar

Chamada de notícia

Os exemplos acima referem-se a uma mesma data: 25 de julho de 2006. Nestes dois exemplos, porém, existem duas manchetes diferentes: no primeiro há: “exército israelense assume o controle do reduto hizbollah”, e, no segundo: “estado de São Paulo deve ter céu claro nesta terça-feira”. Esse formato de chamadas de notícias que são constantemente substituídas por outras, já acontecia nos telejornais, mas não nos formatos de jornais escritos e sim televisionados. No hipertexto, no entanto, esse formato acontece nos jornais escritos e veiculados na *Internet*, o que atesta a volatilidade constante no hipertexto, característica constitutiva do mesmo.

- a fragmentariedade – o hipertexto é fragmentado, e as porções textuais são interconectadas por *links*. Constitui-se de porções textuais pequenas que se conectam a outras porções textuais formando uma ampla rede de intertextualidade. No exemplo (4), pode-se destacar essa fragmentariedade, já que há inúmeras porções textuais interligadas umas às outras, como se pode atestar observando os trechos retirados do referido exemplo:

a) O Exército israelense assumiu nesta terça o controle de um reduto do Hizbollah no sul do Líbano. Dois militares israelenses e dez extremistas morreram na ação. Em outra operação, bombardeios israelenses mataram nove civis.

b) O presidente Lula disse que se orgulha de seu passado e que não tem vergonha de fazer comparações com governo FHC.

Os trechos listados acima refletem a fragmentariedade do hipertexto, no qual as porções textuais são interligadas entre si através de *links* e imagens. Neste caso, ao clicar sobre a notícia, o internauta é remetido a uma porção textual maior ou ainda a uma imagem relacionada com essa notícia.

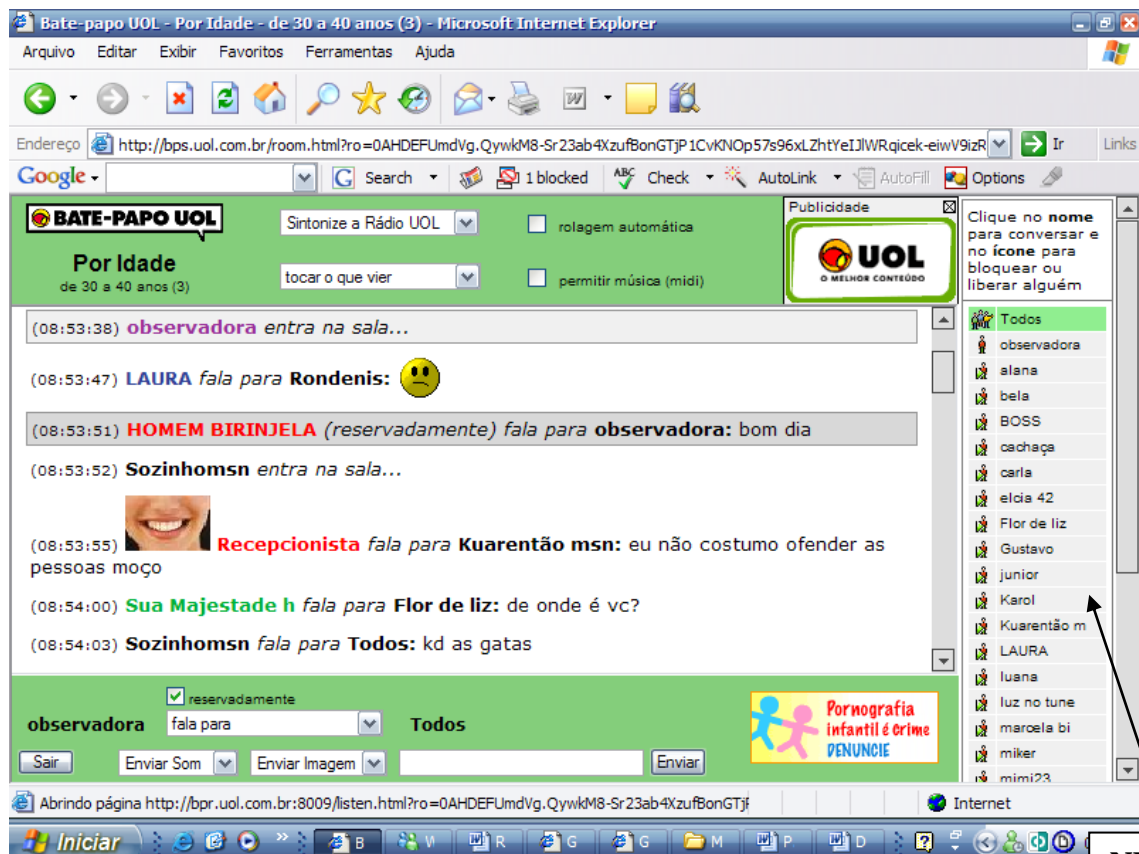
- a interatividade - essa é uma das características mais importantes do hipertexto. A interatividade pode ocorrer de diversas formas: através da construção do caminho da leitura pelo leitor, possibilitada, como já dito anteriormente, a partir

da escolha dos *links*; através da intervenção do leitor no texto com elogios, sugestões, informações etc.

Sendo assim, pode-se afirmar que a interatividade é inerente ao hipertexto. No sentido aqui abordado, não existe hipertexto que não pressuponha um processo interativo, já que a escolha dos caminhos de leitura e a construção coletiva do texto são entendidas como um processo de interatividade.

Além da interatividade inerente ao âmbito hipertextual, existem *sites* cujo objetivo central é promover a interação virtual entre pessoas que, muitas vezes, nem se conhecem e que interagem a partir da formação de comunidades ou grupos de pessoas com interesses semelhantes. O foco central desses *sites* é a interação entre pessoas, feita principalmente através de fóruns de discussão ou através de *chats* (salas de bate-papo). No exemplo a seguir, pode-se atestar o caráter interativo nas salas de bate-papo na *Internet*. Nelas, realiza-se o diálogo virtual, baseado na escrita, entre duas ou mais pessoas.

Exemplo 5:

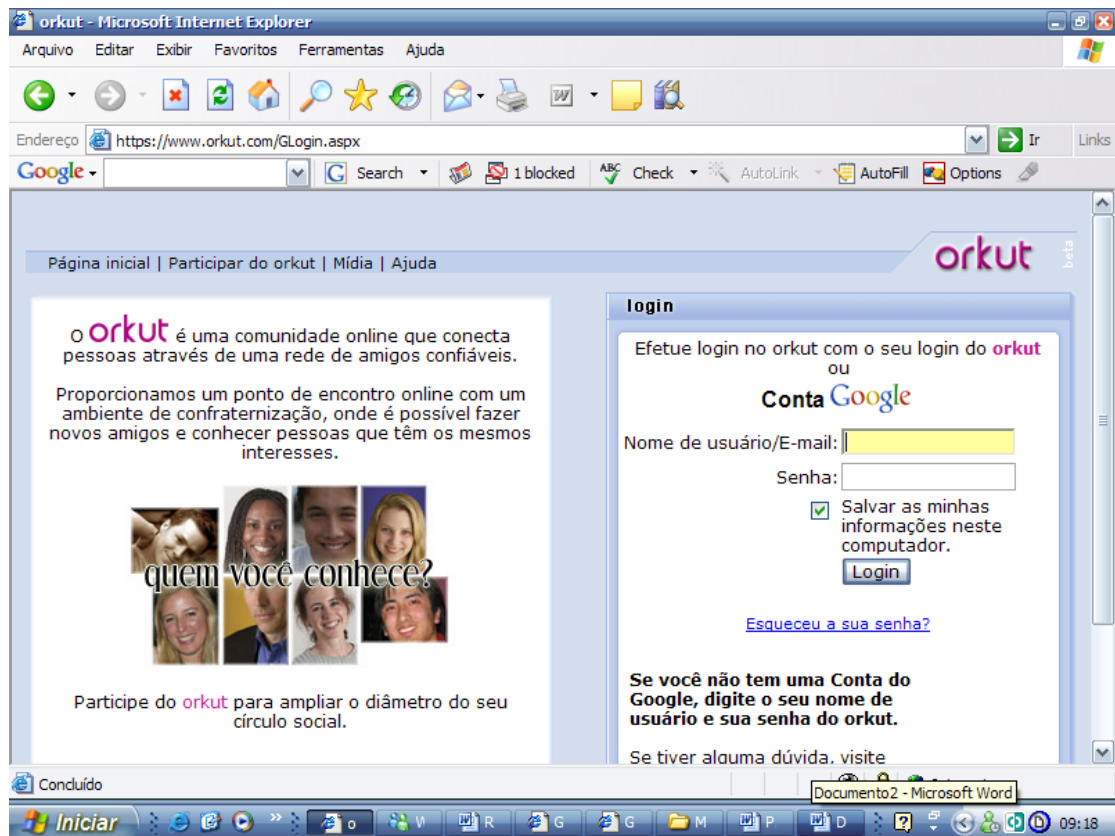


No exemplo (5), pode-se ver o estabelecimento de um diálogo entre duas ou mais pessoas, cada uma interagindo através de um *nick*. Destacam-se aí os seguintes *nicks*: Laura, Homem birinjela, recepcionista, sua majestade h, sozinho msn. Analisando o exemplo (5), vê-se, ao lado direito, os apelidos de todas as pessoas que estão na sala de bate-papo, interagindo, conforme indicação da seta. Ao clicar sobre um dos *nicks*, começa-se a estabelecer um diálogo com a pessoa que está sendo representada na sala por tal apelido. Na parte de baixo, há as opções de envio de som, imagem, ou ainda de conversa reservada com alguém, sem que outros membros possam se inteirar sobre o conteúdo de tal conversa.

Há aí a interação direta entre duas ou mais pessoas que conversam entre si através de um ambiente virtual.

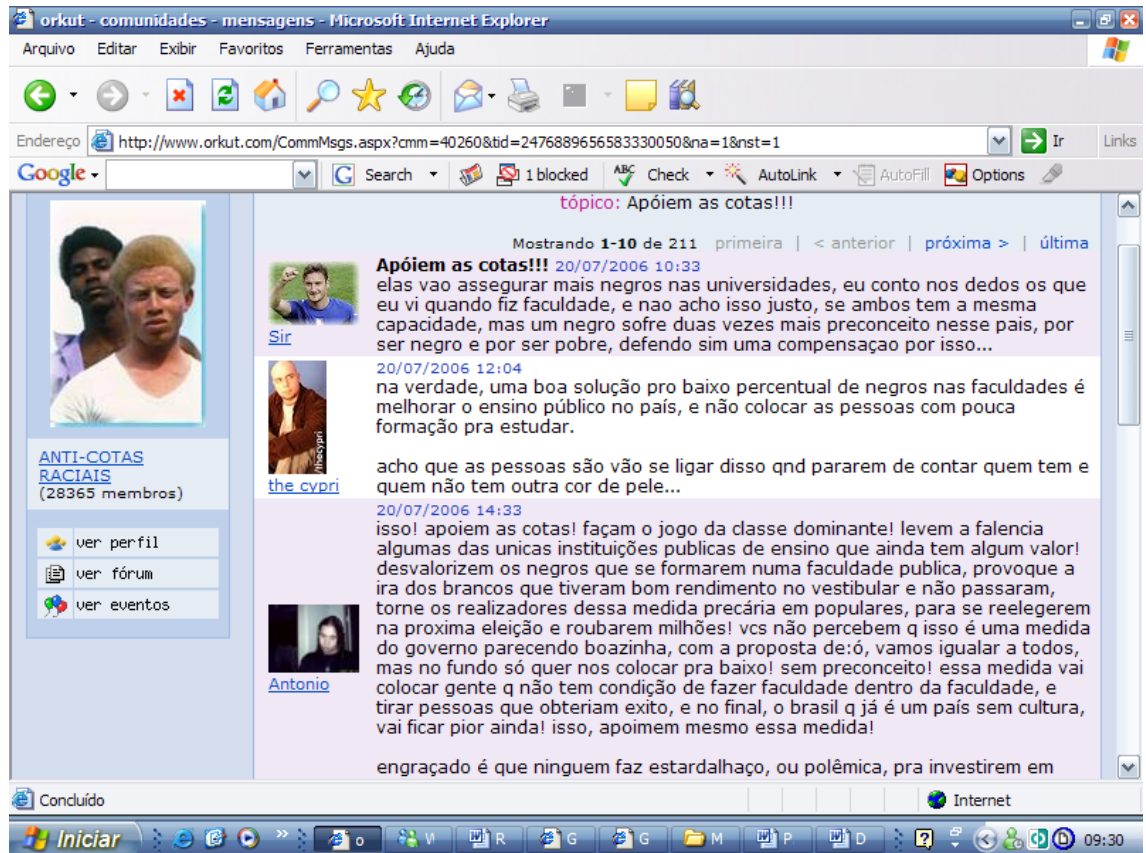
Um outro exemplo de *site* cuja centralidade está na interação direta entre as pessoas é o Orkut, *site* de relacionamentos sociais que proporciona o encontro de pessoas em redes de amigos; bem como a participação das mesmas em comunidades que reúnem membros interessados em discutir ou debater os assuntos propostos nas mesmas. Através do Orkut, o internauta cria uma página particular que contém algumas informações pessoais, tais como data de nascimento, foto, cidade natal, gostos, hábitos e preferências. Através desta página particular ele pode adicionar pessoas conhecidas, amigos, parentes etc. No exemplo a seguir, pode-se observar o caráter interativo do Orkut, evidenciado já na página inicial do *site*.

Exemplo 6:



A própria descrição apresentada no *site* revela o caráter interativo do mesmo: uma grande rede que pretende conectar pessoas conhecidas ou ainda aquelas que não se conhecem, mas que possuem interesses semelhantes. Ao entrarem no Orkut, as pessoas podem conectar-se a comunidades que discutem temas com os quais se identificam ou não, objetivando debater com outras pessoas e defender suas idéias. Debate entre membros da comunidade ocorre através de grandes fóruns de discussões nos quais os indivíduos postam suas idéias que são rebatidas ou apoiadas por outros membros. Veja-se ainda outro exemplo que ilustra a interatividade:

Exemplo 7:



No exemplo (7), destacou-se a participação de membros de uma determinada comunidade discutindo sobre um tema bastante polêmico: as cotas raciais nas Universidades públicas. Como se vê, cada membro coloca sua idéia e debate com outros membros argumentando a favor das idéias defendidas.

- a multissemiose - o hipertexto caracteriza-se também pela possibilidade de interconectar simultaneamente imagens, sons, texto escrito, trechos de filmes, dentre outros, em um mesmo ambiente virtual. Essa é uma das características que o diferencia do texto impresso, pois este último, por questões de suporte tecnológico, não pode reunir tantas semioses quanto aquelas existentes no ambiente virtual.

Os *links* criam conexões específicas e geram uma rede de significações, remetem a diversas porções textuais, gerando assim um amplo processo intertextual dentro do hipertexto. É importante ressaltar que os *links* são determinados pelo autor do

hipertexto, ou seja, eles são determinados por quem constrói o hipertexto e não pelo leitor do mesmo. Ao leitor cabe a decisão de ir por um determinado caminho ou por outro, clicando em um ou em outro *link*, construindo assim o seu próprio caminho de leitura.

O hipertexto traz consigo uma diversidade imensa de gêneros digitais que podem ser considerados uma transmutação dos gêneros textuais. Estes últimos podem ser definidos como textos empiricamente realizados, ou seja, textos materializados numa situação comunicativa oral ou escrita que apresentam características próprias e cumprem funções comunicativas específicas. Alguns exemplos de gêneros textuais são: a carta, o bilhete, o diário, o romance, a novela, o discurso, a piada, dentre outros. No hipertexto, muitos desses gêneros textuais sofreram transmutações apresentando características novas, e conservando algumas características tradicionais, sendo chamados de gêneros digitais, como se poderá notar a seguir.

1.1 BREVE CARACTERIZAÇÃO DOS GÊNEROS DIGITAIS

Segundo Bakhtin (2003, p. 262), os gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, estando ligados à situação concreta da comunicação, já que é através de gêneros que se interage socialmente. Segundo ele, os gêneros ligam-se também à “composição pessoal de seus participantes”; em outras palavras, os gêneros discursivos ligam-se à posição social dos falantes, às relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação, e, também, às intenções discursivas dos mesmos.

Por estarem relacionados às mais diversas esferas da atividade humana, os gêneros discursivos representam uma grande diversidade. Bakhtin (2003, p. 262) afirma:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

Sendo assim, quanto mais se complexifica a sociedade, desenvolvendo novas formas de interação social, maior é o número de gêneros discursivos e maior é a sua heterogeneidade.

Os interlocutores, por sua vez, na atividade comunicativa, estão constantemente optando pela utilização de um gênero em lugar de outro. Essa escolha se faz geralmente através dos seus objetivos e dos propósitos comunicativos que estes possuem no processo de interação comunicativa.

Bakhtin (2003 p. 263) aponta ainda para a existência de basicamente dois tipos de gêneros discursivos. São eles: os gêneros primários e os secundários. Os gêneros primários “são aqueles que se formam nas condições de comunicação discursiva imediata”, enquanto que os gêneros secundários “são aqueles que surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito mais desenvolvido e organizado”. Assim, pode-se dizer que, no processo de formação de gêneros discursivos secundários, há a incorporação dos gêneros primários, os quais são absorvidos e transmutados. Dessa forma, conclui-se que os gêneros discursivos secundários “não são inovações absolutas, quais criações *ab ovo*, sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes” (MARCUSCHI, 2002b, p. 20).

Tomando como ponto de partida a definição Bakhtiniana de gêneros discursivos, faz-se necessário, neste momento, definir gêneros digitais. Estes podem ser definidos como gêneros discursivos surgidos com o advento da Internet no seio do Hipertexto. Como se viu anteriormente, os gêneros discursivos ligam-se às mais diversas atividades humanas, as quais se complexificam com o desenvolvimento da sociedade. A Internet representa, portanto, um exemplo do resultado da complexificação da sociedade: as novas tecnologias originaram também novas formas de atividade social, sendo a interação através do computador, uma das formas de interatividade muito comum nos dias atuais.

Destarte, esses novos modos interativos originaram novos gêneros do discurso, que se adaptam ao desenvolvimento tecnológico da sociedade. Bakhtin (2003, p. 263) observa que os gêneros secundários, derivados da complexificação social, surgem sempre ancorados em gêneros primários, os quais são, por aqueles reelaborados, conforme se observa na citação a seguir, referindo-se aos gêneros secundários:

[...] no processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições de comunicação discursiva imediata. Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios:(...)

(BAKHTIN 2003, p. 263)

Assim, pode-se afirmar que os gêneros digitais constituem-se como gêneros secundários e representam transmutações de gêneros pré-existentes (o *e-mail* é a transmutação da carta, o *chat* da conversa entre amigos, o *blog* do diário tradicional).

Gêneros digitais, portanto, é o nome dado às novas modalidades de gêneros discursivos surgidos com o advento da Internet, dentro do hipertexto. Eles possibilitam, dentre outras coisas, a comunicação entre duas ou mais pessoas mediadas pelo computador. Este processo de comunicação, chamado de Comunicação Mediada por Computador (CMC), caracteriza-se basicamente pela centralidade da escrita e pela multiplicidade de semioses: imagens, sons, texto escrito, dentre outras. A Internet veio a inaugurar uma forma significativa de comunicação e de uso da linguagem, através dos gêneros digitais, marcados, em especial, pela fugacidade e volatilidade do texto, como no caso das salas de bate-papo, onde as conversas entre duas ou mais pessoas acontecem em tempo real e de maneira síncrona, tornando então o texto fugaz; pela interatividade, já que permitem a interação entre o leitor e o texto (como no caso dos *blogs*, onde os leitores podem opinar, mandar recados ou discordar do que foi escrito, interferindo, assim, no texto virtual); pelo anonimato, em alguns casos, como os das salas de bate-papo abertas, onde as pessoas se escondem atrás de um nickname (apelido), criando uma nova ou novas identidades virtuais.

A CMC possibilita uma grande inovação no conceito de texto, marcado não mais pela defasagem temporal entre o momento da escrita e a sua veiculação ou publicação, mas sim pela relação temporal síncrona na maioria dos casos; e pela união de imagem (como por exemplo os ícones que expressam emoções diversas, conhecidos como emoticons), som (músicas de todos os estilos) e texto escrito.

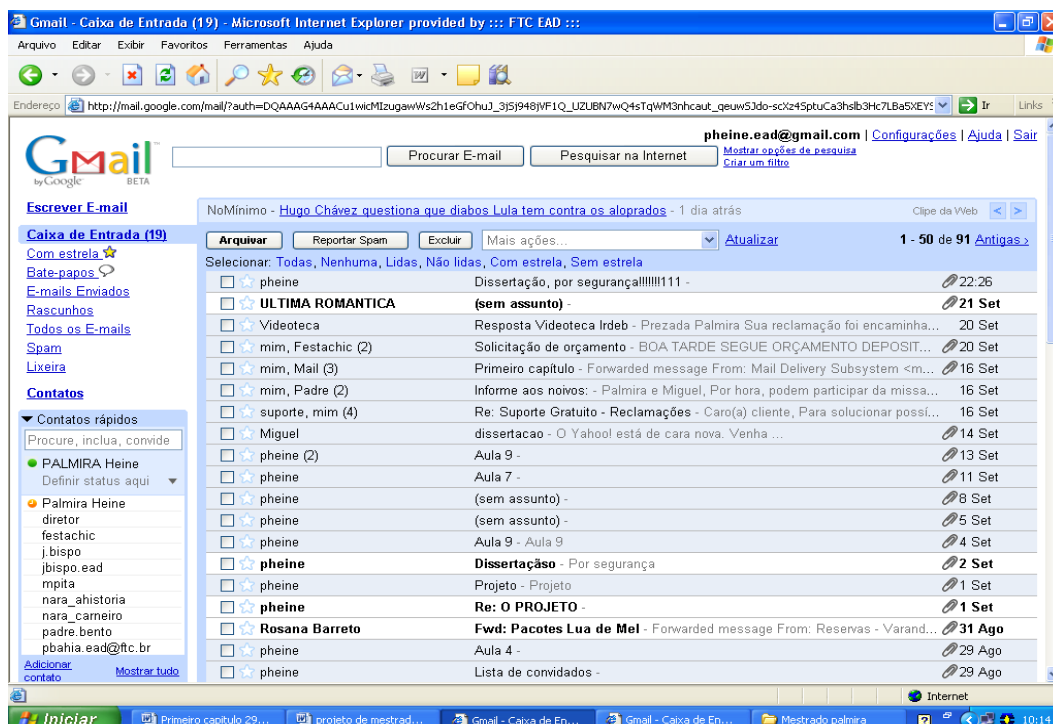
Como afirma Freire (2003, p. 24):

Abreviaturas, recursos gráficos que ocupam o lugar de palavras, gírias, sinais de pontuação decorados com desenhos, onomatopéias, letras estilizadas com formas gráficas definidas, palavras de outra língua (aportuguesadas ou não) ganham sentido num texto minuciosamente escrito em cores diversas.

1.1.1 Os e-mails

Os *e-mails* – assemelham-se a cartas ou bilhetes virtuais que podem ser formais ou informais, dependendo do objetivo a que se destinam. Os *e-mails* são assíncronos, mas possibilitam uma enorme rapidez na troca de informações, permitindo uma maior velocidade na resposta, independentemente da distância em que os interlocutores se encontram. Representam uma transmutação dos bilhetes tradicionais, porém com características inovadoras como a presença de *emoticons animados*, que são, como já dito anteriormente, ícones que permitem a expressão de sentimentos ou emoções, tais como alegria, tristeza, surpresa, sono, chateação, etc. Contudo, eles não são tão comuns nos *e-mails* formais, mas que ocorrem muito em ocasiões informais.

Exemplo 8:



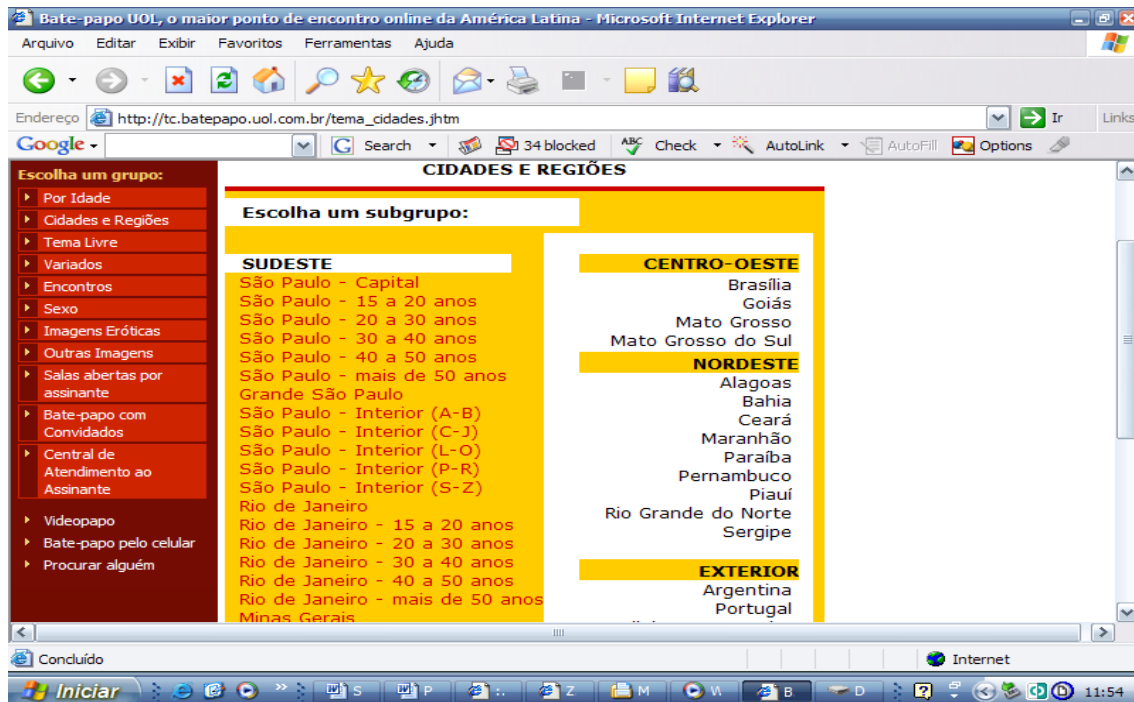
Os *e-mails* são amplamente utilizados hoje e têm como função básica trocar as mais variadas informações entre pessoas, instituições etc. Eles possibilitam também uma comunicação mais rápida entre pessoas que se encontram geograficamente distantes, como também o armazenamento de mensagens enviadas ou “rascunhos” em sub-pastas criadas com função de armazenamento das mensagens.

1.1.2 Os *chats*

Os *chats* distinguem-se dos *e-mails* por serem síncronos, por processarem diálogos, centrados basicamente na escrita, entre duas ou mais pessoas. Também se caracterizam pela fugacidade do texto, que está em constante atualização, característica inovadora que permite uma nova forma de comunicação entre duas pessoas, através da centralidade na escrita. Ao participarem das salas de bate-papo, os indivíduos criam um apelido (*nick*), que será utilizado durante a conversa virtual; a partir daí, escolhe-se uma sala para começar o bate-papo. A interatividade dos *chats* é algo que salta aos olhos, já que este permite que uma pessoa “converse” com várias outras ao mesmo tempo. O fato de permitir o diálogo através da escrita *online*, sem que os interlocutores precisem necessariamente estar presentes, gera a criação de mecanismos e estratégias que representam o diálogo face a face, o que pressupõe a presença de marcas da oralidade nas conversas dos *chats*, que reproduzem frases curtas, abreviações, dentre outras características antes peculiares à modalidade oral. Os principais tipos de *chats* são: *chats* abertos, fechados, *aulas-chat*, e entrevista com convidado. Comentar-se-á a seguir sobre os dois primeiros e mais utilizados *chats*.

a) *Chats* abertos: os *chats* abertos são aqueles que permitem a participação de quaisquer internautas. Geralmente, um internauta que queira participar das chamadas salas de bate-papo (um ambiente virtual criado para propiciar a interação de diversas pessoas), deve escolher inicialmente um *nick*, ou apelido. Após isso, deve-se escolher uma sala da qual queira participar. O exemplo a seguir mostra as opções de escolha que um internauta pode fazer ao participar de um *chat* aberto.

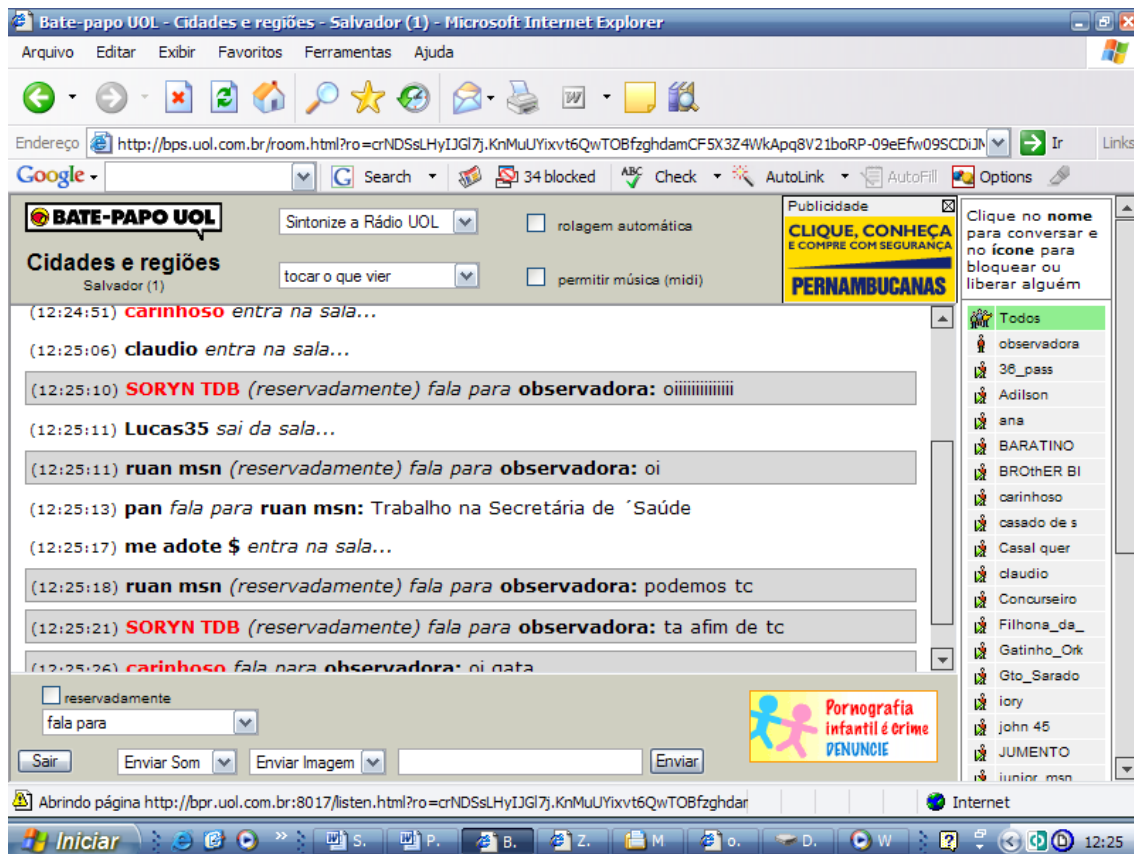
Exemplo 9



Ao entrar no ambiente virtual do bate-papo Uol, o internauta pode selecionar entre uma das opções da coluna à esquerda no exemplo (9): Por Idade, Cidades e Regiões etc. No caso do exemplo citado, foi escolhida a opção Cidades e Regiões e o internauta foi automaticamente remetido a uma página na qual ele poderia escolher um dos subgrupos ali listados. Após essa segunda escolha, o internauta seria remetido a uma sala onde pessoas de uma das sub-regiões escolhidas estariam interagindo.

Ao escolher uma das sub-regiões, o internauta é remetido a uma sala como a que está exemplificada a seguir:

Exemplo 10:



A linguagem utilizada nas salas de bate-papo possui características *suis g neris* tais como: um infinito número de abreviaturas criadas diante da necessidade de estabelecer a comunica o rapidamente; a presença de uma tendência para a chamada “escrita fonética”, visto que o internauta, em linhas gerais, estabelece uma rela o biunívoca entre unidades sonoras da língua e sinal gráfico, priorizando os fonemas das palavras e não a ortografia das mesmas. A título de ilustra o, mencionam-se as expressões “quero” e “não”, escritas, respectivamente, como “kero” e “naum”. Além disso, os enunciados são curtos e a linguagem   bastante informal; possui muitas vezes caráter homof nico, como no caso das palavras 100sa o, 100nome, BonitaD+, dentre outras.

b) *Chats* fechados – uma outra modalidade de bate papo na *Internet*   aquela baseada nos *chats* privados, tais como o MSN ou o ICQ. Neles, apenas as pessoas autorizadas pelo internauta podem interagir com ele. Dessa forma, cria-se uma lista de amigos com os quais   possível interagir desde que estes estejam *online*.

Exemplo 11



Os *chats* fechados são muito utilizados atualmente por inúmeros internautas, pois permitem uma comunicação síncrona, entre pessoas ou grupo de pessoas, reduzindo as distâncias e possibilitando a interação através da escrita.

1.1.3 Listas de Discussão

São espécies de grupos formados por pessoas com os mesmos interesses que interagem através de *e-mails*. Este gênero é muito comum em comunidade de estudantes universitários que criam listas para debater sobre determinado tema. As mensagens são enviadas para todos os membros do grupo através de *e-mails*. Geralmente, elas ficam armazenadas num arquivo virtual criado pelo moderador (espécie de *webmaster* cuja função é gerenciar o envio de mensagens e a entrada de novos membros) no grupo, permitindo que os participantes do mesmo possam ter acesso ou não às mensagens antigas. Para participar de uma lista de discussão, a pessoa, na maioria das vezes,

precisa ser aceita pelo moderador, que autoriza ou não o seu ingresso, levando em conta o interesse do indivíduo pela discussão dos temas que serão tratados na lista.

1.1.4 *Blogs*

Após ter sido realizada uma abordagem acerca do que vem a ser o hipertexto e quais as suas características principais, faz-se, nesta etapa, a caracterização e definição dos *blogs*, bem como uma discussão acerca das especificidades do discurso intimista nos *blogs*.

Consoante Oliveira (2002, p. 121), na década de 90 do século XX, época em que a *Internet* começa a se popularizar como instrumento de pesquisa e comunicação, surge um fenômeno conhecido como “a primeira onda da *web* escriturável”, na qual as pessoas poderiam através de ferramentas simples, postar diários *online*. Nessa época, porém, as ferramentas utilizadas para a construção de páginas pessoais não eram muito sofisticadas e não possibilitavam o armazenamento de inúmeras imagens e nem a rapidez de atualização, se comparadas às ferramentas dos dias atuais. Nesse período, poucas pessoas utilizavam a *Internet* e o número de diários virtuais era muito pequeno.

Já a “segunda onda da *web* escriturável” trouxe uma grande popularização da *Internet*, pois permitiu a democratização de acesso e aumentou a velocidade na publicação virtual de páginas pessoais, o envio de *e mails*, dentre outros. Esse período se iniciou por volta do ano de 1999 e possibilitou um aumento significativo do número de pessoas que postavam diários virtuais. Nesta época, surgiram *softwares* gratuitos que permitiam que qualquer pessoa (mesmo aquela que não conhecesse a linguagem HTML²) pudesse construir páginas pessoais e atualizá-las constantemente. O primeiro *software* gratuito foi criado pela empresa norte-americana *Pitas* que deu lugar posteriormente a outros *softwares* tais como o *Blogger*, que se popularizou e tornou-se a base para a construção de páginas pessoais na *Internet*. A partir de ferramentas como essa, qualquer um pode criar e postar virtualmente uma página pessoal, atualizando-a se julgar necessário. O termo *blog* deriva da expressão inglesa *Weblog*, cujo significado

² **HTML** é uma sigla do termo *HyperText Markup Language*; é uma das linguagens utilizadas para desenvolver páginas na *Internet*; existem outras linguagens mais avançadas, porém, a maioria dos sites funciona em linguagem HTML.

atual é algo como "diário da *web*". O *site* Interney³ fornece informações acerca do que vem a ser um *blog* e de como criar um diário digital.

Segundo o referido *site*:

Blog é uma abreviação de *weblog*, qualquer registro freqüente de informações pode ser considerado um *blog* (últimas notícias de um jornal *online* por exemplo). A maioria das pessoas tem utilizado os *blogs* como diários pessoais, porém um *blog* pode ter qualquer tipo de conteúdo e ser utilizado para diversos fins. Uma das vantagens das ferramentas de *blog* é permitir que os usuários publiquem seu conteúdo sem a necessidade de saber como são construídas páginas na *Internet*, ou seja, sem conhecimento técnico especializado.

(INTERNEY, 2006)

A definição e características citadas anteriormente mostram o *blog* como qualquer registro freqüente de informações. Ressalta-se a possibilidade de se utilizar o *blog* não só como página pessoal, mas também como espaço para a publicação de inúmeras mensagens com conteúdos diversos. Na citação também se coloca a questão da facilidade de construção de um *blog*, mesmo que o internauta não domine a linguagem HTML, necessária para construir *sites* de páginas pessoais.

Komesu (2005, p. 99) chama a atenção para a estrutura textual dos *blogs*, composta por parágrafos curtos e pela publicação das mensagens em ordem cronológica. Assim, a referida pesquisadora define *blog* da seguinte maneira:

O *blog* pode ser definido, portanto, como uma página *web*, composta de parágrafos dispostos em ordem cronológica (dos mais aos menos atuais, colocados em circulação na rede), atualizada com freqüência pelo usuário. O dispositivo permite a qualquer usuário a produção de textos verbais (escritos) e não-verbais (com fotos, desenhos, animações, arquivos de som), a ação de copiar e colar um *link* e sua publicação na *web*, de maneira rápida e eficaz, às vezes praticamente simultânea ao acontecimento que se pretende narrar.

A organização textual dos *blogs* é marcada por inúmeros *posts* escritos pelos *blogueiros*⁴ e organizados de forma cronológica. Os escreventes de *blogs* podem, em

³ Retirado de www.interney.net acesso em 20-8-2006.

questão de minutos, postar mensagens de diferentes conteúdos. Pode-se afirmar que existem atualmente diversos tipos de *blogs* que possuem propósitos comunicativos diferentes.

Assim, há os *blogs* políticos que objetivam discutir questões relacionadas à política, além de proporcionarem um espaço interativo entre os internautas e os candidatos; os jornalísticos, nos quais são veiculadas notícias e reportagens de maneira independente, sem a censura das grandes empresas jornalísticas; os *blogs* educativos, destinados a propiciar um espaço para a construção do conhecimento e veiculação de conteúdos e textos ligados às diferentes disciplinas abordadas em sala de aula; os fotologs (ou *flogs*) que são espécies de álbum no qual são postadas fotos digitais acompanhadas de legendas, e os *blogs* pessoais, espaços digitais nos quais os escreventes falam sobre seu dia-a-dia, suas intimidades etc. sendo estes últimos objeto de análise desta dissertação.

1.2 BLOGS PESSOAIS

Consoante Sibilía (2003), o fenômeno de revelações da intimidade na *Internet* se faz presente principalmente nos *blogs* pessoais, que, segundo a autora, podem ser definidos como “diários pessoais publicados na *Internet*, uma modalidade de “escrita íntima” ou de narração auto-referente, conhecida como *weblogs* ou, simplesmente, *blogs*”. Segundo ela, os *blogs* pessoais atendem a uma necessidade muito presente na sociedade pós-moderna: a visibilidade. A autora defende a idéia de que os *blogs* representam um processo de escancaramento da intimidade em um espaço público. Isso pode ser visto no trecho a seguir:

O fato dos novos diários íntimos serem publicados na *Internet*, não é um detalhe menor, pois o principal objetivo de tais estilizações do eu parece ser, precisamente, a visibilidade – em perfeita sintonia, aliás, com outros fenômenos contemporâneos que se propõem a escancarar a minúcia mais “privada” de todas as vidas ou de uma vida qualquer: dos reality-show decalcados no modelo Big Brother às revistas no estilo Caras, dos programas de TV que se inscrevem na linhagem do Ratinho livre à proliferação de documentários em primeira pessoa, do sucesso editorial das biografias à crescente importância da imagem nos políticos e em outras figuras públicas, etc. (SIBILIA, 2003)⁵

⁴ O termo *blogueiro* é utilizado para referir-se ao internauta que possui um *blog* e que o utiliza com frequência.

⁵ Retirado do site :http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2003/body_sibilia_2003.htm. Acesso em 02/08/2005.

Para Oliveira (2002), os *blogs* representam um espaço destinado ao discurso intimista e confessional, por isso são muito semelhantes aos diários escritos e secretos ainda utilizados por algumas adolescentes. A referida autora ressalta o fato de que os *blogs* inicialmente serviam apenas como filtro de notícias, não sendo, portanto, nessa época, um espaço de revelação da intimidade. No entanto, rapidamente os *blogs* como filtro de notícias deram origem aos *blogs* pessoais. O formato textual dos mesmos, marcado pela postagem de mensagens datadas e organizadas em ordem cronológica cumpria a função de um verdadeiro diário postado na rede.

Assim, Oliveira (2002, p. 144) afirma:

Em pouco tempo os diários virtuais no formato *blog* evoluíram de filtro de notícias para um conceito mais diretamente ligado aos tradicionais diários íntimos, antes trancados a sete chaves. De fato muitos deles são utilizados como lugar exclusivo onde o blogueiro conta o dia-a-dia, faz confissões, desabafos, bem aos moldes do diarismo tradicional.

Nota-se que tanto a definição dada por Sibilia (2003) quanto aquela fornecida por Oliveira (2002) privilegiam a noção de que o *blog* representa o escancaramento da intimidade num espaço público, cujo acesso está atualmente facilitado pelo uso de computadores e acesso à *Internet*.

Komesu (2005, p. 198) argumenta que o *blog* representa um modo de enunciação baseado no que ela chama de “publicização de si”, cujo objetivo principal do enunciador é ser visto. Segundo a pesquisadora (2005, p. 198), o *blog* instaura “um modo de enunciação fundado na publicização de si na relação com a intimidade construída entre enunciador e co-enunciador”.

Após tecer essas considerações, cabe perguntar: de que modo o co-enunciador pode interferir no discurso do enunciador, marcando-o e restringindo-o? Nesta pesquisa pretende-se defender, através do esquema de Maingueneau (2005), a idéia de que a intimidade revelada nos *blogs* é uma intimidade restrita, moldada às expectativas dos co-enunciadores, e dirigida muitas vezes por imagens pré-discursivas feitas por eles, baseadas em estereótipos comuns e partilhados por enunciadores e co-enunciadores.

Quanto à estrutura, pode-se afirmar que os *blogs* pessoais caracterizam-se pela postagem de mensagens geralmente destinadas a um determinado grupo de pessoas conhecidas (os co-enunciadores). As mensagens, também chamadas de *posts* pelos *blogueiros*, são organizadas cronologicamente. Ao final de cada um dos *posts*, há um *link* que possibilita ao leitor comentá-lo, interagindo assim com o escrevente do *blog*.

Na maioria dos *blogs* pessoais, há um espaço destinado à postagem de *links* para os *blogs* de amigos, colegas e conhecidos, formando uma grande rede intertextual.

A escrita dos *blogs* aproxima-se do tom coloquial e não segue as regras da norma culta. No caso dos *blogs* de adolescentes, é comum encontrarem-se gírias, abreviaturas e a mistura entre letras em caixa alta e caixa baixa, caracterizando um tipo de escrita muito próprio dos adolescentes internautas escreventes de *blogs*. Muitas vezes encontrar-se-á, nos *blogs*, tendência para uma escrita fonética, onde as palavras estarão grafadas de maneira muito próxima ao modo como se fala. Assim, como exemplo há palavras como não, que nos *blogs* são escritas como *naum*, tão, como *taum* etc.

Para exemplificar o tipo de linguagem coloquial⁶ e muito próxima à fala, bastante comum nos gêneros digitais, e que se faz presente também nos *blogs*, lança-se mão do exemplo (12), no qual se destacam alguns elementos que podem caracterizar o tom coloquial da linguagem:

Exemplo 12:

daiH galera **essi** ano passou **mto** rápido, **mtas** coisas inesperadas aconteceram e **tals....** e **qndo** bate a saudade eu vou **pru** mar... fecho os meus olhos e sinto **vc** chegar.

(Retirado do *blog* da cacazuda www.cacazuda.weblogger.terra.com.br)

Em (12) há a escrita fonética reproduzindo a fala como no caso de *essi* (referindo-se a *esse*), e *pru* (reprodução de *para o*). O uso de abreviaturas também é muito comum, como se pode notar no exemplo destacado anteriormente como: *mto* (muito), *mtas* (muitas), *qndo* (quando), *vc* (você) etc.

Por ser um gênero digital emergente no seio do hipertexto é comum observar-se nos *blogs* o hibridismo entre som e imagem, trechos fragmentados de textos nos *posts*. Ao

⁶ Vale ressaltar que a linguagem coloquial muito próxima à fala não é algo específico nem particular dos *blogs*, mas é um fenômeno generalizado dos gêneros digitais no hipertexto. A rapidez com que a comunicação se processa faz com que haja frases curtas, abreviaturas, e recursos imagéticos bastante utilizados no hipertexto.

final de cada *post* (mensagem) publicado no *blog* pelo escrevente, há um link que possibilita ao leitor comentar aquilo que foi postado ou deixar um recado para o escrevente. Esse caráter interativo não é exclusividade do *blog*, mas, como já se viu anteriormente, é algo propiciado pelo ambiente hipertextual que tem como base central a interatividade e a possibilidade do leitor também virar autor. No caso dos *blogs*, essa característica chama atenção, pois neles é permitido ao escrevente postar mensagens na seção de comentários ou ainda postá-las no corpo do texto do *blog*, na hipótese de ter a senha de acesso ao mesmo, muitas vezes fornecida pelo escrevente.

A especificidade dos *blogs* é, portanto, o fato deste se constituir como um espaço destinado à revelação da intimidade numa esfera pública, onde qualquer pessoa pode ter acesso às mensagens ali postadas. A construção da intimidade nos *blogs* ocorre, portanto, sempre partilhada por um “outro” que pode ser o leitor direto ou indireto do *blog* e que, a partir de sua interação ou de sua simples presença, influenciará na construção do discurso intimista dos blogueiros.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A CENA ENUNCIATIVA: O *ETHOS*, O AUDITÓRIO E O *PÁTHOS*

Objetiva-se, neste trabalho, fazer um estudo sobre a forma como os escreventes de *blogs* (que aqui serão denominados também de *blogueiros*), formam uma imagem de si através do discurso. Desse modo, pretende-se identificar de que forma é criado o *ethos* dos *blogueiros*, e também de que modo esse *ethos* é construído para adaptar-se a um auditório particular. Assim, utilizar-se-á nesta pesquisa, como fundamentação teórica a definição de *ethos* de Maingueneau (1997, 2001, 2005a, 2005b, 2006), que se circunscreve na Análise do Discurso de linha francesa. No entanto, para abordar o conceito de *ethos*, *páthos* e de auditório, far-se-ão também incursões pela Retórica, tendo como base as obras de Aristóteles (1998) e de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996). Assim, em 2.1, abordar-se-á o conceito de *ethos*, partindo da obra de Aristóteles (1998); no segundo subitem, abordar-se-á o conceito de *ethos* em Maingueneau (2005) e no terceiro subitem abordar-se-ão os conceitos de auditório e de *páthos*, baseando-se na nova Retórica.

2.1 O *ETHOS*

Todo discurso pressupõe a construção de uma imagem daqueles que estão envolvidos no processo interativo. Segundo Amossy (2005, p. 9), “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”. Para construir tal imagem, não é necessário que o enunciador⁷ fale sobre si ou apresente para os ouvintes suas características, suas qualidades e defeitos, pois, no momento do discurso, lançam-se

⁷ O termo enunciado é utilizado por Maingueneau (2001) com o valor de frase inscrita num contexto particular. Enunciador, na perspectiva do autor, seria aquele a quem se outorga no discurso uma posição institucional que marca sua relação com o saber. O co-enunciador, portanto, seria aquele a quem o enunciador dirige o seu discurso, que não é entendido como uma figura dotada de passividade, mas que exerce um papel ativo no processo discursivo. O termo co-enunciador foi introduzido pela lingüística enunciativa por Culioli, como um termo correlativo ao de enunciador, acentuando a idéia de que a enunciação é um processo no qual dois participantes desempenham um papel ativo, pois numa enunciação há uma alternância do papel de ouvinte e locutor, fazendo com que ambos participem de forma dinâmica do processo enunciativo.

Enquanto a Análise do Discurso utiliza as terminologias enunciador e co-enunciador, a Retórica fala em locutor e receptor. Segundo os estudos retóricos, o locutor designa a pessoa que fala, aquela que emite uma mensagem no ato da comunicação efetiva. Consoante Charaudeau & Maingueneau (2004, p. 311), o locutor é o sujeito falante responsável pelo ato de linguagem e, portanto, exterior a este. Opõe-se, nessa mesma relação de exterioridade, ao sujeito que acolhe o ato de linguagem que pode ser designado nos termos de interlocutor, receptor ou alocutário. Portanto, para os estudos retóricos, utiliza-se a terminologia orador como sinônimo da terminologia locutor, e auditório como sinônimo de receptor.

pistas acerca desta imagem: seu estilo, sua visão de mundo, seu conhecimento acerca de determinados assuntos, dentre outros, que permitirão aos ouvintes realizar a construção da imagem do enunciador.

Acoplada à Análise do Discurso, a terminologia *ethos* diz respeito a textos orais e escritos, nos quais os enunciadores oferecem uma imagem de si através do discurso. Assim, dizer que os participantes do discurso criam uma imagem de si através dele, significa também afirmar que o discurso carrega as marcas do enunciador e do co-enunciador, entendidos aqui como aqueles que interagem no processo discursivo. As imagens do enunciador e do co-enunciador agem no campo discursivo, de modo a ser parte constituinte do processo enunciativo. À construção dessa imagem de si no discurso convencionou-se chamar de *ethos*.

Para discorrer sobre o *ethos* é imprescindível retomar a tradição antiga, proveniente da Grécia, focalizando principalmente a teoria de Aristóteles, que foi o responsável por sistematizar a Retórica como a arte da persuasão. Foi com Aristóteles que o conceito de *ethos* foi colocado como ponto fundamental para o exercício de persuasão. Segundo ele, há três espécies de provas empregadas pelo orador para persuadir seu auditório, quais sejam: o caráter do orador (o que ele chamou de *ethos*); as paixões despertadas nos ouvintes (o *páthos*), e o próprio discurso (o *lógos*). Assim, o ouvinte se deixa convencer pelas três provas. O *páthos* é, em Aristóteles, a representação dos sentimentos do próprio auditório. Para convencê-lo é preciso impressionar, seduzir, fundamentar os argumentos na paixão, para que se possa aumentar o poder de persuasão. Dessa forma, o *páthos* liga-se ao ouvinte, sobre o qual recai a carga afetiva gerada pelo *lógos* do orador. Este último, por sua vez, como sendo o discurso, convence, por si mesmo, pelos argumentos utilizados em situação de comunicação concreta. O *lógos* pode ser ornamental, literário, argumentativo etc. O tipo de argumento dependerá da situação comunicativa concreta na qual se insere o orador. Consoante Meyer (1994, p. 43):

O orador é simbolizado pelo *ethos*: a sua credibilidade assenta no seu caráter, na sua honorabilidade, na sua virtude, em suma, na confiança que nele se deposita. O auditório é representado pelo *páthos*: para convencê-lo é preciso impressioná-lo (...) Resta enfim, a terceira componente, sem dúvida, mais objetiva: o *lógos*, o discurso.

O *ethos*, portanto, estaria ligado ao orador, ao seu caráter, à sua virtude, na confiança que ele pode gerar no auditório. O caráter (ou *ethos*) do orador constituirá ponto importante na persuasão, pois, segundo Aristóteles (1998, p. 49):

Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas sobretudo nas de que não há conhecimento exacto e que deixam margem para dúvida.

Dessa forma, Aristóteles argumenta que a confiança do auditório no orador reveste-se de maior importância “sobre aquelas coisas em que não há possibilidade de se ter certeza e que deixam lugar a dúvidas” (ROHDEN, 1997, p. 90).

O *ethos* aristotélico não pode ser compreendido isoladamente do *páthos* e do *lógos* no processo retórico; no entanto, Aristóteles afirma que o *ethos* constitui praticamente a mais importante das provas. Meyer (1994, p. 49-50) afirma, então:

Páthos, *lógos* e *ethos* encontram-se sem que possamos nunca delimitá-los com precisão. A autojustificação implica argumentos (*lógos*) mas também o ter em conta o outro (*páthos*) a quem se quer agradar para ser aceito ou a quem se quer manipular (*ethos*).

Assim, na concepção aristotélica, o *ethos* será o caráter do orador representado através do discurso, caráter esse que desempenhará um importante papel na persuasão. O *ethos*, para Aristóteles, pode ser compreendido como a imagem de si que o orador cria através do discurso (o *ethos* se faz no âmbito do discurso) e não equivale necessariamente ao caráter real do orador.

2.2 O *ETHOS* EM MAINGUENEAU

A Análise do Discurso, tendo como principal expoente nos estudos do *ethos* Maingueneau (1997, 2001, 2005a, 2005b, 2006), vai retomar o conceito aristotélico de *ethos* quando afirma que este é a imagem de si no discurso. No entanto, a Análise do

Discurso vai além dos estudos elaborados pela Retórica, pois pretende analisar as imagens criadas pelos enunciadores no discurso, baseando-se não apenas em situações de eloquência judiciária ou em enunciados orais, mas se estendendo a todo e qualquer discurso, mesmo àqueles presentes no texto escrito.

A noção de *ethos*, para ele, permite refletir sobre o processo mais geral da adesão dos sujeitos a uma certa posição discursiva. Retomando a idéia aristotélica de que o *ethos* é construído na instância do discurso, Maingueneau (2005, 2005b) afirma que não existe um *ethos* preestabelecido, mas sim um *ethos* construído no âmbito da atividade discursiva. Assim, a imagem de si é um fenômeno que se constrói dentro da instância enunciativa, no momento em que o enunciador toma a palavra e se mostra através do seu discurso. Barthes apud Maingueneau (2005a, p. 70) define, então, o *ethos*, da seguinte maneira:

São os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão: são os ares que assume ao se apresentar (...). O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: eu sou isso e não aquilo.

Assim, diz-se que o *ethos* liga-se ao orador, através principalmente das escolhas lingüísticas⁸ feitas por ele, escolhas estas que revelam pistas acerca da imagem do próprio orador, continuamente construída no âmbito discursivo.

Ao sistematizar o conceito de *ethos* para a Análise do Discurso, Maingueneau (1997, 2001, 2005a, 2005b, 2006) afirma que este se liga diretamente ao tom⁹ que engendra o discurso. Esse tom, por sua vez, estaria ligado a uma corporalidade e ao caráter do enunciador. Segundo Maingueneau (1997, p. 46), “a Retórica antiga organizava-se em torno da palavra viva e integrava, conseqüentemente, à sua reflexão, o aspecto físico do orador, seus gestos, bem como sua entonação”. Nos textos escritos não há a representação direta dos aspectos físicos do orador, mas há pistas que indicam e

⁸ O *ethos*, nos textos escritos, que foi sistematizado por Maingueneau (2005), liga-se ao orador não apenas através das escolhas lingüísticas feitas por ele, mas também através de outros elementos presentes na cena enunciativa, tais como o tom de determinado discurso, as imagens presentes no texto escrito, o jogo de cores e de expressões presentes num determinado texto. Assim, cabe aqui também um breve comentário acerca do *ethos* dito (aquele através do qual o enunciador fala sobre suas características) e do *ethos* mostrado (aquele que é revelado através da reconstituição de pistas acerca da enunciação).

⁹ Segundo Maingueneau (2005), os textos escritos são regidos por uma determinada voz (a qual se convencionou chamar de tom) que permite ao co-enunciador construir a representação do enunciador no discurso.

levam o co-enunciador a atribuir uma corporalidade e um caráter ao enunciador, categorias essas que interagem no campo discursivo. Para o referido autor, o caráter seria “o conjunto de traços psicológicos que o leitor-ouvinte atribui espontaneamente à figura do enunciador, em função de seu modo de dizer” (MAINGUENEAU, 1997 p. 47).

A corporalidade remeteria portanto:

[...] a uma representação do corpo do enunciador na formação discursiva. Corpo que não é oferecido ao olhar, que não é uma presença plena, mas uma espécie de fantasma induzido pelo destinatário como correlato de sua leitura.

(MAINGUENEAU, 1997 p. 47)

Assim, pode-se dizer que o *ethos* relaciona-se com a construção de uma corporalidade do enunciador por intermédio de um tom lançado por ele no âmbito discursivo. O tom permitirá ao leitor construir, no texto escrito, uma representação subjetiva do corpo do enunciador, corpo este manifestado não fisicamente, mas construído no âmbito da representação subjetiva. A imagem corporal do enunciador faz emergir a figura do fiador, entendida aqui como aquela que deriva da representação do corpo do enunciador efetivo, se construindo no âmbito do discurso. O fiador é aquele que se revela no discurso e não corresponde necessariamente ao enunciador efetivo.

Assim, no âmbito discursivo, pode-se criar a imagem de um fiador calmo e tranqüilo, mesmo que o enunciador não tenha essas características. Essa construção da imagem do fiador se relacionará, portanto, com as escolhas lexicais¹⁰ feitas pelo enunciador, que conferirão ao enunciado um tom de calma e tranqüilidade, fazendo emergir, portanto, a imagem de um fiador calmo e tranqüilo.

¹⁰ As escolhas lexicais feitas pelo enunciador no momento em que este toma a palavra para enunciar-se e fornecer, assim, uma imagem de si, não são escolhas aleatórias. A Análise do Discurso postula que o sujeito está vinculado a posições ideológicas e que o seu discurso vincula-se a toda uma formação discursiva à qual se prende e se relaciona diretamente. Assim, quando se afirma que o sujeito faz escolhas de itens lexicais que possam conferir este ou aquele tom ao seu discurso, dando pistas para a construção do *ethos*, não se pode deixar de considerar que este sujeito compartilha de uma dada posição ideológica.

Segundo Maingueneau (2001, p. 99):

[...] o poder de persuasão de um discurso consiste em parte em levar o leitor a se identificar com a movimentação de um corpo investido de valores socialmente especificados. A qualidade do *ethos* remete, com efeito, à imagem desse fiador que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado. (...)

O fiador, para Maingueneau (2005a; 2005b), é uma imagem construída pelo co-enunciador com base em indícios textuais de diversas ordens. Ele está, portanto, investido de um caráter e uma corporalidade específicos e próprios ao enunciado do qual derivam. Assim, segundo o referido autor (2005a, p. 72):

O caráter corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à corporalidade, ele é associado a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e de mover-se no espaço social. O *ethos* implica, assim, um controle tácito do corpo, apreendido por meio de um comportamento global. Caráter e corporalidade do fiador apóiam-se, então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apóia, e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar.

A partir das observações anteriores, pode-se concluir que o *ethos* está indissociado da forma pela qual toma corpo, de uma corporalidade que emerge na enunciação. Cabe lembrar também que o co-enunciador, participante ativo do processo discursivo, é constantemente interpelado pelo *ethos* do enunciador, que se filia a uma dada maneira de dizer. Assim, o *ethos* age sobre o co-enunciador, levando-o a construir a imagem de um fiador, corporificando-o. Dessa forma, o co-enunciador incorpora e assimila um conjunto de características do fiador que está sendo apresentado no discurso, compartilhando com ele de uma comunidade imaginária que lhes permite comungar na adesão de um mesmo discurso. A esse processo, Maingueneau (2005a) denominou de incorporação.

Exemplificando melhor essa questão, toma-se como base o trecho de um *blog* de uma adolescente de 16 anos que está colocado abaixo:

Exemplo 13:

BLOG DA CAMILA:

Meu noMe é **Camila** nick CaCaZiNha ou cAcA, eU teNho 16 aNoS e apago veLiNhas no dia 21/01, poRtando soU AquaRiaNa! teNhu gênio foRte, soU coMpLicaDa e ChoRoNa! **eU aMo meuS aMigoS**, miNha família, boRboLeTaS, fLoReS, caRtaS, cHoCoLaTe, MeU ceL, fiCaR oLhanDu u maR, peNsaR coiSaS iNúteiS, RiR, pRaia, SaiR, teLefoNe, neRdiaR, ChoRaR, RoSa ... eU não goSto de faLsiDaDe e sóH! aMiZaDe pRa miM éH tuDo.. keM nauM teM uM aMigo nauM tem naDa!

Retirado de: <http://www.cacazuda.weblogger.terra.com.br/index.htm>

No trecho do exemplo (13), aparece a imagem de uma fiadora romântica e sonhadora, com a qual as leitoras adolescentes podem se identificar. O tom romântico e sonhador revela-se principalmente pela escolha de determinadas expressões, tais como: “eu amo meus amigos, minha família, borboletas, ou ainda, ficar olhando o mar”, entre outros. Segundo Maingueneau (2005a, p. 73),

[...] o texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um co-enunciador que é necessário mobilizar para fazê-lo aderir “fisicamente” a um certo universo de sentido. O poder de persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados. (...)

Assim, a utilização de determinadas palavras em lugar de outras, o uso de diminutivos, aumentativos etc. ou de certas expressões, como as exemplificadas anteriormente, pode indicar determinado tom a depender da forma como o enunciador se apropria da língua. Consoante Martins (1989, p. 71) “(...) os aspectos expressivos das palavras ligados aos seus componentes semânticos e morfológicos, os quais não podem ser separados dos aspectos sintáticos e contextuais.” No caso do enunciado “eu amo meus amigos, minha família, borboletas, ou ainda, ficar olhando o mar”, fica patente a

carga emotiva do mesmo, fazendo com que o tom da enunciação seja concebido como um tom romântico.

Ao interpelar o co-enunciador, agindo sobre ele, o processo de enunciação faz com que este se identifique com o fiador, aderindo “fisicamente” às características do mesmo. O processo de incorporação, no caso do exemplo (13), ocorre quando há a identificação entre o co-enunciador e o fiador, quando o co-enunciador sente-se parte de uma comunidade constituída por adolescentes românticas e sonhadoras, que gostam de “borboletas, flores, cartas e chocolate”, envolvendo-se com a imagem da fiadora lançada no discurso e sentindo-se parte desta. “Trata-se, portanto, de uma estratégia de assimilação do *ethos* do enunciador, para que o co-enunciador incorpore um modo de ser no espaço social, e, ao identificar-se com o *ethos*, passe a fazer parte de um corpo social”. (PIRIS, 2005, p. 728).

No exemplo (13), percebe-se ainda o tom romântico do discurso e associa-se a imagem da adolescente que escreveu esse *blog* à de uma adolescente romântica e sonhadora, revelando-se um *ethos* doce, lúdico. Esta imagem reveste-se de uma corporalidade na qual uma adolescente doce, frágil, é encenada, apoiando-se sobre um conjunto de representações sociais que se constroem sobre a idéia de que as adolescentes de dezesseis anos estão em busca do amor, de um “príncipe encantado”, como num sonho, e, por isso, são românticas e frágeis.

Ainda consoante Maingueneau (2005), pode-se afirmar que o *ethos* refere-se principalmente às características daquilo que é mostrado ao auditório. Isso significa dizer que o *ethos* não é necessariamente explicitado no enunciado, mas o discurso fornece pistas acerca da imagem do enunciador. A imagem de si é construída, portanto, no plano discursivo e não está necessariamente explicitada no enunciado. Com relação a essa questão, considere-se o trecho:

Não se trata de afirmações auto-elogiosas que o orador pode fazer sobre sua própria pessoa no conteúdo do seu discurso, afirmações que, ao contrário, podem chocar o ouvinte, mas da aparência que lhe confere a fluência, a entonação, calorosa ou severa, a escolha das palavras, dos argumentos... Em minha terminologia diria que o *ethos* é ligado a L, o locutor, enquanto tal, é como a fonte da enunciação que ele se vê dotado de certos caracteres que, em consequência, tornam essa enunciação aceitável ou recusável.

(DUCROT, 1987, p. 189).

Maingueneau (2005) estabelece uma importante diferenciação entre o *ethos* dito e o mostrado. O *ethos* dito é aquele através do qual o enunciador fala diretamente sobre suas características, dizendo ser essa ou aquela pessoa, ao passo que o *ethos* mostrado é aquele que não é dito diretamente pelo enunciador, mas é reconstituído através de pistas fornecidas por ele no seu discurso. Maingueneau (2005, p.71) ainda observa: “se o *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, não se pode negar, no entanto, que o público constrói representações do *ethos* antes mesmo que ele (o enunciador) fale”. Assim, faz-se uma distinção entre o *ethos* pré-discursivo e o *ethos* discursivo. O *ethos* pré-discursivo seria, portanto, a imagem que o co-enunciador faz do enunciador, antes mesmo que este último tome a palavra para si.

Para exemplificar melhor o *ethos* pré-discursivo, cabe analisar alguns aspectos do *blog* do qual foi retirado o exemplo (13), para que se possa perceber como esse *ethos* constitui-se através de um contato inicial do co-enunciador com o *blog* da Camila. Assim, lança-se mão da imagem do *blog*, retirada do *site* e colocada a seguir:

Exemplo 14:

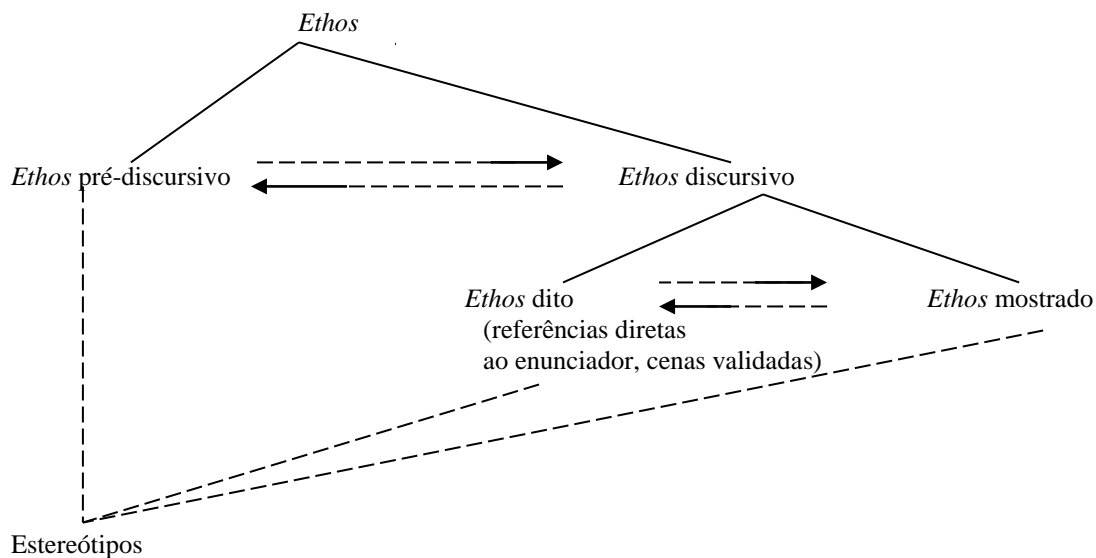


Ao observar o *blog* da Camila pela primeira vez, o co-enunciador será levado a construir uma imagem do enunciador, antes mesmo que ele leia o que tem escrito no *blog* e conheça o seu conteúdo. Assim, aspectos como a cor utilizada no *blog*, as frases

de chamada, as imagens presentes no mesmo, criam uma situação favorável à construção de uma dada imagem pré-discursiva (*ethos* pré-discursivo), que poderá ou não ser confirmada pelo *ethos* discursivo, por aquilo que é mostrado ou dito no âmbito do discurso do *blog* aqui citado. O *ethos* pré-discursivo liga-se a estereótipos estabelecidos pela sociedade, estes últimos remetem a noções cristalizadas e fixas de algo. Assim, o romântico carrega um estereótipo de alguém doce e sensível, estereótipo este que é ativado mentalmente e que exerce influência nas concepções de *ethos* dito e mostrado. Maingueneau & Charraudeau (2004) no Dicionário de Análise do Discurso fornecem esclarecimentos importantes acerca do conceito de estereótipo. Segundo Maingueneau & Charraudeau (2004, p. 213), “estereotipado designa, do mesmo modo, o que é fixo, cristalizado”, e pode ser também entendido como “imagens prontas, que medeiam a relação do indivíduo com a realidade”, ou ainda como “representações coletivas cristalizadas, crenças pré-concebidas, frequentemente nocivas a grupos ou a indivíduos”. Os estereótipos podem ser confirmados pelo que Maingueneau (2005) chamou de cena validada, a que está instalada na “memória coletiva” e é aceita como padrão. Segundo ele (2005, p. 81):

o repertório das cenas disponíveis varia de acordo com o grupo visado pelos discursos. Uma comunidade de convicção forte (uma seita religiosa, uma escola filosófica...) possui sua memória própria. Mas, de maneira geral pode ser associada a qualquer público, por mais vasto e heterogêneo, um estoque de cenas validadas que podem ser consideradas partilhadas. A Bíblia, para o discurso religioso cristão, constitui um reservatório considerável de tais cenas.

O esquema de Maingueneau (2005), colocado a seguir, permite uma melhor compreensão dessa relação:

O *ethos*

Segundo o esquema proposto, o *ethos* compõe-se de duas partes: o *ethos* pré-discursivo e o *ethos* discursivo. Essas duas categorias relacionam-se mutuamente a partir do momento em que o *ethos* pré-discursivo pode ou não ser confirmado pelo *ethos* discursivo, ou ainda quando o *ethos* discursivo pode reformular a imagem inicial formada pelo *ethos* pré-discursivo, confirmado ou refutado.

O *ethos* discursivo, por sua vez, engloba as noções de *ethos* dito e *ethos* mostrado. O *ethos* dito seria aquele criado através das referências diretas ao enunciador, enquanto o *ethos* mostrado estaria no domínio do não explícito, da imagem que não está diretamente representada no texto, mas que pode ser construída através de pistas seguidas pelo co-enunciador. O *ethos* dito e o *ethos* mostrado, assim como sugerido no esquema, relacionam-se mutuamente, já que não há uma linha clara de separação entre o explicitado e o não explicitado.

Na base do esquema, estão os estereótipos, através dos quais o co-enunciador utiliza-se de representações culturais fixas, de modelos pré-construídos para atribuir algumas características e não outras ao enunciador.

No caso do exemplo (14), ilustrado anteriormente, há o uso das cores rosa e azul, indicando de antemão uma atmosfera leve e doce, que vem a ser confirmada pelo discurso da enunciativa. Ao mesmo tempo, a frase de chamada, “deixa eu aprender o que é o amor, por mais difícil que isso seja”, presente no *blog*, fornece pistas acerca da

imagem de uma fiadora romântica que nele se constitui. Essa imagem, por sua vez, baseia-se em noções estereotipadas do romântico. Ser romântico, portanto, é ser sonhador, fantasioso, devaneador, segundo as características pré-atribuídas culturalmente. A cor rosa (que se relaciona ao amor) e a cor azul (que se relaciona com a doçura, a tranquilidade) contribuem para a confirmação do estereótipo inicial do *ethos* romântico e doce. Assim, o *ethos* pré-discursivo, construído através das pistas citadas anteriormente, coincide com o *ethos* discursivo, mostrado no momento do discurso pela escrevente do *blog*: o de uma adolescente sonhadora e que busca compreender “o que é o amor”.

É importante ressaltar também que todo discurso pressupõe uma cena enunciativa, cena esta que é a base para que o discurso possa ser enunciado.

Segundo Maingueneau (2005, p. 75):

O discurso pressupõe essa cena de enunciação para poder ser enunciado, e, por seu turno, ele deve validá-la por sua própria enunciação: qualquer discurso, por seu próprio desdobramento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente.

A cena enunciativa não deve ser entendida como um quadro estático, no qual se insere a enunciação, mas, sim, como o processo no qual se constitui o ato enunciativo, sendo, ao mesmo tempo processo e produto da enunciação. A cena de enunciação integra três outras cenas a que Maingueneau (2005) chama de englobante, genérica e cenografia. Segundo ele, a cena englobante corresponde ao tipo¹¹ de discurso, se

¹¹ Cabe, neste ponto, fazer uma diferenciação básica de terminologias. Alguns lingüistas filiados à pragmática, mais especificamente à Lingüística de Texto, tais como Marcuschi e Koch, têm uma definição diferente do que vêm a ser tipos e gêneros textuais, tendo como base a noção discursiva de Bakhtin. Para esses autores, a expressão tipo textual deve ser usada como referência a textos definidos pelas propriedades lingüísticas a eles intrínsecas, constituindo seqüências lingüísticas de enunciados e não necessariamente textos empíricos (MARCUSCHI, 2002, p. 232). Assim, os tipos textuais abrangeriam meia dúzia de categorias tais como: narração, argumentação, descrição e injunção. Já a definição de gêneros textuais (ou ainda gêneros discursivos), para esses autores, abrange a idéia de que estes representam realizações lingüísticas concretas, constituindo-se assim textos empiricamente realizados, derivados das situações comunicativas. Na Análise do discurso, a terminologia tipos textuais é frequentemente usada como sinônimo da terminologia gêneros textuais. No entanto, Maingueneau (2001, p. 61-62) propõe uma distinção entre esses termos. Segundo ele: os gêneros do discurso pertencem a diversos tipos de discurso associados a vastos setores de atividade social. Assim, a novela, por exemplo,

religioso, científico, ou filosófico, entre outros. A cena genérica seria, por sua vez, associada a um gênero, como um sermão, um editorial, uma bula de remédio etc. A cenografia é constituída pelos elementos textuais (o tom, a corporalidade do fiador, dentre outros aspectos), gráficos (as imagens, as cores etc.) sobre os quais o discurso é enunciado, podendo ser uma cenografia professoral, de conversação, de cientificidade etc. Segundo Maingueneau (2005, p. 77), uma cenografia caracteriza-se por sua maneira específica de inscrever-se e legitimar-se numa dada situação comunicativa.

Para Maingueneau (2005, p. 77):

a cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquela de onde o discurso vem e aquela que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena de onde a fala emerge é precisamente a cena requerida para enunciar, como convém à política, à filosofia, à ciência...

Voltando mais uma vez ao exemplo (14), tem-se como cena englobante, o discurso intimista, reproduzido através da cena genérica (o *blog* ou diário digital). Como cenografia, observa-se toda a atmosfera lingüística (o uso de uma linguagem informal, a escolha de palavras que remetem a uma atmosfera romântica, o jogo de cores e imagens que contribuem para legitimar o *ethos* da fiadora etc.) sobre a qual o *blog* foi construído. Portanto, no exemplo (14), a cenografia composta por um *blog* com um *design* leve, em tons de rosa e azul, com imagens ligadas a coisas da natureza, conferem ao mesmo a idéia de uma adolescente romântica e doce, validando, assim, o *ethos* da fiadora.

Para Maingueneau (2005, p. 75), o *ethos* “é uma parte constitutiva da cena de enunciação, com o mesmo estatuto que o vocabulário ou dos modos de difusão que o enunciado implica por seu modo de existência”. Ele se constrói no discurso e não é pré-existente à instância discursiva. O *ethos* liga-se também a um processo de interação entre o enunciadador e o co-enunciador, sendo que há o estabelecimento de influências mútuas entre essas duas figuras discursivas, o que significa dizer que há a adequação da imagem do enunciadador àquilo que o co-enunciador espera dele, bem como, há, no co-

constitui-se como um gênero discursivo dentro de um tipo de discurso televisivo. Em Maingueneau, portanto, o tipo de discurso estaria relacionado com os setores de atividade de uma sociedade, tais como saúde, ensino, pesquisa, etc.

enunciador, a tendência de envolver-se com a imagem do fiador, incorporando-a e tornando-se parte constituinte da instância enunciativa. Sendo assim, a noção de *ethos* não pode ser apreendida fora da situação comunicativa, integrando-se a uma concepção histórica e social. Essa última observação é importante para que se possa explicitar a forma como o conceito de *ethos* inscreve-se dentro do campo da Análise do Discurso, como uma categoria associada a determinadas condições de produção, sendo, portanto, um constructo discursivo-social e histórico. Um enunciador inscreve-se numa situação discursiva na qual existem papéis sociais, lugares discursivos e configurações históricas que marcam o seu enunciado e a produção do mesmo, fazendo com que o enunciador não seja o dono legítimo de suas palavras, já que ele não é a origem do discurso.

2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O AUDITÓRIO

Todo discurso dirige-se a um receptor ou a um grupo de receptores, ou, para utilizar a terminologia da Retórica, todo discurso dirige-se a um auditório que o direciona e interfere no mesmo. Em outras palavras, escreve-se ou fala-se em função da imagem que o auditório ou os co-enunciadores fazem do orador ou enunciador. Porém, não é apenas a imagem que co-enunciadores fazem do enunciador que funciona no discurso. Há também a influência das imagens que os oradores fazem do seu auditório, que também podem direcionar o discurso, restringindo-o, predeterminando-o. Essas imagens dirigirão o discurso e funcionarão como um conjunto de normas restritivas para que se fale apenas aquilo que pode ser dito. Nesse sentido, Peuceux (1997, p. 83) afirma que o discurso é marcado pelas imagens e representações que os sujeitos fazem de si mesmos e dos outros. Assim, o referido autor lança mão do seguinte esquema:

Esquema de formações imaginárias¹²

Expressão que designa as formações imaginárias	Significação das expressões	Questão implícita cuja resposta subentende a formação imaginária correspondente
A { Ia (A) Ia (B)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	“Quem sou eu para lhe falar assim?”
	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	“Quem é ele para que eu lhe fale assim?”
B { Ib (B) Ib (A)	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	“Quem sou eu para que ele me fale assim?”
	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	“Quem é ele para que me fale assim?”

No esquema de Peuceux revela-se, portanto, que os lugares que o destinador e o destinatário, representados no esquema respectivamente por A e B ocupam, são bem representados no âmbito do discurso, funcionando como “uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro” (PEUCHEUX, 1997, p. 82). Assim, é importante observar que as imagens que o emissor A e o receptor B formam deles próprios e de seus interlocutores no discurso funcionam como normas restritivas do mesmo: a cada imagem correspondem inúmeras restrições (eu não posso falar dessa forma ao me dirigir ao receptor B, ou ele não pode se dirigir de tal forma ao se dirigir ao locutor A), que orientarão o discurso.

¹² Retirada de Análise Automática do Discurso. Peuceux (1969)

2.3.1 O auditório e o *páthos*

O diálogo entre a Retórica e a Análise do Discurso tem se mostrado profícuo, principalmente quando se relaciona à questão do *ethos*. No entanto, enquanto para a Retórica objetiva-se analisar textos argumentativos ou apelativos, a fim de perceber de que forma o orador consegue construir uma auto-imagem convincente, capaz de atrair a atenção de um auditório e comovê-lo, persuadindo-o, a Análise do Discurso pretende perceber de que forma essa auto-imagem é criada, e de que maneira a formação dessa auto-imagem é atravessada pelas intenções e expectativas do auditório. Nesse sentido, pretende-se discorrer acerca do conceito de auditório, tomando como base a obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), intitulada “O tratado de argumentação: a nova Retórica”.

A noção de auditório¹³ é central para a obra em referência. Seus autores, reconhecidos dentre os principais pensadores da Retórica moderna, consideram que todo orador deve adequar seu discurso a um auditório específico ou particular, sendo o discurso do orador marcado pelas expectativas deste auditório. Objetivando provocar a adesão do auditório aos seus argumentos, o orador deve procurar conhecer inicialmente os valores e as características do auditório para o qual dirigirá seu discurso.

Como dito anteriormente, locutor e receptor¹⁴ interagem mutuamente no processo discursivo. O primeiro, deve adequar seu discurso a um grupo específico, que se constitui como o seu auditório, a quem dirige o discurso, e o segundo é influenciado pelo primeiro, envolvendo-se com o seu discurso, fazendo parte de uma mesma comunidade imaginada.

Perelman e Olbrechts-Tyteca. (1996, p. 22) definem auditório como:

o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação. Cada orador pensa, de uma forma mais ou menos consciente, naqueles que procura persuadir e que constituem o auditório ao qual se dirigem seus discursos.

¹³ Na Retórica Antiga as noções de orador e auditório também designavam, respectivamente, os lugares de produção e recepção do discurso. O orador deveria ter um conhecimento sobre seu auditório e a partir deste, construir seu discurso de forma a persuadi-lo.

¹⁴ Na nova Retórica, utilizam-se as noções de locutor e receptor no lugar da noção de enunciador e coenunciador proposta por Maingueneau (2005).

Assim, os autores acima citados chamam a atenção para a necessidade de adaptação do orador ao auditório. Segundo eles, o auditório tem a capacidade de determinar a qualidade da argumentação, agindo sobre o orador e modelando o seu discurso. Dessa forma, o discurso do orador (o *lógos*) é marcado pela expectativa do auditório (*páthos*), já que o orador adequa seu discurso aos interesses do auditório.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 28) afirmam:

há apenas uma regra a esse respeito, que é a adaptação do discurso ao auditório, seja ele qual for: o fundo e a forma de certos argumentos, apropriados a certas circunstâncias, podem parecer ridículos noutras.

Assim, ao se escrever um artigo para uma comunidade científica, colocar-se-á o discurso de forma diferente daquela que se utilizaria caso se escrevesse um romance. Por isso, diz-se que é a natureza do auditório que determina a forma que os argumentos assumirão, o alcance que será atribuído a estes. Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996, p. 34) destacam a existência de basicamente três auditórios. O primeiro, constituído pela humanidade inteira chamado de auditório universal; o segundo que é constituído no diálogo pelo interlocutor a quem o discurso está sendo dirigido (individual), e o terceiro formado pelo próprio sujeito (íntimo). A seguir far-se-á uma breve abordagem sobre esses diferentes auditórios.

Ao mesmo tempo em que define o auditório universal como sendo o conjunto de todos os homens adultos e normais, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) afirmam que não existe um único auditório universal e que este na verdade é constituído pelo que cada um sabe sobre seus semelhantes. Isto equivale a dizer que o auditório universal não existe de fato, pois seria impossível um orador dirigir seu discurso para toda a humanidade, mas que este é uma construção imaginária, conformado em função dos indivíduos que o criam. O auditório universal é concebido, portanto, como fruto da imaginação do orador, como um grupo de pessoas ao qual o orador supõe estar dirigindo o seu discurso. Assim, um orador pode considerar um auditório formado

apenas por um grupo de cientistas como auditório universal, já que ele supõe que seu discurso estará se dirigindo a todos os cientistas. O grupo de cientistas seria auditório universal para aqueles que o reconhecessem como tal. Neste sentido, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 37) argumentam:

O auditório universal é constituído por cada qual a partir do que sabe de seus semelhantes, de modo a transcender as poucas oposições de que tem consciência. Assim, cada cultura, cada indivíduo tem sua própria concepção do auditório universal (...).

Na citação anterior, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) deixam clara a noção de que o auditório universal é muito mais uma construção imaginária de um orador do que um auditório real. Dentro da concepção de auditório universal, os autores supracitados estabelecem a noção de auditório particular, pretendendo caracterizá-lo e diferenciá-lo do primeiro. Segundo eles, tanto o auditório particular quanto o universal são criações do orador. O auditório particular pode ser compreendido como uma declinação, um desmembramento do auditório universal, pois cada orador pode conceber um auditório particular dentro de um auditório universal. Assim poder-se-ia dizer, por exemplo, que o grupo de cientistas pode ser considerado também um auditório particular, apesar de muitas vezes o orador que se dirige a esse auditório não concebê-lo como tal. Assim, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 38) afirmam: “o estatuto do auditório varia conforme as concepções que se têm”. Segundo eles (1996, p. 38):

(...) o cientista dirige-se a certos homens particularmente competentes, que admitem os dados de um sistema bem definido, constituído pela ciência em que são especialistas. Contudo, esse auditório tão limitado é geralmente considerado pelo cientista não como um auditório particular, mas como sendo realmente o auditório universal: ele supõe que todos os homens, com o mesmo treinamento, a mesma competência e a mesma informação, adotariam as mesmas conclusões.

Tanto o auditório individual quanto a deliberação íntima são considerados por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) como uma declinação do auditório universal. O

auditório individual é constituído por um só interlocutor. Geralmente o auditório individual ocorre quando se realiza um diálogo. Os referidos autores afirmam que, no caso do diálogo, o interlocutor pode ser visto como um auditório universal ou como um auditório particular. Assim, quando um ouvinte único representa um grupo, ele pode ser visto como a encarnação do auditório particular do grupo que ele representa. Por outro lado, quando um ouvinte representa todo um gênero de ouvintes, ele pode ser considerado como símbolo do auditório universal. Assim, para Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 44), em relação à noção de que o ouvinte, no caso do auditório individual, pode ser considerado ora como a representação do auditório universal, ora como a encarnação do auditório particular, afirmam (1996, p. 44):

Isso é verdade evidentemente quando o ouvinte único representa um grupo do qual é o delegado, o porta-voz, em cujo nome ele poderá tomar decisões. Mas é também o que ocorre quando o ouvinte é considerado uma amostra de todo um gênero de ouvintes.

Dessa forma, no diálogo, pode-se conceber o interlocutor como a representação, tanto do auditório particular quanto do auditório universal. A deliberação íntima constitui-se no diálogo do sujeito consigo próprio, quando ocorre um desdobramento do “eu” que passa a agir ao mesmo tempo como orador e auditório de si mesmo. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), a deliberação íntima baseia-se então no diálogo do sujeito consigo próprio, quando há uma reflexividade da consciência e o desdobramento do “eu” em duas figuras discursivas: o “eu” e o “tu”. Para ele, a deliberação íntima serve para intensificar a convicção de um sujeito, que argumenta consigo próprio, a fim de fortalecer sua já arraigada convicção. Com relação a isso, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 45) afirmam:

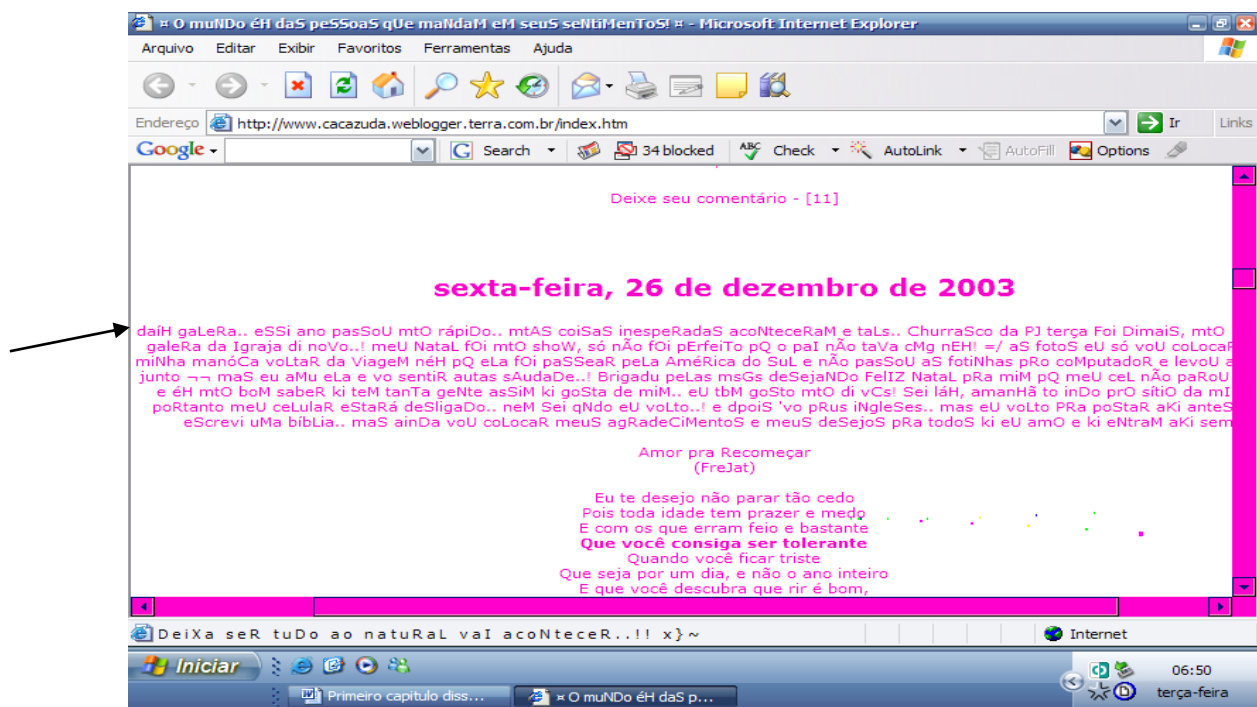
Com efeito, parece que o homem dotado de razão, que procura formar uma convicção, tem de desprezar todos os procedimentos que visam conquistar os outros: ele não pode, crê-se, deixar de ser sincero consigo mesmo e é, mais do que ninguém, capaz de experimentar o valor de seus próprios argumentos. .

Eles afirmam ainda que é normal que aquele que possui uma certa convicção sobre algo, queira reforçá-la diante de si próprio, atestando assim o valor de seus próprios argumentos, conforme afirma a citação anterior.

Pode-se afirmar, então, que, segundo os referidos autores, todo discurso deve adaptar-se a um auditório, ou seja, a argumentação depende e muito do auditório ao qual o orador se dirige.

Para exemplificar essa questão, toma-se como base o *blog* da Camila, através do qual poder-se-á perceber como se constitui o auditório neste *blog*. O trecho do mesmo está postado a seguir:

Exemplo 15:



Retirado de www.cacazuda.weblogger.terra.com.br/index.htm

No exemplo em análise, destaca-se o seguinte trecho, postado pela escrevente no dia 26 de dezembro de 2003:

daíH gaLeRa.. eSSi ano pasSoU mtO rápiDo.. mtAS coiSaS inespeRadaS acoNteceRaM e taLs.. ChurraSco da PJ terça Foi DimaiS, mtO boM ver a galeRa da Igraja di noVo..! meU NataL fOI mtO shoW, só não fOI pErfeiTo pQ o paI não taVa cMg nEH! =/ aS fotoS eU só voU coLocaR qNDo a miNha manóCa voLtaR da ViageM néH pQ eLa fOI paSSeaR peLa AméRica do SuL e não pasSoU aS fotiNhas pRo coMputadoR e levoU a máQuina junto → maS eu aMu eLa e vo sentiR autas sAudaDe..!

No trecho, fica claro que a escrevente está se dirigindo, de acordo com a teoria de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), a um auditório particular: o de seus amigos(as) e colegas, aos quais ela chama de galera. A galera, neste caso, seria o grupo de amigos, de conhecidos que fazem parte do grupo da escrevente. É para eles que ela dirige seu discurso.

No entanto, como é sabido, o *blog* é veiculado na *Internet* e pode ser acessado e lido por quaisquer um dos internautas que porventura dirijam-se à página na qual o mesmo está postado. Desse modo, o auditório universal do *blog* compreenderia todo o conjunto de internautas, que acessam o ambiente virtual.

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p.16) “toda a argumentação visa a adesão de espíritos”. A adesão do auditório a determinado discurso se dá pela influência afetiva gerada nele. Para obter a adesão de um auditório particular (ou seja, o *páthos*), é preciso que as paixões dos co-enunciadores sejam despertadas, e que estes venham a aderir ao discurso ali representado. Apesar de não se tratar de um texto argumentativo que se propõe a defender ou a refutar determinado ponto de vista, pode-se afirmar que o *blog* ora citado também pressupõe a adesão de um auditório particular. Isso pode ser visto principalmente ao se observar os comentários feitos pelos leitores do *blog* que são colocados logo após as mensagens escritas pelos *blogueiros*, mostrando uma interferência direta entre o auditório e os escreventes dos *blogs*.

Assim, destaca-se o trecho abaixo, retirado do *blog* da Camila, já anteriormente citado:

Exemplo 16:

Weblog : http://fotoLog.net/_kaTi_
kaTi - **enviado em** **12/1/2004 18:32:00**

Manocaaaa... to cum mta xaudadiii... to nu chile ainda.. num aguento mais... mais dia 21 eu tenhuuuu q tah ai... olha soh eu vo nu planeta... tu vai tb neh??? plix se fores compra meu ingresso dpois eu te pago qdo eu chega.. issu se tu kiser minha compani neh.. pq se num dexa pra lah... =(... To cum mta xaudadi de floripa... e ve se fax o veraum vale a pena neh... tais ai nu zinga onde soh tem guri gato.. ve se encontra u vanini por ai e sabes o q fazer neh... manda beju pra minha dindinha.... E Beju Pra Todux

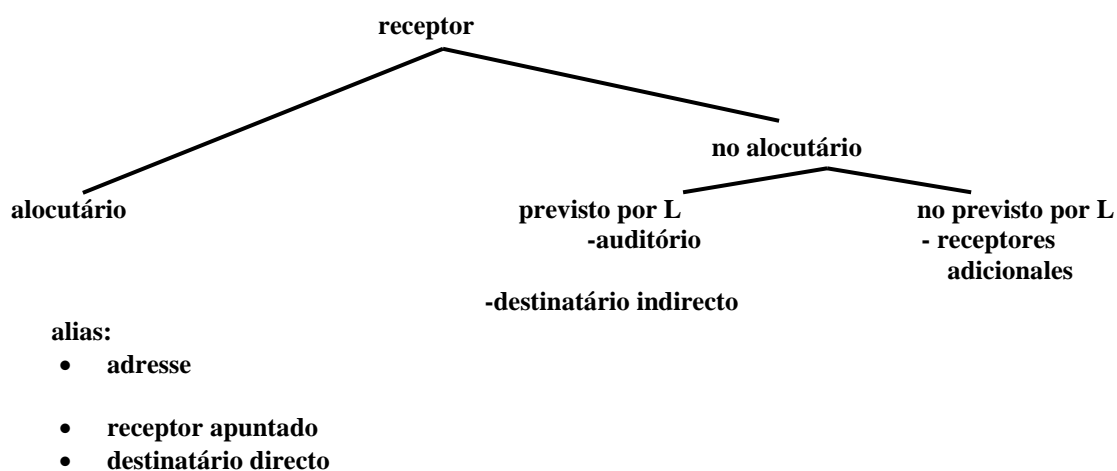
Da ilustração acima, vê-se a interferência dos comentários do auditório sobre o *post* da escrevente. O auditório adere ao discurso da escrevente, opinando sobre o que

está escrito, sobre seus comentários etc. Isso fica claro quando se observa o trecho do exemplo (16), em que a escrevente afirma estar com saudades de sua irmã. Logo após o *post* da escrevente, destaca-se o comentário de sua irmã que afirma estar com saudades de Florianópolis e que não agüenta mais ficar no Chile. Vê-se, então, de forma bastante clara, a adesão do auditório aos comentários da escrevente. Segundo Santana Neto (2006, p. 3), “a adesão do auditório ao discurso do orador é imprescindível para a argumentação”. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 16) afirmam, neste sentido, que, no processo comunicativo, deve haver o estabelecimento de um contrato intelectual entre o orador e o auditório, contrato este que deve ser estabelecido previamente e que define relações com as expectativas de ambos (do orador e do auditório). Assim, as expectativas da escrevente do *blog* e dos leitores do mesmo devem convergir, para que a adesão do auditório ao discurso da escrevente se realize.

Para possibilitar a adesão do auditório aos argumentos da escrevente do *blog*, deve-se utilizar uma linguagem adequada a esta empreitada, que, no caso do *blog* e do auditório a que ele se destina, deve ser uma linguagem informal e próxima da fala, cheia de expressões próprias ao ambiente virtual e adequado ao tipo de escrita dos *blogueiros*.

Tomando-se emprestada, nesse momento, a contribuição da Pragmática¹⁵, através de um esquema desenvolvido por Kebrat-Orecchioni (1980, p. 32), indicado abaixo, pode-se compreender ainda melhor essa questão.

Esquema proposto por Kebrat Orecchioni:



¹⁵ Não é intenção desta pesquisa realizar uma abordagem pragmática, porém, fez-se necessário neste momento apresentar o esquema de Kebrat Orecchioni (1980), a fim de explicar melhor a questão aqui abordada.

Segundo a referida autora, o sistema de comunicação é formado pela relação entre o emissor, a mensagem e o receptor. No entanto, o receptor desmembra-se em alocutários e não-alocutários. Os alocutários são aqueles a quem o emissor se dirige diretamente, os destinatários diretos, e os não-alocutários, aqueles a quem a mensagem é veiculada indiretamente. Como desmembramento dos não-alocutários, há aqueles previstos pelo emissor e também os não-previstos, que são considerados receptores adicionais.

Aplicando o esquema de Orecchioni (1980, p. 32) ao *blog* tomado como exemplo, pode-se perceber o seguinte: o *blog* exemplificado aqui tem como receptores alocutários os colegas e amigos da escrevente. É basicamente a eles que a escrevente se dirige quando fala sobre sua vida. No entanto, o discurso da escrevente pode também ser lido pelos receptores indiretos ou não-alocutários, previstos pela escrevente, tais como: os seus colegas de colégio com quem ela não tem necessariamente uma relação de intimidade, os amigos de seus amigos, já que nas páginas dos *blogs* há a indicação de *links* para os *blogs* de amigos, que se sucedem, formando uma grande teia interativa. Ademais, o *blog* aqui exemplificado pode ainda ser lido por receptores adicionais ou aleatórios, que não são previstos pela escrevente. Eles podem ser lidos por quaisquer pessoas que acessem a Internet, por um grande universo de pessoas desconhecidas, representado pelo conjunto de navegadores virtuais.

No processo retórico que pressupõe a adesão do auditório ao discurso do enunciador, o *páthos* desempenha um importante papel.

A categoria *páthos* também foi estudada por Aristóteles (1998) e considerada por ele como uma prova importante para a persuasão. Assim, Aristóteles (1998) afirmava que, para persuadir seria necessário envolver o auditório, sendo, para isso, importante despertar nele as mais diversas emoções e sentimentos. Comover o auditório através do despertar das suas emoções e dos seus sentimentos seria, portanto, na Retórica, uma técnica de convencimento e da adesão do mesmo. Segundo Neto, (2005, p. 4), a técnica de comoção do auditório através do despertar das paixões e da emoção é muito utilizada nas peças de publicidade e no jornalismo. Assim, ele afirma que:

O *páthos* pode abarcar também fortes emoções ligadas ao desejo, como acontece na publicidade e/ou na propaganda, visto que esse tipo de texto de comunicação cria, através da cenografia, uma realidade verossímil com a qual o público-alvo se identifica.

(NETO 2005, p. 4)

A linguagem publicitária e jornalística, por exemplo, visa à adesão do auditório através da mobilização do *páthos*, buscando comovê-lo através do desejo pelo produto que está sendo anunciado ou pela comoção do auditório ao qual se destina.

No entanto, seria um equívoco afirmar que o auditório deixa-se convencer apenas pelo *páthos*, já que o processo de argumentação engendra as três instâncias discursivas: *páthos*, *ethos*, *logos*.

Lausberg (1967, p. 65), teórico da Retórica moderna, coloca o *páthos* e o *ethos* como os afetos utilizados pelo orador para persuadir seu auditório. O referido autor distingue, portanto, dois tipos de afetos: o *páthos* e o *ethos*. O *ethos* seria definido por ele como “um estado de alma permanente e que também pode ser valorizado como caráter”. O *páthos* seria compreendido por ele como o grau mais violento dos afetos. Através do *páthos* (das paixões violentas despertadas no auditório), o orador tenta comovê-lo e fazer com que este apóie os seus argumentos.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO

Objetiva-se, neste capítulo, tecer algumas considerações acerca dos principais conceitos postulados pela Análise do Discurso (AD), visto que a concepção do *ethos* de Maingueneau (2005) inscreve-se dentro da Análise do Discurso de linha Francesa.¹⁶

De um modo geral, os estudos sobre a linguagem realizados atualmente apóiam-se no postulado saussuriano de que o essencial para a língua é o seu processo de comunicação, ou seja, a língua é antes de tudo um instrumento de comunicação. No entanto, é sabido que, no século XX, entre 1914 e 1930, aproximadamente, um grupo de pesquisadores, comumente denominados de formalistas russos, abriram espaço efetivo para o estudo daquilo que viria ser chamado de “discurso”. Os formalistas russos buscavam estudar o texto e as relações transfrásticas, pretendendo, assim, ir além dos estudos formais baseados na morfologia e gramática, superando as abordagens formalistas em Lingüística.

Neste sentido, Brandão (2004, p. 13) afirma que:

(...) foram os formalistas russos que abriram espaço para a entrada no campo dos estudos lingüísticos daquilo que se chamaria mais tarde discurso. Operando com o texto e nele buscando uma lógica de encadeamentos “transfrásticos”, superaram a abordagem filológica ou impressionista que até então dominava os estudos da língua.

No entanto, apesar de darem um grande salto nos estudos lingüísticos, os formalistas russos consideravam apenas o texto nele mesmo, o co-texto, sem levar em conta as relações que este poderia estabelecer com o conhecimento de mundo do leitor, nem com o momento histórico no qual o texto havia sido produzido. O texto era, portanto, considerado como uma estrutura superior à frase, sem estabelecer relações com o contexto imediato, nem mesmo com o contexto histórico-social em que foi produzido. O texto era visto no seu co-texto e esgotava-se em si mesmo.

No decorrer do século XX, surgiram novas concepções com relação à língua. A Pragmática, por exemplo, corrente filosófica que foi aplicada aos estudos lingüísticos e

¹⁶ Vale ressaltar, no entanto que a pesquisa ora realizada não tem por objetivo utilizar todos os conceitos aqui apresentados para análise dos dados, visto que se objetiva compreender a maneira pela qual o *ethos* é constituído no discurso dos *blogs*, e, portanto, os conceitos aqui apresentados servem como embasamento teórico para a compreensão da noção de *ethos*.

que buscava considerar a língua em suas reais situações de uso, deixou de considerá-la apenas como uma representação da realidade, passando a concebê-la como ação concreta sobre o real. Assim, surgiram estudos centrados, por exemplo, na teoria dos atos de fala promovida por Austin (1962), para a qual a língua efetivamente agia sobre a realidade concreta. É a pragmática que possibilita também o surgimento de estudos enunciativos como os de Benveniste (1989), que considera que a enunciação é um processo individual e subjetivo, a partir da apropriação que o indivíduo faz do aparelho formal da língua.

No entanto, os estudos pragmáticos consideravam o sujeito na sua perspectiva individual e subjetiva, como se este fosse marcado pela consciência e intencionalidade. O desenvolvimento dos estudos funcionais vai abrir caminho para o surgimento da Análise do Discurso, que, pautada sob uma perspectiva marxista, considerará o sujeito não mais como um indivíduo marcado pela intencionalidade, mas como um sujeito marcado pela história e pelo inconsciente.

O campo de estudo do *ethos* em Maingueneau (1997, 1999, 2001, 2005) filia-se à Análise do Discurso de linha francesa.¹⁷ Pode-se dizer que esta se filiou a três campos distintos do conhecimento: a Lingüística, o Marxismo e a Psicanálise.

A lingüística, em sua perspectiva funcional, é parte constituinte da Análise do Discurso. A concepção de que não existe uma relação biunívoca entre a linguagem e o mundo, é a chave para a compreensão dos pressupostos da AD que considera que a língua não é transparente, mas carrega uma imensa multiplicidade de sentidos (polissemia) e esses sentidos não podem ser deslocados do momento histórico. A língua não é vista pela AD como uma estrutura gramatical, morfológica, sintática ou ainda fonológica, mas sim como um acontecimento marcado pelas especificidades históricas e ideológicas dos enunciadores. Consoante Orlandi (2005a, p. 19):

[...] a Lingüística constitui-se pela afirmação da não-transparência da linguagem: ela tem seu objeto próprio, a língua, e esta tem sua ordem própria. Esta afirmação é fundamental para a Análise do Discurso, que procura mostrar que a relação linguagem, pensamento/mundo não é unívoca.

¹⁷ A primeira grande divisão da AD se dá com relação aos diferentes paradigmas teóricos. De um lado está a linha americana que tem uma aproximação maior com a pragmática, considerando a existência de um sujeito consciente, intencional, compreendido como a origem do discurso. Do outro, está a concepção européia, influenciada pelo marxismo, tendo como base um sujeito afetado pelo inconsciente laciano e atravessado pela ideologia e pela história.

Assim, para a AD a língua não é transparente. Essa não transparência se dá no sentido de que uma palavra ou um enunciado pode ter inúmeros significados e pode mobilizar inúmeras concepções ideológicas, a depender do contexto no qual está inserido. Em outras palavras, os itens lexicais sobre os quais se organiza um discurso dizem muito mais do que aquilo que aparentam dizer.

Para se compreender a questão dos múltiplos sentidos que uma determinada palavra pode carregar, tornando a língua opaca, toma-se emprestada aqui, portanto, a contribuição de Bakhtin (1997 p. 113), que muito influenciou nos estudos da AD. Segundo ele:

Deixando de lado o fato de que a palavra, como signo, é extraída pelo locutor de um estoque social de signos disponíveis, a própria realização deste signo social na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais.

Assim, a palavra é marcada pelas relações sociais estabelecidas pelos sujeitos no processo da interação verbal. Esse fato a torna plurivalente e não transparente. Bakhtin (1997, p.113) também assinala a idéia de que “na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém.” Isso faz com que se veja a palavra como atravessada pelo outro, o discurso como heterogêneo, polifônico, no sentido de que carrega inúmeras vozes sociais.

A outra parte constituinte da Análise do Discurso é o Marxismo e sua teoria do materialismo histórico. Esta teoria considera, dentre outras coisas, que o homem é o motor da História e que esta deve ser explicada através da luta de classes. Ao aplicar o conceito do materialismo histórico à língua, a AD pressupõe em primeiro lugar que o sujeito histórico não é um sujeito autônomo, mas é um sujeito que está preso a uma determinada classe social, que compartilha de um determinado sistema ideológico. Assim, a posição social do orador ou enunciatador é deveras importante para que se compreenda a geração de sentidos dentro da língua.

A concepção de sujeito utilizada pela AD pauta-se no campo da psicanálise: o sujeito é afetado pelo inconsciente. Consoante Mussalim (2001), Lacan considera que a existência do “eu” não pode ser desvencilhada da existência do “outro”. O “eu” é

marcado pelo “outro” que o interpela constantemente na atividade linguageira. A partir do momento em que há a descoberta do inconsciente, por Freud (apud Mussalim 2001, p. 107), a noção de sujeito passa a se modificar. Este deixa de ser um sujeito homogêneo, centrado, e passa a ser visto como um sujeito clivado e dividido entre o consciente e o inconsciente. Lacan faz uma leitura do inconsciente de Freud e afirma que este se estrutura como uma linguagem que interfere no discurso do sujeito real. Segundo Mussalim (2001, p. 107):

Para poder trazer à tona seu material, Lacan assume que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, como uma cadeia de significantes latente que se repete e interfere no discurso efetivo, como se houvesse sempre, sob as palavras, outras palavras, como se o discurso fosse sempre atravessado pelo discurso do outro, do inconsciente.

Assim, Lacan (apud Mussalim 2001, p. 106) assinala que o discurso do “eu” está e é sempre atravessado pelo discurso do “outro”. O inconsciente seria portanto o lugar desse “outro”, o lugar de onde emanaria o discurso da avó, da mãe, dos amigos, etc. discursos esses que estariam marcando sempre o discurso do “eu”.

Vale ressaltar também que a Análise do Discurso de linha francesa divide-se basicamente em três grandes fases que serão resumidas aqui.

A sua primeira fase (AD1) explorou os discursos mais fechados que não permitiam uma grande variação polissêmica. Neste caso, encaixavam-se, por exemplo, os discursos políticos que pressupunham a ideologia de determinado partido político em detrimento de outra concepção ideológica, o que conferia a esses discursos um caráter mais estabilizado. É nesta fase que surge a noção de “máquina discursiva” fechada em si mesma, através da qual se processaria a descrição dos discursos. Foi nesta primeira fase que foram gestados por Peuceux os conceitos de discurso, de condições de produção e de formação discursiva, que serão explicitados mais adiante. Nesta primeira fase, o sujeito é concebido como um “sujeito-forma”, que não é um sujeito autônomo, pois ele está preso a dadas condições históricas que regulam o seu discurso. O sujeito é marcado pela posição social que ocupa, a qual interfere na sua atividade linguageira. Consoante Brandão (2001, p. 67), o sujeito “fala do interior de

uma formação discursiva (FD), regulada por uma formação ideológica (FI). E isso o leva a conceber uma subjetividade assujeitada às coerções da FD e da FI”.

Na segunda fase da Análise do Discurso (AD2), inicia-se o questionamento da noção de máquina discursiva, já que a noção de formação discursiva surgirá com força total. A formação discursiva (FD) não vai ser concebida como um espaço fechado, ao contrário, irá ser entendida como um espaço flexível, visto que ela estará constantemente estabelecendo relações com outras formações discursivas. Brandão (2001 p. 67) afirma que: “uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar...”.

Nesta fase o sujeito ainda é concebido como um sujeito assujeitado, pois ainda é marcado pela FD com a qual se identifica.

A destruição do conceito de máquina discursiva acontecerá realmente na terceira fase da Análise do Discurso (AD3). Nesta fase, a influência do “outro”, das outras formações discursivas será muito grande. A formação discursiva é compreendida como sendo atravessada por outras FDs, mas mantém sua identidade. As formações discursivas concebidas na terceira fase não se constituem de maneira independente, mas sempre em relação umas com as outras. A terceira fase defende a idéia de que há o primado do interdiscurso sobre o discurso, pois todo discurso é gestado a partir da relação com a memória discursiva. Nesta fase, o sujeito é concebido como um sujeito clivado, dividido, marcado pela influência do “outro”. O sujeito agora é visto como dividido entre o consciente e o inconsciente, o “eu” e o “outro”. Sob este aspecto, o sujeito desliza entre o consciente e o inconsciente. Consoante Mussalim (2001, p. 134), na AD3, “o sujeito é, então, um sujeito descentrado, que se define agora como sendo a relação entre o “eu” e o “outro”. O sujeito é constitutivamente heterogêneo, da mesma forma que o discurso o é”.

3.1 AS ESPECIFICIDADES DA ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso tem como objeto de estudo o “discurso” que pode ser entendido aqui como a “palavra em movimento” (ORLANDI, 2005a, p. 15). Etimologicamente falando, a palavra discurso tem em si a idéia de curso, de movimento, ou seja, é a língua em funcionamento; portanto, fazer um estudo de Análise do

Discurso, significa observar o homem falando, e observar a língua como fonte geradora de sentidos.

Segundo Maingueneau & Charraudeau (2004, p. 168), a noção de discurso já estava presente na filosofia clássica, na qual o conhecimento discursivo, aquele ligado aos argumentos lógicos e racionais, opunha-se ao conhecimento intuitivo, aquele ligado à intuição humana, que se afastava da razão. O próprio conceito de *logos*, entendido como os argumentos que os oradores utilizavam na Retórica, pode ser também relacionado ao conceito de discurso na acepção clássica.

Nas ciências da linguagem, o termo discurso vem sendo utilizado para referir-se à unidade lingüística superior à frase, inscrito em um contexto social e histórico pelo qual é determinado. Pode-se proceder, resumidamente, uma caracterização do discurso, que para a A.D. pode ser concebido como destoante da concepção de mensagem. Esta, como estabelecida pelo tradicional esquema da comunicação, que pressupunha um emissor, um receptor e uma mensagem, é colocada por terra pela Análise do Discurso. O discurso pressupõe a relação entre o sujeito, a história, e os múltiplos sentidos desencadeados na atividade lingüística. Consoante Orlandi (2005, p. 21):

Para a Análise do Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem decodificando-a.

Desse modo, a AD não considera o discurso apenas como uma mensagem transmitida a um receptor ou destinatário, que se encontra apático e passivo; ao contrário, a atividade discursiva é vista como uma atividade contextualizada, interativa, que pressupõe a participação igualitária entre os sujeitos envolvidos no processo discursivo.

Os participantes da atividade discursiva são denominados por Maingueneau (2001 p. 54) de co-enunciadores, conforme se pode observar na seguinte citação:

Se admitimos que o discurso é interativo, que ele mobiliza dois parceiros, torna-se difícil nomear “destinatário” o interlocutor, pois assim, a impressão é a de que a enunciação caminha num sentido único, que ela é apenas a expressão do pensamento de um locutor que se dirige a um destinatário passivo. Por isso, acompanhando o lingüista Antonie Culioli, não falaremos mais de “destinatário”, mas de co-enunciador. Empregado no plural e sem hífen, coenunciadores designará os dois parceiros do discurso. .

(MAINGUENEAU, 2001, p. 54)

A AD concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade social. Procura-se, portanto, compreender a língua como um sistema simbólico que permite ao homem significar a realidade. É importante ressaltar que, por estudar a língua em movimento, a Análise do Discurso procura sobremaneira analisar as condições de produção do Discurso, que compreendem: o contexto imediato com o qual a produção discursiva se relaciona, o contexto sócio-histórico, a ideologia e também a memória, ou melhor, a maneira como a memória é acionada no momento em que o discurso é produzido. Segundo Orlandi (2005, p. 30), as condições de produção do discurso “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso”. Consoante Peuceux (1997, p.77), todo discurso é sempre fruto de determinadas condições de produção, tal como se observa no trecho a seguir:

[...] um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas: por exemplo, o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a um partido de oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal ou tal interesse, ou então está “isolado” etc.

(PEUCHEUX 1975, p.77)

Dessa forma, para Peuceux (1997), as condições de produção do discurso ligam-se primordialmente ao lugar que determinado sujeito social ocupa na sociedade; lugar este inscrito no campo das representações simbólicas. Assim, o lugar

representado por um deputado de oposição ou de governo será parte constituinte das condições de produção de um discurso.

As condições de produção compreendem não somente o contexto imediato, como também o contexto amplo, ou, em outras palavras, algumas dessas condições são de ordem situacional, mas outras são de ordem discursiva. Segundo Maingueneau & Charaudeau (2004, p. 115):

É certo que um sujeito falante é sempre parcialmente sobredeterminado pelos saberes, crenças e valores que circulam no grupo social ao qual pertence ou ao qual se refere, mas ele é igualmente sobredeterminado pelos dispositivos de comunicação nos quais se insere para falar e que lhe impõem certos lugares, certos papéis e comportamentos.

Dessa forma, as condições de produção do discurso funcionam de acordo com alguns fatores, quais sejam: as relações de forças, as relações de sentido, a antecipação e as formações imaginárias. Segundo as relações de sentidos, todo discurso se relaciona com outros, ou seja, “os sentidos resultam das relações: um discurso aponta para outros que o sustentam” (ORLANDI, 2005 p. 39). A relação de forças é aquela que mostra que “o lugar a partir do qual o sujeito fala é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 2005, p. 39). Sendo assim, quando um médico fala do lugar de médico suas palavras significam de modo diferente do que se ele falasse do lugar de um paciente, por exemplo. Existe aí uma diferenciação hierárquica entre os sujeitos do discurso.

Esses mecanismos de funcionamento do discurso repousam nas formações imaginárias, que são as “imagens” resultantes de projeções do sujeito no discurso. As formações imaginárias compreendem, então, a posição que os sujeitos ocupam no discurso e a relação de poder que estabelecem com um interlocutor. Dessa forma, um adolescente, escrevente de *blog*, pode, numa formação imaginária, falar da posição de adulto com um outro sujeito que ocupe aí a posição imaginária de adolescente, por exemplo. A formação imaginária revela a posição ocupada pelos sujeitos no discurso, e não o seu real lugar. É através da formação imaginária que os sujeitos discursivos se relacionam. A antecipação acontece no campo discursivo quando o enunciador coloca-se no lugar do ouvinte, procurando perceber o sentido que suas palavras irão produzir no mesmo. Assim, haverá o dispositivo regulador do discurso: o sujeito usará umas ou

outras palavras, falará de um modo ou de outro, de acordo com os efeitos de sentido que busca produzir.

Para a Análise do Discurso, a língua é vista como um sistema dinâmico e em amplo processo de construção. Os sentidos são elaborados continuamente por sujeitos sociais marcados pela história e pela ideologia. Assim, o discurso não é o espaço da harmonia, é, ao contrário, o espaço do conflito ideológico.

O sentido, por sua vez, é formado em sua relação com as palavras já ditas, com os discursos pré-existentes, numa relação dialética entre eles. As condições de produção do discurso ligam-se, portanto, não só ao interdiscurso, mas também ao contexto imediato, histórico e social em que esse discurso foi formado, já que o sujeito é atravessado pelas condições sócio-históricas da sociedade em que vive. A ideologia também é outro fator que se liga diretamente às condições de produção do discurso. É a ideologia entendida aqui, não no sentido estritamente marxista, como forma de ocultar a real exploração de classes, ou ainda como um conjunto de representações ou visão de mundo, mas enquanto uma relação entre o sujeito, a língua e a história. A ideologia aparece então como “relação necessária do sujeito com a língua e com a História para que haja sentido”. A ideologia se faz presente com seu modo de funcionamento imaginário, pois não existe uma relação direta entre linguagem/mundo e pensamento.

Um outro elemento que constitui as condições de produção do discurso é o interdiscurso. O *interdiscurso* é entendido como “todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2005, p. 33). Ele nos permite, então, relacionar o discurso a toda uma filiação de dizeres, a uma memória acionada todas as vezes em que se produz o discurso. Todo discurso relaciona-se com um discurso prévio, portanto, nesse sentido não se pode identificar a origem de um dado discurso, visto que este sempre é produzido em relação a outros discursos já esquecidos. Neste sentido, Peuceux (1997, p. 77) afirma que:

em outro termos, o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discursivo prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as “deformações” que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido.

Assim, tudo o que já foi dito por alguém sobre determinado tema, em algum lugar, tem um efeito sobre o discurso do sujeito naquele momento. Desse modo, o discurso não se origina no sujeito e as palavras não são dele, mas são gestadas no seio do já dito. Orlandi (2005 p. 32) afirma que “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela História e pela língua.” Sendo assim, através do interdiscurso, o sujeito faz das palavras já ditas as suas próprias palavras, e através do discurso se significa e significa a realidade. Porém, para que o interdiscurso aja adequadamente sobre o sujeito é preciso que o que já foi dito se apague na mente do mesmo. É preciso que haja um esquecimento. Segundo Orlandi, (2005, p. 35), pode-se distinguir duas formas de esquecimento no discurso, que são: o esquecimento enunciativo, denominado por Peuceux (1997) de esquecimento número 2 e o esquecimento ideológico, denominado por ele de esquecimento número 1. O esquecimento enunciativo diz respeito à maneira como os interlocutores utilizam as palavras no momento em que produzem o discurso. Assim, esse esquecimento faz com que os indivíduos usem umas palavras em lugar de outras, atestando que o modo de dizer algo se relaciona com o sentido que se quer gerar ao produzir-se determinado enunciado, ou seja, o modo de dizer não é indiferente aos sentidos. Esse é um esquecimento parcial, semi-consciente, e, muitas vezes, recorre-se a ele através do uso de seqüências parafrásticas, a fim de se especificar o que se pretende dizer.

Nas palavras de Peuceux & Fuchs (1975, p. 176):

[...] a enunciação equivale pois a colocar fronteiras entre o que é selecionado e tornado preciso aos poucos (através do que se constitui o universo do discurso) e o que é rejeitado. Desse modo se acha, pois, desenhado num espaço vazio no campo de “tudo o que seria possível ao sujeito dizer (mas que não diz)” ou o campo de “tudo a que se opõe o que o sujeito disse”.

Trata-se, portanto, de um esquecimento semi-consciente, quando o sujeito escolhe determinados itens lexicais e refuta outros.

O outro esquecimento é o esquecimento ideológico ou esquecimento número 1, que possui uma relação direta com o interdiscurso. Através desse esquecimento,

relaciona-se o que é dito na atividade discursiva com discursos pré-existentes que são acionados na memória no momento em que se produz um evento discursivo.

Nas palavras de Peuceux (1975, p. 168):

O ponto da exterioridade relativa de uma formação ideológica em relação a uma formação discursiva se traduz no próprio interior desta formação discursiva: ela designa o efeito necessário de elementos ideológicos não-discursivos (representações, imagens ligadas a práticas etc.) numa determinada formação discursiva.

Desse modo, no interior da própria formação discursiva desencadeiam-se os outros discursos já ditos e esquecidos pelos sujeitos sociais. Os discursos pré-existentes são “esquecidos” pelo interlocutor e só vêm à tona no momento do evento discursivo, estabelecendo relações com o que está sendo dito. Assim, atesta-se a noção de que o discurso é atravessado pela história e pela ideologia e que o esquecimento é estruturante, já que permite a constituição dos sujeitos que, ao esquecerem o que foi dito, se identificam com o que dizem e, assim, se constituem enquanto sujeitos.

Outra noção importante que é postulada pela AD e que não pode ser compreendida separadamente da noção de interdiscurso, é a noção de formação discursiva.¹⁸ Segundo Mussalim (2001, p.119) a formação discursiva é aquela que “determina o que pode/deve ser dito a partir de um determinado lugar social”. Como já afirmado anteriormente, o sentido não existe em si mesmo nem é pré-existente às palavras, mas é uma construção histórica. Por isso, os sentidos de uma mesma palavra ou de um mesmo enunciado serão diferentes quando colocados em contextos sociais específicos. O sentido filia-se a uma gama de concepções marcadas pela ideologia. Consoante Maingueneau & Charaudeau (2004, p. 241-242), o termo formação discursiva:

[...] permite, com efeito, designar todo conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscrito que pode relacionar-se a uma identidade enunciativa: o discurso comunista, o conjunto de discursos proferidos por uma administração, os enunciados que decorrem de uma ciência dada, o discurso dos patrões, dos camponeses, etc.(...)

¹⁸ Segundo Maingueneau & Charraudeau (2004), o termo formação discursiva foi introduzido por Foucault (1971) quando considera que as formações discursivas poderiam ser encaradas como a relação entre os enunciados. Assim, por exemplo, os enunciados sobre a loucura originariam a formação discursiva da psiquiatria e assim por diante.

A formação discursiva é marcada por regras concebidas como mecanismos de controle que interferem no discurso do sujeito social. Essas regras marcam o que pode ou não ser dito em determinado momento histórico.

Assim, num *blog*, circulam diversas formações discursivas, dentre as quais pode-se destacar, a título de explicação, a formação discursiva do “ser adolescente”, por exemplo. Essa estabelece que ser adolescente é “gostar de baladas”, “utilizar gírias”, “não gostar de obedecer normas” etc. Sabe-se assim, por exemplo, o que pode ou não ser dito dentro da formação discursiva do “ ser adolescente” (ida a festas, baladas, consumo de bebida alcoólica etc). Mussalim (2001, p. 125) afirma que “o conceito de formação discursiva, já apresentado, é utilizado pela AD para designar o lugar onde se articulam o discurso e a ideologia”. Porém, cabe aqui um questionamento: como se pode definir a ideologia no âmbito dos estudos da Análise do Discurso?

Consoante Orlandi (2005, p. 48),

A ideologia, por sua vez, nesse modo de a conceber, não é vista como um conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação de uma realidade. Não há aliás realidade sem ideologia. Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história, para que haja sentido.

Assim, para a AD, a ideologia não é concebida como um conjunto de idéias, tal como o era para os gregos, nem tampouco como uma forma de ocultar a realidade, tal como estabelecida por Marx (1982). Na AD, a ideologia é o elemento necessário para que a língua faça sentido, pois o homem é interpelado pela ideologia e através dela ele significa a linguagem, o discurso.

As formações discursivas inscrevem-se dentro de formações ideológicas que podem ser definidas como um conjunto de representações simbólicas que estabelecem relações com a posição social dos sujeitos. Brandão (2004, p. 47) afirma que:

[...] num determinado momento histórico e no interior mesmo desses aparelhos, as relações de classe podem caracterizar-se pelo afrontamento de posições políticas e ideológicas que se organizam de forma a entreter entre si relações de aliança, de antagonismos ou de dominação.

Assim, as formações discursivas inscrevem-se em certas formações ideológicas que se relacionam com a posição de classe ocupada por dado sujeito na sociedade.

Consoante Peuceux (1975, p. 166):

Falaremos de formação ideológica para caracterizar um elemento (este aspecto da luta nos aparelhos) suscetível de intervir com uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento; desse modo, cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras.

Assim, como se pode observar na citação anterior, as formações ideológicas ligam-se a posições de classe que o indivíduo ocupa na sociedade. O sujeito, enquanto atravessado pela História e pela ideologia, constitui-se como um sujeito clivado e dividido. As formações discursivas circunscrevem-se dentro de formações ideológicas e também são marcadas pela posição ideológica que o enunciador ocupa socialmente.

As formações discursivas não podem ser concebidas como fechadas em si mesmas, mas como unidades que estabelecem relações com outras FDs atravessadas por elas. Por isso, não se pode delimitar com clareza, de forma definitiva, uma dada formação discursiva, uma vez que ela é sempre marcada e atravessada por outras FDs, o que representa muitas vezes embates ideológicos.

Voltando ao exemplo da formação discursiva do “ser adolescente”, exemplifica-se essa questão. Enquanto “ser adolescente” é estabelecido pelos escreventes de *blog*, e pela sociedade de modo geral, da forma descrita anteriormente, pode ser concebida de forma diversa, por um grupo religioso, por exemplo. Um grupo religioso pode considerar que “ser adolescente” é conseguir vencer as tentações mundanas. Neste caso, haveria um embate ideológico entre as duas formações discursivas.

Ao falar da noção de sujeito, faz-se necessário esclarecer a forma como esta é vista pela Análise do Discurso. Para a AD o sujeito não é um sujeito autônomo, nem tem acesso conscientemente a tudo o que diz. O sujeito é marcado e atravessado pela história, que ocupa um dado lugar na esfera social, lugar este que marca a sua atividade linguageira. A sua fala, consoante Brandão (2004, p.59), “é produzida a partir de um

determinado lugar e de um determinado tempo”. O sujeito para a AD não coincide com o sujeito psicológico, o indivíduo centrado em si mesmo. Assim como a linguagem e os sentidos, os sujeitos também não são transparentes, pois se constituem em um processo marcadamente histórico e ideológico. Consoante Orlandi (2005, p. 48-49):

[...] atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e sujeito à. Ele é sujeito à língua e à História, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas.

Para a AD, o sujeito é pré-determinado pelas concepções ideológicas, é um sujeito polifônico, já que reproduz diversas vozes enunciativas e não possui uma autonomia completa, uma vez que está preso a um contexto histórico e ideológico. O sujeito discursivo relaciona-se, pois, com a posição ocupada por alguém no discurso. O sujeito da AD é atravessado pelo “outro”, questionando-se a noção de sujeito como “dono de seu discurso”. Brandão (2004, p. 59) afirma:

[...] dessa forma, como ser projetado num espaço e num tempo orientado socialmente, o sujeito situa o seu discurso em relação aos discursos do outro. Outro que envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta sua fala (nível intradiscursivo), mas que também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala (nível interdiscursivo).

Assim, há aqui a concepção de sujeito como a de um sujeito assujeitado, que não é dono de suas próprias palavras e não é a origem do discurso. É o sujeito marcado e atravessado pela História e pela ideologia, o sujeito clivado, constantemente atravessado pelo outro. Orlandi (2005, p. 50), afirma que:

A forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos de assujeitamento.

(ORLANDI 2005, p. 50)

É dessa forma que se constitui a heterogeneidade discursiva, na qual há sempre a presença do “outro” que atravessa e direciona o discurso do “eu”. Para a AD, não existe discurso sem a presença do “outro”, não existe sujeito psicológico que não seja atravessado pela história e pela ideologia.

Desse modo, a A.D. concebe a língua como uma atividade concreta, como a palavra em movimento, marcada pela ideologia. O sujeito, atravessado pela história, não é totalmente autônomo, e as palavras não são nele originadas, uma vez que estas são gestadas no âmbito social e histórico, carregando, então uma imensa carga polissêmica.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Como já foi explicitado anteriormente, essa dissertação focaliza a forma como o *ethos* se constitui dentro em um diário digital com um caráter intimista, veiculado em um ambiente público: a Internet.

O advento da Internet veio a inaugurar novas formas de relação social, antes desconhecidas e até inimaginadas. Através da Internet duas pessoas podem, por exemplo, conversar em tempo real, recorrendo, para isso, em sua maioria, à escrita. A diminuição da distância entre as pessoas, a rápida difusão de informações e a comunicação com inúmeras pessoas de várias partes do mundo fizeram da Internet um espaço que inaugurou novas formas de interação entre as pessoas: a amizade ou até mesmo o namoro entre duas pessoas que vivem em diferentes lugares do mundo fazem com que se repense a especificidade das relações sociais pós-modernas.

No campo lingüístico, a Internet também trouxe inovações: inaugurou diálogos síncronos baseados na escrita, criou novas formas de uso da língua e novos espaços discursivos. O *blog* encaixa-se dentro dessas inovações pressupostas pela Internet, pelo Hipertexto.

A fim de proceder a análise do *corpus* utilizado nesta pesquisa, fez-se a subdivisão deste capítulo em três seções, quais sejam: a seção 4.1 que define e estabelece a caracterização do *corpus*, a seção 4.2, onde são abordadas as técnicas de observação e coleta de dados, e a seção 4.3, que trata das técnicas de análise dos *blogs* selecionados no *corpus*.

4.1 A CARACTERIZAÇÃO DO *CORPUS*

A pesquisa acerca dos gêneros digitais pode levar a uma maior compreensão das especificidades das novas relações sociais. Esta dissertação, por exemplo, buscará compreender como o discurso intimista do *blog* ocorre dentro de um espaço público, as formas como os escreventes falam de si, num diário digital na Internet.

Como já foi discutido no capítulo 1, os gêneros discursivos ligam-se às mais diversas atividades humanas. O advento das novas tecnologias, principalmente do computador, e, com ele, a Internet, possibilitou o surgimento de novos gêneros discursivos. Marcuschi (2002, p. 20) afirma que “não é difícil constatar que, nos

últimos dois séculos, foram as novas tecnologias *per se* que, em especial as ligadas à área da comunicação, que propiciaram o surgimento de novos gêneros textuais¹⁹

Dentre os diversos gêneros digitais surgidos com a Internet, o *blog* constitui-se como um gênero cuja especificidade chama a atenção dos estudiosos da área de linguagem, por ser um diário, de caráter intimista, veiculado num meio público, a Internet. Diante disso, surgiu o interesse de pesquisar o *ethos* nos *blogs*, compreendendo a forma como este se constituía dentro do limiar entre o público e o privado.

O *corpus* desta pesquisa é constituído por dois *blogs*²⁰, sendo um masculino e um feminino, escritos por adolescentes com faixa etária entre 14 e 18 anos. Os *blogs* foram escolhidos através dos sistemas de busca na Internet. Após a coleta do *corpus*, procedeu-se à numeração dos mesmos, da seguinte forma:

Blog 1-Blog da Joannah (disponível em <http://www.joannah.weblogger.terra.com.br/index.htm>).

Blog 2- O blog do Luís Guilherme (disponível em <http://www.boroguinho.weblogger.terra.com.br/index.htm>).

A escolha dos dois *blogs* aqui utilizados como *corpus*, se deu em observância aos critérios de seleção do mesmo, uma vez que, apesar de inúmeros *blogs* terem sido consultados, apenas os *blogs* da Joannah e do L.G. foram analisados pelo fato destes atenderem aos critérios de seleção do *corpus*, conforme se poderá ver no item a seguir.

4.2 TÉCNICAS DE OBSERVAÇÃO E COLETA DE DADOS

A etapa mais difícil desta pesquisa foi, sem dúvida, a seleção dos *blogs*, que, pelo próprio caráter fugaz do hipertexto, eram subitamente retirados do ar pelo *site* no qual estavam hospedados ou pelo próprio escrevente que resolvia abandoná-lo, perdendo o interesse de manter o *blog* na Internet.

Assim, para que se chegasse aos dois *blogs* que constituem o *corpus* desta pesquisa, foi necessário realizar um banco de *blogs*, no qual se colocava o endereço dos *blogs* que haviam sido lidos e que poderiam figurar como um dos elementos do *corpus* de pesquisa. Baseando-se nisso, elaborou-se a seguinte tabela:

¹⁹ O termo gêneros textuais está sendo utilizado por Marcuschi como sinônimo de gêneros discursivos de Bakhtin.

²⁰ A escolha dos dois *blogs* aqui referidos se deu pelo fato de que os mesmos representaram características relevantes para a análise do modo de constituição do *ethos*, como será explicitado no capítulo de análise de dados.

Banco de *blogs*

http://www.dudinhah.weblogger.terra.com.br/index.htm
http://www.cacazuda.weblogger.terra.com.br/index.htm
http://teteu.weblogger.terra.com.br/index.htm
http://mazuco.weblogger.terra.com.br/
http://ovinho.weblogger.terra.com.br/index.htm
http://tatizinhaa.weblogger.terra.com.br/
http://littlehoney.weblogger.com.br/
http://sergioo.weblogger.terra.com.br/index.htm
http://mizuda.weblogger.terra.com.br/
http://kati.weblogger.terra.com.br/index.htm
http://zizinhaa.weblogger.terra.com.br/index.htm
http://biazudinhaa.weblogger.terra.com.br/index.htm
http://slip-rigon.weblogger.com.br/
http://sergioo.weblogger.terra.com.br/index.htm
http://mariahbp.weblogger.terra.com.br/index.htm
http://fe_loirinha.weblogger.terra.com.br/index.htm
http://nanda_miga.weblogger.terra.com.br/index.htm
http://janaa.weblogger.terra.com.br/index.htm
http://www.joannah.weblogger.terra.com.br/
http://lais_linda.weblogger.com.br/
http://tattyxonada.weblogger.terra.com.br/index.htm
http://www.boroguinho.weblogger.terra.com.br/index.htm

Foram usados os seguintes critérios de seleção do *corpus*:

- a) buscou-se selecionar aqueles *blogs* que não haviam sido retirados do ar até a data em que se estava procedendo à seleção do *corpus* e à análise do mesmo;
- b) priorizou-se aqueles *blogs* que não haviam sido abandonados pelos seus escreventes e que ainda continham as mensagens postadas.

Dessa forma, chegou-se aos dois *blogs* que configuram o *corpus* dessa pesquisa.

4.2.1 Estrutura dos *blogs*

Para que se possa esclarecer a forma como foi realizada a análise do *corpus*, faz-se necessário que se detalhe aqui a estrutura dos *blogs*, uma vez que esta será comum para todos os *blogs* postados na Internet, como poderá ser visto a seguir.

O *Blog* é formado por uma seqüência de mensagens que são postadas e datadas em ordem cronológica. Em todo *blog*, ao fim das mensagens principais dos

escreventes, há um *link* no qual o leitor, ao clicar, é remetido a uma página onde pode comentar as mensagens do *blog*, mandar recados para os escreventes, criticá-los etc. Há também *links* nos quais ficam armazenadas as mensagens mais antigas, bem como aqueles que remetem os internautas aos *blogs* dos amigos ou conhecidos do escrevente.

Exemplo 17:

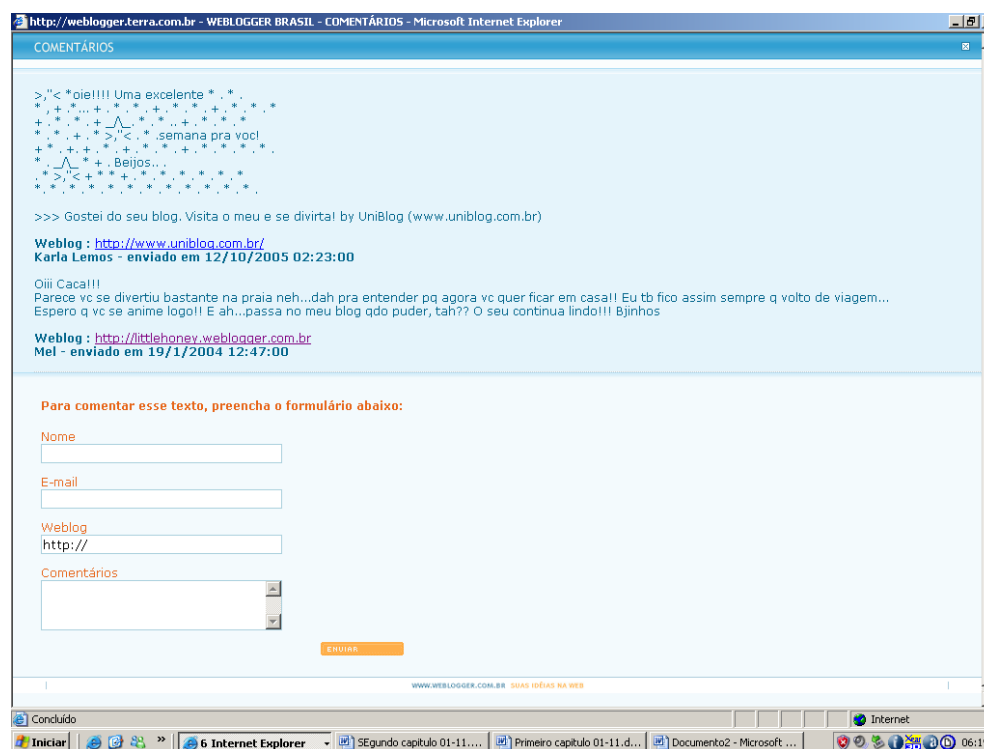
The screenshot shows a Blogger blog page in Internet Explorer. The browser's address bar displays 'http://www.cacazuda.weblogger.terra.com.br/index.htm'. The page content includes a sidebar with a list of names (PaoliNha, [NDN]Raphael, LG, Yssis, ZIZINHA, _kati_, #WaveS, mizinha', [LaRiSSa], MIRINHO, iKi, Nilzinho, Ronald, Ioiro) and a 'BigBlogger Brasil' logo with '297 visitas'. The main content area features two posts. The top post is dated 'segunda-feira, 5 de janeiro de 2004' and has a title '"e qNDo baTe a saudaDe eU voU pRU maR.. feCho meUS oLhoS e siNto vC chegaR..!'" and a comment by 'Por Camila, às 00:23:44'. The bottom post is dated 'sexta-feira, 26 de dezembro de 2003' and has a title 'Amor pra Recomeçar (FreJat)'. A navigation menu on the left lists months from 'Janeiro-2004' to 'Junho-2003'. Annotations with arrows point to the date 'segunda-feira, 5 de janeiro de 2004', the sidebar, the date 'sexta-feira, 26 de dezembro de 2003', and the comment 'Por Camila, às 00:23:44'.

Mensagens datadas

Arquivo de mensagens anteriores

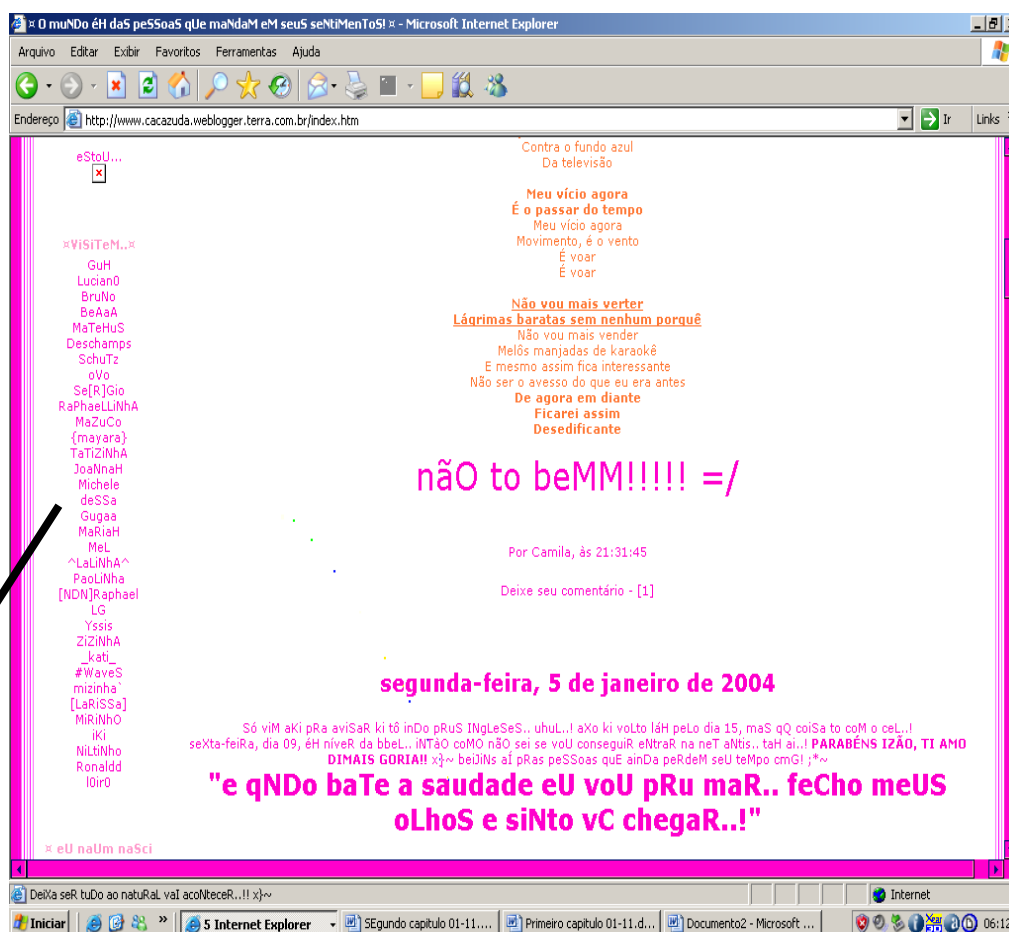
Link para comentários

Exemplo 18:



Ao clicarem no *link* comentários, os leitores são remetidos a páginas como essa citada no exemplo (18). Nela há uma espécie de formulário no qual o leitor coloca ou não o nome, o *e-mail* e a mensagem que quer enviar, a qual é automaticamente publicada na referida página. O escrevente não pode escolher a cor dessa página, pois ela é pré-selecionada. Há também um espaço nos *blogs*, no qual se colocam os *links para os blogs de amigos ou de conhecidos*, o que faz com que o diário digital seja um amplo espaço intertextual.

Exemplo 19:



Após essas considerações acerca do *corpus*, sua caracterização e suas especificidades, dar-se-á procedimento à pesquisa, a partir da análise de dados dos blogs aqui selecionados, objetivando, dentre outras coisas, testar as hipóteses de pesquisa e atingir os objetivos propostos na mesma.

4.3 TÉCNICAS DE ANÁLISE

Para que se pudesse compreender como se deu a formação do *ethos* nos *blogs*, utilizou-se como base o esquema sobre o *ethos*, proposto por Maingueneau (2005). Assim, procedeu-se à análise do modo como o estereótipo guia o auditório no estabelecimento da imagem do enunciador, observando a forma como se constituem o *ethos* dito e o *ethos* mostrado, e se o *ethos* pré-discursivo pode ou não ser confirmado no processamento discursivo.

Observou-se também a cenografia dos *blogs*: o jogo de cores, as imagens, a interação do auditório e sua interferência no discurso do escrevente. Sendo assim, para que os objetivos dessa pesquisa fossem atingidos, foram considerados alguns fatores tais como:

- a identificação dos estereótipos que guiam a formação da imagem do enunciador pelos co-enunciadores, bem como a forma pela qual esses estereótipos marcam a construção da imagem do escrevente dos *blogs*;
- a identificação do tom utilizado pelos escreventes no discurso do *blog*, o que será revelado através da escolha de determinados itens lexicais ou enunciados em lugar de outros;
- a identificação dos co-enunciadores ou ainda do auditório particular dos *blogs* analisados, a fim de perceber como esses direcionam, interagem e participam do discurso do blogueiro;
- a identificação da imagem do fiador que surgirá no âmbito discursivo e permitirá ou não a identificação com o auditório particular;
- as imagens e figuras presentes nos *blogs* e a cenografia dos mesmos que marcam a constituição do *ethos* discursivo.

Desta forma, a partir da escolha do tema, definição do problema, delimitação do campo de trabalho e escolha do *corpus*, passou-se então à atividade de análise de dados, inicialmente guiada pelas seguintes hipóteses:

- a) os *blogs* não podem ser vistos como sendo a publicação *online* dos diários tradicionais, uma vez que a intimidade revelada nos primeiros é constantemente regulada pela presença do “outro”, do auditório particular ou dos co-enunciadores, que participam e interagem com o escrevente nos diários digitais;
- b) a intimidade revelada nos *blogs* é uma intimidade restrita que se baseia na expectativa do auditório particular e de toda uma imagem formada pelo auditório acerca do escrevente;
- c) a construção do *ethos* ocorre a partir da adequação do discurso sobre si, às expectativas de um auditório particular que restringe o discurso do escrevente.

5 ANÁLISE DE DADOS

5.1 A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* NOS *BLOGS*: ASPECTOS GERAIS

Consoante Maingueneau (2006, p. 266): “o texto não se destina à contemplação, sendo, em vez disso, uma enunciação ativamente dirigida a um co-enunciador, que é preciso mobilizar, a fim de aderir ‘fisicamente’ a um certo universo de sentido”. É no momento da enunciação que o *ethos* vai efetivamente se construir. A enunciação pressupõe a mobilização do co-enunciador que é convidado a aderir ao universo de sentido ali proposto. No caso dos *blogs*, que são aqui analisados, os co-enunciadores são aqueles para quem a enunciação está sendo dirigida; são os co-participantes da enunciação que não podem ser compreendidos apenas como receptores passivos de uma mensagem, mas devem ser vistos como participantes ativos do processo enunciativo. Na perspectiva de Perelman e Olbrechts Tyteca (1996), os co-enunciadores também podem ser definidos como o auditório (vide capítulo 2 deste trabalho), que interfere e direciona o discurso do orador.

Retomando o esquema de Maingueneau (2005) sobre o *ethos*, pode-se afirmar que este é construído efetivamente através da interação entre cinco elementos: o *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo, *ethos* dito e *ethos* mostrado e os estereótipos. Vale ressaltar que estes últimos exercem forte influência na constituição do *ethos* do enunciador, já que este direciona tanto a formação da imagem do enunciador, como a do co-enunciador.

Consoante Maingueneau (2005), o *ethos* é parte constitutiva da cena de enunciação. Esta pressupõe três diferentes instâncias: a cena englobante, definida por Maingueneau (2005) como correspondente ao tipo de discurso, o qual, segundo ele, diz respeito aos discursos associados aos diversos setores de atividade social; a cena genérica que se associa a um determinado gênero do discurso, e finalmente a cenografia, percebida pelo autor como um quadro²¹ (que não é estático, mas sim está em constante processo) no qual ocorre a enunciação. Esse “quadro” carrega todos os

²¹ A palavra quadro não deve ser entendida aqui como um elemento decorativo, pré-existente ao discurso e independente dele. O termo quadro é utilizado aqui como lugar do processo enunciativo, que nunca deve ser estático e sempre é dinâmico.

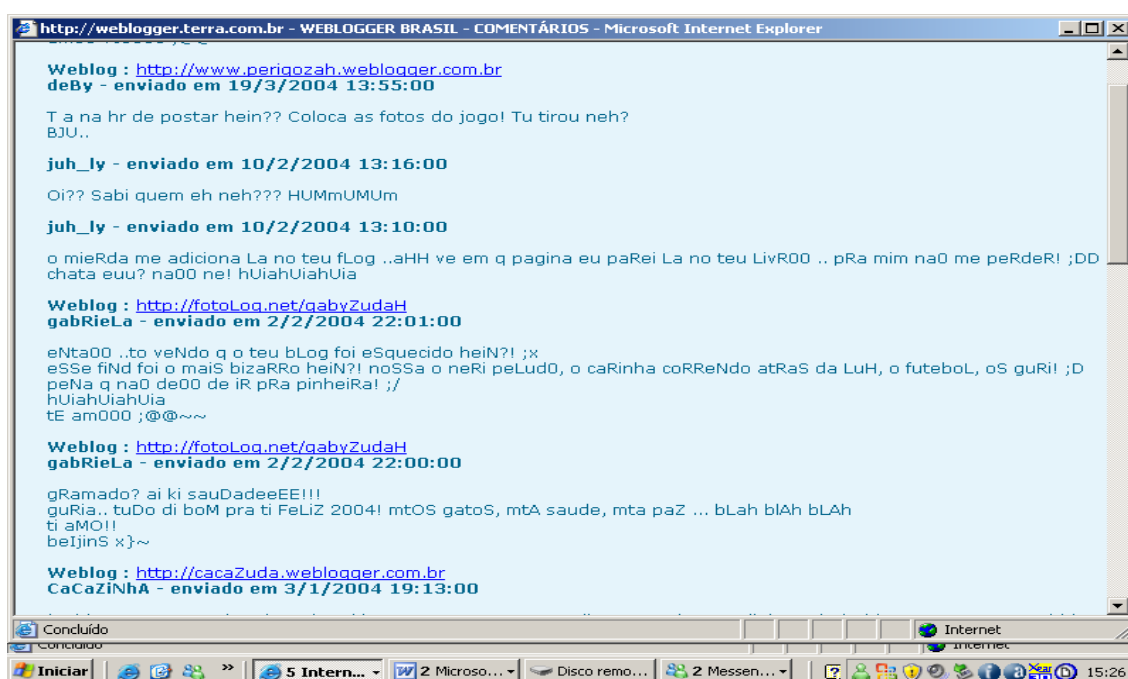
elementos que compõem o discurso: as imagens, os *posts*, o jogo de cores, os *links*, os enunciadores e co-enunciadores etc.

Além disso, a cenografia inscreve-se dentro de um espaço temporal (cronografia) e de um lugar (topografia). Segundo Maingueneau (2005, p. 77):

Em uma cenografia, como em qualquer situação de comunicação, a figura do enunciador, o fiador, e a figura correlativa do co-enunciador são associadas a uma cronografia (um momento) e a uma topografia (um lugar) das quais surge supostamente o discurso.

A cenografia pressupõe uma cronografia (um momento de enunciação) e uma topografia (um lugar enunciativo). No *blog*, o momento da enunciação estende-se desde o instante de postagem da primeira mensagem até o momento em que os escreventes deixam de postá-las. O momento da enunciação corresponde, pois, a uma parte da adolescência. Já a topografia do *blog* é o hipertexto. Este determina o modo de enunciação interativo, ubíquo, inerente ao ambiente que se faz presente no *blog*. O hipertexto possibilita que a escrevente coloque em seu *blog*, músicas, fotos, imagens animadas etc. É o espaço hipertextual que permite também a interferência dos leitores no *blog*, com comentários sobre os *posts* dos *blogueiros*, tal como se pode observar no exemplo a seguir:

Exemplo 20



No exemplo (20), nota-se que os co-enunciadores interferem no *blog*, tecendo comentários sobre os *posts* da escrevente. Nele, podem-se destacar os seguintes comentários:

(21) deby- Enviado em 19/03/2004:

T a na hr de postar hein? Coloca as fotos do jogo. Tu tirou neh?

(22) Enviado em 10/02/2004:

O mierda me adiciona lá no teu flog... ahhhh vê em que página eu parei lá no teu livro... para mim não me perder; D D, chata eu?

Os exemplos anteriores mostram que os co-enunciadores interferem realmente no discurso dos escreventes. O uso de verbos no imperativo: *me adiciona, coloca*, revelam que os co-enunciadores exigem uma atitude mais participativa dos escreventes em relação ao seus *blogs*.

Os *blogs* instituem uma cena de enunciação específica, formada por uma cena englobante, que pode ser compreendida como o discurso intimista. Por ser um diário digital, no qual as pessoas escrevem sobre si mesmas, sobre suas vidas e suas ações cotidianas, diz-se que os *blogs* possuem um caráter intimista.

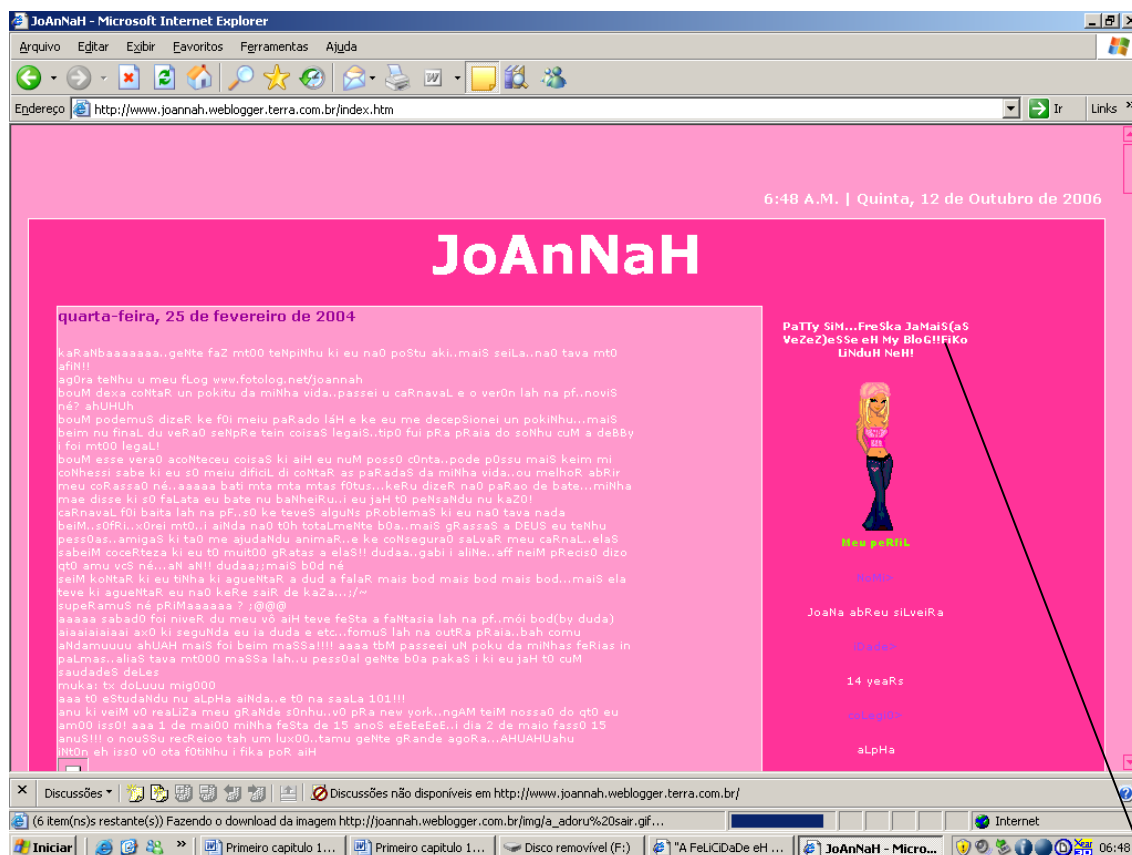
A cena genérica do *blog* é o discurso diarístico. Este pressupõe que o escrevente fale sobre si, sobre sua vida cotidiana, seus anseios e desejos. A especificidade do *blog* é, no entanto, o fato de falar sobre si num ambiente público e coletivo, instituído pela *Internet*.

5.2 NAVEGANDO PELO *CORPUS*

5.2.1 O *Blog da Joannah*

A imagem a seguir representa o trecho do *blog da Joannah* que será aqui analisado.

Exemplo 23:



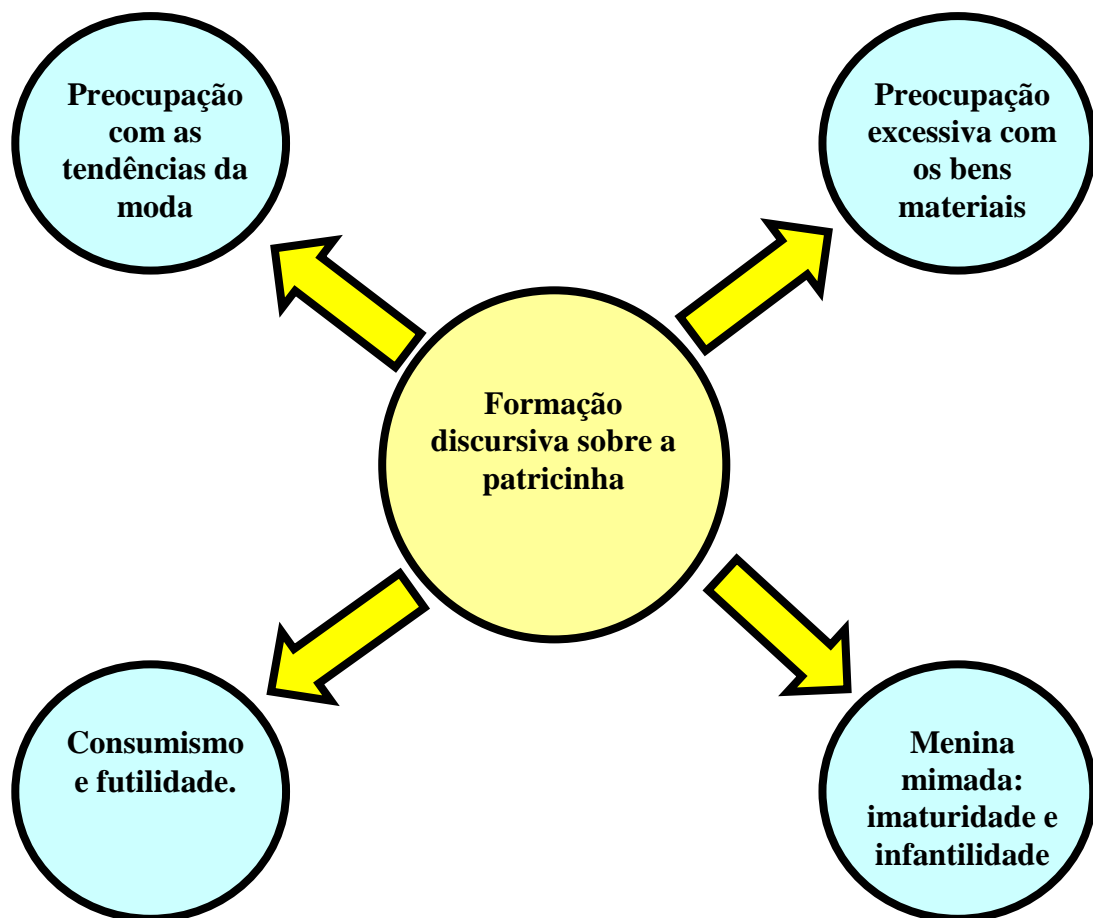
Frase de chamada

Patty sim, freska jamais (às vezes). É com esta chamada que a escritora do *blog, Joannah*, inicia a descrição de si mesma. Ao enunciar-se através desta frase, a escritora pretende inicialmente dizer: eu sou isto, não aquilo. Porém, por que é necessário e importante para ela fazer essa restrição? Isso ocorre porque os seus co-enunciadores, ou nas palavras da nova Retórica, seu auditório particular, é constituído por adolescentes da mesma faixa etária da escritora (treze e quatorze anos), para os quais ser *patty* (ser “patricinha”) é sinônimo de ser uma pessoa “cheia de não-me-

toques”, ou nas palavras dos próprios adolescentes ser uma pessoa “fresca”. No intuito de quebrar essa imagem negativa que poderia ser atribuída a si própria, a escrevente enuncia: “sou patty, mas não sou freska só às vezes”. Apenas observando esse trecho, nota-se a existência de um estereótipo inicial, indicado pela própria escrevente: o de ser “patricinha”. O que é ser “patricinha”? Quais os estereótipos pré-atribuídos a elas?

As “patricinhas” são vistas como garotas que só usam roupas e acessórios de marca, que estão sempre seguindo as tendências ditadas pela moda televisiva, consideradas consumistas e fúteis por pensarem demais em bens-materiais etc.

Detectou-se, portanto, a formação discursiva através da qual se afirma que ser patricinha é ser uma garota excessivamente preocupada com questões consideradas fúteis por muitos: moda, consumismo, aparência física, estética, beleza. Estas características estão sumarizadas no esquema abaixo:



A formação discursiva da “patricinha” enquanto menina mimada e fútil circula, com certa facilidade, dentro do grupo do qual a adolescente faz parte. No entanto, não se pode concebê-la como uma unidade fechada em si mesma, mas sim como um fenômeno que representa sempre um embate entre posições ideológicas do sujeito social. Consoante Brandão (2004, p. 47):

Constituindo o discurso um dos aspectos materiais de ideologia, pode-se afirmar que o discursivo é uma espécie pertencente ao gênero ideológico. Em outros termos, a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas.

Enquanto para os adolescentes esta representação é vista de modo negativo e até pejorativo, para o grupo das mulheres que se preocupam excessivamente com a beleza, com a moda, com os bens materiais, não. Há aí um embate entre posições ideológicas diferentes, engendrados por uma mesma formação discursiva.

Assim, no momento da identificação que Joannah faz de si própria, ao afirmar que é “patricinha”, são mobilizadas pelo interdiscurso todas as características estabelecidas pela formação discursiva corrente na sociedade em relação a esta representação. Isso se faz principalmente através do processo de estereotipização que guiará os co-enunciadores de Joannah no momento do estabelecimento de uma imagem da enunciativa.

Consoante Maingueneau (2004, p. 213) os estereótipos constituem-se como uma representação coletiva que subentende atitudes de indivíduos ou de grupos, direcionando o comportamento dos mesmos. Assim, um estereótipo pode ser entendido, grosso modo, como um carimbo que é pré-atribuído a alguém. O estereótipo revela a forma como se pretende encaixar pessoas que possuam características semelhantes, dentro de um mesmo esquema comportamental, como se essas pessoas não possuíssem vontade própria.

Amossy (2005, p. 126) ao falar sobre a estereotipização no processo retórico, afirma:

O orador adapta sua apresentação de si aos esquemas coletivos que ele crê interiorizados e valorizados pelo seu público-alvo. Ele o faz não somente pelo que diz de sua própria pessoa (frequentemente não é de bom tom falar de si), mas também pelas modalidades de sua enunciação. É então que ele incumbe o receptor de formar uma impressão do orador relacionando-o a uma categoria conhecida.

(AMOSSY, 2005, p. 126)

O esquema coletivo de representação da patricinha está de antemão interiorizado pelo seu público-alvo, pelo auditório particular da adolescente ou ainda pelos seus co-enunciadores. Para estes, esta imagem é bastante conhecida, e as características atribuídas a ela são comuns para todos, servindo como uma forma de classificação das garotas dentro de determinado esquema.

Ao observar o *blog* da Joannah, vê-se a preocupação com o uso das cores rosa e branco além da presença de imagens de garotas com roupas que reproduzem as tendências da moda, calça saint-tropez, bustiê, e cabelo loiro escovado, numa alusão ao comportamento estereotipado das *pattys*:

Imagem 1:



Imagem 2:



No esquema sobre o *ethos* elaborado por Maingueneau (2005), percebe-se claramente a influência que um estereótipo exerce na formação do *ethos*. O estereótipo relaciona-se através de uma linha pontilhada (o que indica que exerce influência sobre as categorias com as quais se liga) ao *ethos* pré-discursivo, ou seja à imagem que o co-enunciador faz do enunciador antes mesmo de ter acesso ao conteúdo do texto; liga-se também ao *ethos* dito e ao *ethos* mostrado. Assim, ao observar um *blog* no qual predominam as tonalidades rosa e branco, e onde há a representação de uma imagem que faz alusão a uma garota “*barbie*”, o co-enunciador tenderá a construir a imagem da enunciativa como a de uma representante legítima das “*patricinhas*”. O *ethos* pré-discursivo, esta primeira imagem atribuída ao enunciador, será, no caso do *blog* da Joannah, a de uma menina mimada, consumista e com aparência impecável. Desse modo, prevendo que o seu auditório particular atribuiria a ela esta imagem, a escrevente adverte: “*patty sim, freska, jamais*”.

Exemplo 24:

Imagem 1

Frase de chamada

Amossy (2005, p. 125) afirma que:

De fato, a idéia prévia que se faz do locutor e a imagem de si que ele constrói em seu discurso não podem ser totalmente singulares. Para serem reconhecidas pelo auditório, para parecerem legítimas, é preciso que sejam assumidas em uma doxa, isto é, que se indexem em representações partilhadas. É preciso que sejam relacionadas a modelos culturais pregnantes, mesmo se se tratar de modelos contestatórios.

De acordo com a citação anterior, percebe-se que é necessário que haja um sistema de representações coletivas partilhadas entre o enunciador e seus co-enunciadores. Esse sistema de representações guiará a forma pela qual se realizará a caracterização de si no discurso.

O estereótipo da “patricinha” relaciona-se a esquemas comportamentais ligados a um modelo cultural partilhado pelo auditório e pela própria Joannah. Esse fato faz com que se possa estabelecer uma relação entre a representação das imagens contidas no *blog* com um modelo comportamental e cultural pregnante da “garota barbie”, impulsivamente consumista.

Consoante Maingueneau, (2005, p. 83), no esquema proposto pelo autor, os estereótipos guiam não só o *ethos* pré-discursivo como também o *ethos* discursivo, que se subdivide em *ethos* dito e *ethos* mostrado.

Assim, há um estereótipo inicial que contribui para a formação de uma imagem do enunciador, imagem esta que estará baseada nele. Desta forma, o *ethos* pré-discursivo vai, no *blog* da Joannah, estar ligado completamente ao estereótipo inicial, que poderá ser confirmado ou refutado no nível do discurso, através do *ethos* dito (o que o enunciador diz sobre si) e do *ethos* mostrado (o que o enunciador mostra através do seu discurso).

O *ethos* dito é aquele através do qual o enunciador faz referência direta às suas características. Assim, quando a escrevente afirma que é (25) *patty*, mas não é fresca (frase de chamada), está se constituindo aí, no nível do discurso, da enunciação, o *ethos* dito. Ela faz referência direta a si própria, se auto-atribuindo uma imagem em detrimento de outra. Acontece o mesmo quando ela enuncia, no *post* de 25 de fevereiro de 2004 o seguinte: (26) “*sabe ki eu so meu difícil de contar as paradas da minha vida... ou melhor abrir meu coração*”. Neste trecho, ela se mostra uma pessoa tímida e reservada, que não gosta de falar para todos sobre sua vida. O *ethos* mostrado constitui-

se nas referências indiretas que, de alguma forma, fornecem pistas para a construção do *ethos* da enunciativa. Neste caso, o papel da imagem de uma menina vestida com roupas da moda, consoante a imagem 1, mostrada anteriormente, constitui-se como o *ethos* mostrado.

No caso do *blog* da Joannah, diz-se que o estereótipo inicial, que influencia a formação de um *ethos* pré-discursivo, é confirmado no *ethos* discursivo, quando ao ler os *posts* da escrevente, vêem-se os seguintes trechos/imagens:

(27) Postado em 15 de novembro de 2003

eu i miNha MaMMy fomuS fazeR coNpRinhaS nu x0piN beRamaR!!!

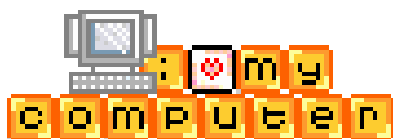
(28) Postado em 13 de setembro de 2003

hoJi demaNha paSSei a maNha toda No cabeLeREIro(coRta cabeLo,retoCaR aS luzeS i piNta a uNha) iSSo eH bouMM!!!

Imagem 3



Imagem 4



Em (27) e (28), a escrevente revela-se preocupada com a aparência e com a compra de roupas, confirmando, então, o estereótipo inicial e reforçando a imagem formada a partir do *ethos* pré-discursivo. As imagens 3 e 4 também contribuem para a afirmação do estereótipo da “patricinha”: a imagem 3 enuncia “I love shopping”, a 4 enuncia “I love my computer”, numa alusão ao consumismo.

Também fica clara a interferência do auditório particular no discurso da enunciativa e a preocupação da mesma em ser “aceita” como *patty* dentro do seu grupo. Nos comentários feitos pelos co-enunciadores em relação às mensagens da enunciativa, destacam-se os seguintes trechos:

(29) Comentário do post de 11 de novembro de 2003

*teUh blogG táHh a tUa kRa heiNn pRima tDuhHh rósiNha d patty...beinNn
LiNdãOo bjúSS amadiNha!!*

Weblog : <http://wWw.BbZiNhAaAh.wEbloggEr.cOm.bRaNa`S> - enviado em 15/11/2003 00:57:00

Em (29) uma de suas co-enunciadoras afirma que o *blog* está a cara da Joannah, “bem rosinha, de *patty*”. Dessa forma, o próprio auditório particular atribui à enunciadora uma imagem de patricinha, mostrando a manutenção do estereótipo inicial formado no *ethos* pré-discursivo.

Além das características anteriores que contribuem para a formação do *ethos*, Maingueneau (2005) destaca também a importância da análise de elementos como o tom, o fiador, a incorporação, para a correta compreensão deste conceito.

Para Maingueneau (2005), todo texto possui uma vocalidade que se manifesta no momento da enunciação. Essa vocalidade pode manifestar-se através do tom utilizado pelo enunciador no momento da enunciação efetiva. O tom²² permite, portanto, ao co-enunciador formar uma imagem do “corpo do enunciador”, imagem esta que não corresponde ao corpo real do mesmo, mas que faz surgir a figura de um fiador, aquele que enuncia através do discurso. O tom utilizado pela adolescente Joannah, assemelha-se ao tom utilizado pelas meninas adolescentes escreventes de *blogs* de forma geral: é um tom amoroso e afetuoso, caracterizado sobretudo pela escolha de itens lexicais. Assim, uso de palavras no diminutivo, a referência carinhosa (através de apelidos carinhosos) aos membros da família e aos amigos revelam claramente o tom da escrevente, o qual traz à tona a imagem de uma fiadora com tais e quais características, imagem com a qual o auditório particular tende a se envolver. A seguir, coloca-se uma tabela na qual se revelam alguns itens lexicais, destacados em negrito, utilizados pela escrevente, que podem atestar o tom delicado de sua enunciação:

²² O tom é revelado pelas escolhas lexicais feitas pelo enunciador. Ao falar de escolhas lexicais pode-se remeter à idéia saussuriana de paradigma.

Tabela 1

<p>(30) Post de 7 de setembro de 2003:</p> <p><i>oieee gente comu eu disse eu hoji ia no assude lah in santo amaro.... tah fuee tahva baitinha._</i></p> <p><i>ahhh ontem eskessi minha bolssa lah na ponte de baixo mais eu hoji eu vo pegar minha bolsinha</i></p>
<p>(31) Post de 30 de novembro de 2003:</p> <p><i>um foi maSSa antes o pappy de uMa paSSada laH iN aLfRedo e KiNta fOi niver du meu amigaOO bRuno</i></p>
<p>(32) Post de 15 de novembro de 2003:</p> <p><i>_aNtes eu i miNha MaMMY fomuS fazeR coNpRinhaS nu xOpIN beRamaR!!!</i></p> <p><i>amaNha eh comunhão du meu maNiNhu;</i></p> <p><i>EeEeEeEe. huM daiH peSSoaS!!! boMM toH cuN soniNhu...</i></p>
<p>(33) Post de 12 de dezembro de 2003:</p> <p><i>oiEE peSSoas bouM faZ teNpitho ki naO poSto, né...;</i></p> <p><i>aiH seXta feiRa peguei seguNda epOka e miNha pRoviNha vai seR dia 15..</i></p> <p><i>huMMM só eSSa daki pRa vcS da uMa leNbradiNha</i></p> <p><i>aH batemuS muita fOtos i depOiss eu boto as fotenhaS!!!!</i></p>
<p>(34) Post de 25 de fevereiro de 2004:</p> <p><i>kaRaNbaaaaaa.. geNte faZ mtOO teNpiNhu ki eu naO poStu aki..</i></p> <p><i>bouM dexe coNtaR um pokitu da miNha vida..</i></p> <p><i>aaah sábadO foi niveR du meu vô.</i></p>

O tom revelado através de itens lexiciais

Em (30), destacam-se as palavras *baitinha* e *bolsinha*, retiradas respectivamente dos seguintes enunciados: “oieee gente comu eu disse eu hoji ia no assude lah in santo amaro.... tah fuee tahva **baitinha**”_. Neste enunciado, a escrevente afirma que o passeio que ela fez para o açude de Santo Amaro foi muito bom (*baitinha*). O adjetivo *baitinha* exprime um julgamento pessoal acerca de como foi o passeio para o açude. Consoante Martins (1989, p. 114), “o diminutivo pode exprimir, de um lado, a apreciação, o carinho, a delicadeza, a ternura, a humildade, a cortesia, e, por outro lado, a

depreciação, o desdém, a irritação, a ironia, a gozação, a hipocrisia.” No exemplo citado, o uso do item lexical “baitinha” atesta, portanto, um tom de ternura, revelado no processo da enunciação. É importante ressaltar também que a palavra baitinha representa uma gíria muito comum entre os adolescentes da faixa etária da *Joannah*. Não é o objetivo deste trabalho estudar a gíria nos *blogs*, porém poder-se-ão encontrar inúmeras gírias reproduzidas no contexto “bloguês”, atestando então o caráter informal da linguagem utilizada ali. Do mesmo modo o diminutivo volta a carregar uma carga afetiva no caso da palavra bolsinha. Esta foi retirada do seguinte enunciado: “ahhh ontem eskessi minha bolssa lah na ponte de baixo mais eu hoji eu vo pegar minha **bolsinha**”. O substantivo “bolsinha”, colocado no diminutivo pressupõe aí uma relação de carinho da enunciadora para com o objeto bolsa, atestando assim, mais uma vez, o tom meigo e carinhoso utilizado na enunciação, bem como trazendo à tona a representação da patricinha como aquela que se preocupa com bens materiais.

Em (31), aparecem referências carinhosas aos membros da família. O pai é chamado pela escrevente pelo apelido *pappy*. O mesmo acontece nos exemplos (32) e (34) quando há o uso do apelido *mammy*, “maninhu” e “vô” para fazer referência a membros da família. O tom afetivo também é revelado quando se utiliza a palavra amigão para se fazer referência a um membro de seu grupo de amizades. Consoante Martins (1989, p. 115) :

o aumentativo, mais frequentemente, tem valor pejorativo, acrescentando ou reforçando um sentido de depreciação, porque aquilo que é de tamanho excessivo é geralmente visto como feio, ridículo, grotesco, desagradável (narigão, cabeça etc). (...) Mas como a linguagem afetiva foge de toda a lógica, o mesmo sufixo aumentativo pode ser também valorizador, salientando a solidez, força, o valor, a conveniência, um atributo admirável.

O aumentativo pode, portanto, atestar também um grau de afetividade a depender do contexto no qual esteja sendo empregado.

Em (32), (33) e (34), os itens lexicais “tempitho, provinha, cansadinha, comprinhas, soninhu, pokitu” e tempinho possuem a mesma função: auferir à enunciação um tom de meiguice.

Após tecer essas considerações acerca da forma como a escolha de determinados itens lexicais determinam o tom da enunciação, volta-se agora para a questão da imagem da fiadora que surge através da enunciação.

O *blog* da Joannah remete o co-enunciador à imagem de uma fiadora meiga, carinhosa, na moda, uma “patricinha”, dotada de um caráter e uma corporalidade socialmente validados. Neste sentido, Maingueneau (2005, p. 72) afirma:

Caráter e corporalidade do fiador apóiam-se, então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apóia, e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar.

O estereótipo da “patricinha” é reforçado pelo tom utilizado por Joannah na enunciação, já que às “patricinhas” também são atribuídas características tais como: carinho e meiguice, em referência às garotas mimadas. A corporalidade proveniente da enunciação é a de uma garota *fashion*, na moda, bem vestida com roupas de marca, com os cabelos sempre arrumados, unhas feitas e com uma ótima aparência. Os próprios exemplos (28) e (29) atestam essa questão de forma clara. O *ethos* da fiadora é, portanto, também um *ethos* delicado e sensível.

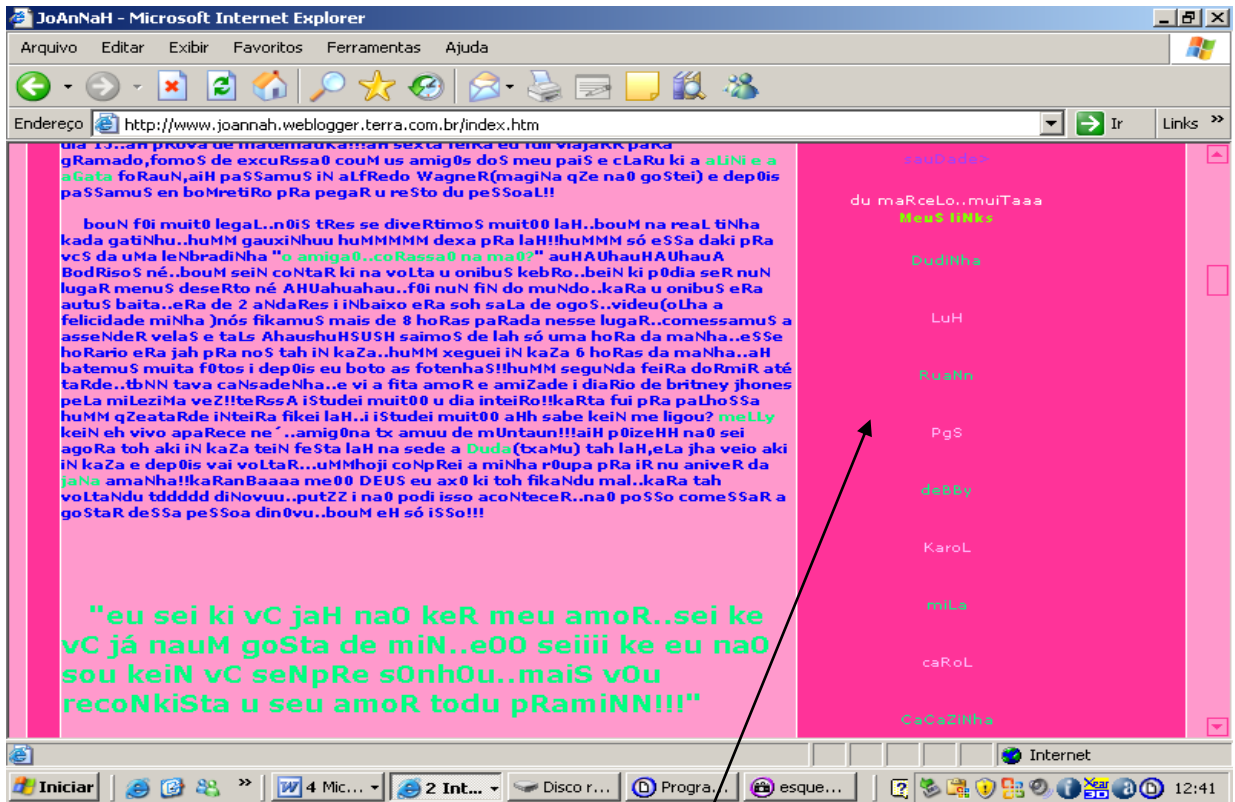
O processo de incorporação, consoante Maingueneau (2005, p. 73), “leva o co-enunciador a incorporar e assimilar um conjunto de esquemas que correspondem à maneira específica de relacionar-se com o mundo, habitando seu próprio corpo”. O co-enunciador se filia a uma determinada comunidade imaginária formada pelo processo enunciativo, pelo fiador e pelo próprio co-enunciador.

Cabe, então, descrever agora, os co-enunciadores do *blog* da Joannah. Pode-se afirmar que os co-enunciadores de Joannah representam o grupo com o qual ela interage diretamente (os colegas de escola e de rua etc.), mas, também, o grupo ao qual indiretamente o seu discurso se destina (os adolescentes da mesma faixa etária da escrevente).

Para compreender melhor a caracterização dos co-enunciadores no *blog* da Joannah, toma-se emprestado novamente o esquema proposto pela pragmática, por Kebrat-Orecchioni (1980). Neste esquema, estabelece-se a diferenciação entre os receptores alocutários (receptores diretos) e os não-alocutários (os receptores indiretos).

Os receptores alocutários, considerados como destinatários diretos, são no *blog* de Joannah os amigos com os quais ela interage, para os quais ela fala. Eles estão representados no *blog* através de *links*, ou são citados no corpo do texto, como pode-se ver nos trechos a seguir:

Exemplo35:



**Blogs de
 amigos**

Exemplo 36:



Uma parte dos alocutários está listada no *blog* da *Joannah* na seção *meus links*, na qual a escrevente posta os *links* para *blogs* de seus amigos e conhecidos.

Assim, dudinha, luh, Ruan, pgs, debby, Karol, mila, Carol, Cacazinha, Fee, nanizinha, Carolzinha, angelika, luciano, cujos links dos *blogs* estão citados na seção *meus links*, constituem uma parte dos alocutários da escrevente. Eles são os receptores diretos da mensagem ali colocada. Além desses, podem-se destacar também outros alocutários que estão citados pela escrevente no decorrer do *blog* e que não estão explicitados na seção “*meus links*”, quais sejam: alini, ágata, jana, dessa, bruno, nani, gaby, Bechauser, marcelo, cyssa, neto. Há os não –alocutários, os receptores indiretos e não previstos, pois qualquer pessoa que tenha acesso à Internet poderá acessar o *blog* da *Joannah*. Assim, todos os colegas da escola de *Joannah* podem ser considerados seus receptores indiretos, já que, apesar de a mensagem do *blog* não se destinar a eles, estes podem ter acesso ao diário digital, a partir dos *blogs* de outros colegas que tenham o link do *blog* da *Joannah*, citado na seção “*meus links*”.

Não se pode deixar de destacar também, ainda tomando como base o esquema de Kebrat Orecchionni (1980), a presença de não alocutários não previstos. Assim, o *blog* da *Joannah* pode ser lido por qualquer internauta, que, por *sites* de buscas ou pela livre navegação na rede, porventura possa acessá-lo.

Retomando agora a definição de auditório proposta pela nova Retórica, pode-se esclarecer ainda mais essa questão. Para Perelman e Olbrechts Tyteca (1997) o auditório é muito mais uma construção do orador do que uma categoria fixa e imutável. É o orador que define a identidade do auditório através das suas expectativas. O discurso do orador adapta-se constantemente à natureza do auditório, que deve aderir à argumentação do orador/locutor. Nesse sentido Perelman e Olbrechts Tyteca (1996, p. 18) afirmam que “ com efeito, para argumentar é preciso ter apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental.”

O exemplo (36), extraído do *blog* da *Joannah* mostra como se constitui o auditório da escrevente: são os colegas de escola e amigos, que interagem com ela e guiam o discurso da mesma. Eles constituem o seu auditório particular. As expectativas deste auditório direcionam o que a escrevente pode e não pode dizer, restringindo o seu discurso.

Assim como a construção da imagem da enunciativa passa por uma estereotipagem, o processo de construção da imagem que o orador faz do seu auditório também. Nesse sentido, Amossy (2005, p. 126), argumenta:

Procuraremos atingir o socialista ou o comunista com base em premissas éticas e políticas às quais ele é suscetível de aderir de pronto. Isso quer dizer que a construção do auditório passa necessariamente por um processo de estereotipagem.

Dessa forma, o enunciador constrói uma imagem de seu auditório, de seus co-enunciadores, imagem esta que também estará baseada em um estereótipo. No caso do *blog* da Joannah, o grupo de co-enunciadores ou seu auditório particular é constituído pelo grupo de adolescentes que possuem entre 14 e 18 anos. Qual é o estereótipo atribuído ao adolescente na sociedade ocidental contemporânea?

Dentro da formação discursiva corrente em nossa sociedade, ser adolescente é gostar de festas, baladas, é transgredir normas, é gostar de ouvir música alta, de *surf*, praias, paqueras etc.

Assim, percebe-se que o enunciador tenta adequar seu discurso à imagem que ele faz de seus co-enunciadores. Para os co-enunciadores de Joannah seria estranho se ela falasse sobre contas a pagar ou se demonstrasse um gosto diferente daquele esperado pelos seus co-enunciadores.

No *blog* da Joannah, destacam-se os seguintes trechos que mostram como as expectativas do auditório acerca do comportamento da escrevente podem influenciar no discurso da mesma. Assim, relacionam-se os trechos a seguir;

(37) Postado em 30 de novembro de 2003.

kiNTa f0i niveR du meu amiga00 bRuNo i niveR da NaNi aíH **roLo x0piZauN**

(38) Postado em 18 de outubro de 2003.

kaRa miLagRe miNha maiN dex0,**tip0 aSSiM** ageNte diap0k0 vai laH na adReNa i dep0iS NauM sei ax0 ke da uMaS volTiNhaS laH nu caLSSadauM.

Em (37) e (38), há exemplos de trechos típicos de adolescentes. Em (37), há a menção ao consumo de bebida alcoólica no aniversário de seu amigo Bruno: “rolo

xopizaum”. Assim, a expectativa de seu próprio grupo, de que a escrevente tenha hábitos comuns à maioria dos adolescentes de 14 anos, faz com que esta coloque em seu *blog* que na festa do seu melhor amigo, consumiu chopp. Em (38), há o uso da expressão ”tipo assim”, expressão que parece ser própria e típica dos adolescentes da mesma faixa etária da escrevente.

Apesar de o *blog* ser um espaço público, no qual se revelam aspectos da vida cotidiana, não se pode afirmar que este é o espaço do “escancaramento” da intimidade, já que os (as) blogueiros (as) escrevem aquilo que podem escrever, tendo consciência de que suas mensagens poderão ser lidas por qualquer pessoa, que estas poderão cair nas mãos do auditório universal. Isso pode ser comprovado ao analisarem-se os seguintes trechos:

(39) Postado em 25 de fevereiro de 2004.

*peRdi a coNfiaNsSa du me0 paPPy i da miNHa maMMY,eH podS agoRa eLeS tauM noRmaiS coMigu maiX aNteS eLeS tavauM beiNeStRaNhoS coMigo,tbM dep0iS do ke eu fiZ..nauM vo faLa oke poRq eH **pRobLeMaS paRtikuLaReS,***

(40) Postado em 30 de novembro de 2003

bouM esse veraOm acoNteceu coisaS ki aHi eu nuM possO cOnta

(41) Postado em 30 de novembro de 2003

aiH sábado a noite aKoNteceu aLguMas coizsas

(42) Postado em 12 de dezembro de 2003

não poSSo comeSSar a goStar deSSa peSSoa dinOvu...

Em (39), a adolescente mostra-se triste com algo que não quer revelar no *blog*. Segundo Joannah, ela não pode falar ali o que a deixa triste, pois “eh problemas partikulares”. O *blog* então, não seria o espaço adequado para revelação dos problemas particulares. O mesmo acontece nos exemplos (40) e (41) quando a escrevente mantém em segredo as coisas que aconteceram naquele verão e no sábado à noite. Em (42), a escrevente diz que não pode voltar a gostar daquela pessoa novamente, mas ainda assim, não revela quem é a pessoa que ela cita nesse trecho do *blog*. Assim, a adolescente adequa seu discurso ao auditório particular, mas o restringe na medida em que tem consciência de que sua mensagem pode “cair nas mãos” de pessoas indesejáveis.

Os exemplos anteriores atestam a idéia contrária daquela defendida por Basanella (2003) quando afirma, em relação aos *blogs*, que:

Eles são diários abertos da vida, com fotos, experiências contadas abertamente por pessoas que na maioria das vezes se tornam anônimas na imensidão da *Internet*, esses tipos de *blog* estão começando a criar uma nova cultura na sociedade, as pessoas passam a “espionar” a vida alheia da janela do seu computador.²³

(BASANELLA, 2003)

Komesu (2004, p. 239) afirma;

Acreditamos que os *blogs*(...) são efeitos de poder de uma sociedade que positiva suas ações na consolidação da idéia de liberdade de expressão do indivíduo que tudo pode falar-escrever, exibir, confessar, inclusive ou principalmente a respeito de uma faceta íntima de sua personalidade em público.

A tese de que o *blog* representa uma espécie de “escancaramento” da intimidade é defendida tanto por Basanella (2003) quanto por Komesu (2004), e, apesar desta autora considerar que esta intimidade é construída e perpassada pelo discurso do “outro”, afirma que o *blog* é o espaço de escancaramento da intimidade. No entanto, nos exemplos (39) a (42), pode-se perceber que o escrevente do *blog* não escancara sua intimidade no meio digital: seu discurso é marcado pela expectativa do auditório, pela tentativa de adaptação ao auditório particular e cortado pela possibilidade de que seus *posts* veiculados no *blog*, possam cair nas mãos de quaisquer internautas. Assim ele fala aquilo que pode ser dito no meio digital. Ele revela aquilo que pode revelar para que seja aceito dentro do seu grupo, ou ainda aquilo que ele pode dizer para que possa envolver o auditório em prol de sua argumentação.

A figura da fiadora meiga, trazida à tona pelo *blog* da *Joannah*, pressupõe, então, um processo de incorporação que faz com que os co-enunciadores assimilem alguns traços característicos da fiadora, aderindo ao discurso da mesma. Segundo Maingueneau (2005, p.73), através do processo de incorporação “o co-enunciador incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem à maneira específica de relacionar-se com o mundo, habitando seu próprio corpo”. A incorporação faz com que

²³ Retirado do site: http://www.iar.unicamp.br/disciplinas/am625_2003/Daniele_artigo.html, acesso em 02/08/2005 às 15:00hs.

haja a adesão do co-enunciador a uma “comunidade imaginária” constituída por todos aqueles que aderem e se identificam com a imagem da fiadora ali apresentada.

Pode-se notar isso, no *blog* da *Joannah*, no trecho (13)²⁴ listado a seguir, retirado dos comentários feitos pelos co-enunciadores do *blog* aqui analisado:

Exemplo 43:



(44) Comentários do post de 16 de novembro de 2003

Weblog : <http://gabyZuda.webloggeR.teRRa.com.bR>
gabRieLa de moRaeS mazzocoLi - enviado em 24/11/2003 18:25:00

*oieee ..LiNda ta cHegaNdo o veRão hein!! vaii eStudaR pRa eu te veR bem cedo Lá na pRaia ..oLha qm faLa to maiS penduRada do q qLqR um aii!! hUiahUiahUia oo vai atuaLizaR eSSa coiSa aii Né ..jaH faZ um tempinho q tuH não poStá aii!! vamo tiRaR a pReguiSa do coRpo vamoS! /o/ aHH nem apaRece no meu blogg né ..q coNSideRação hein? ;******

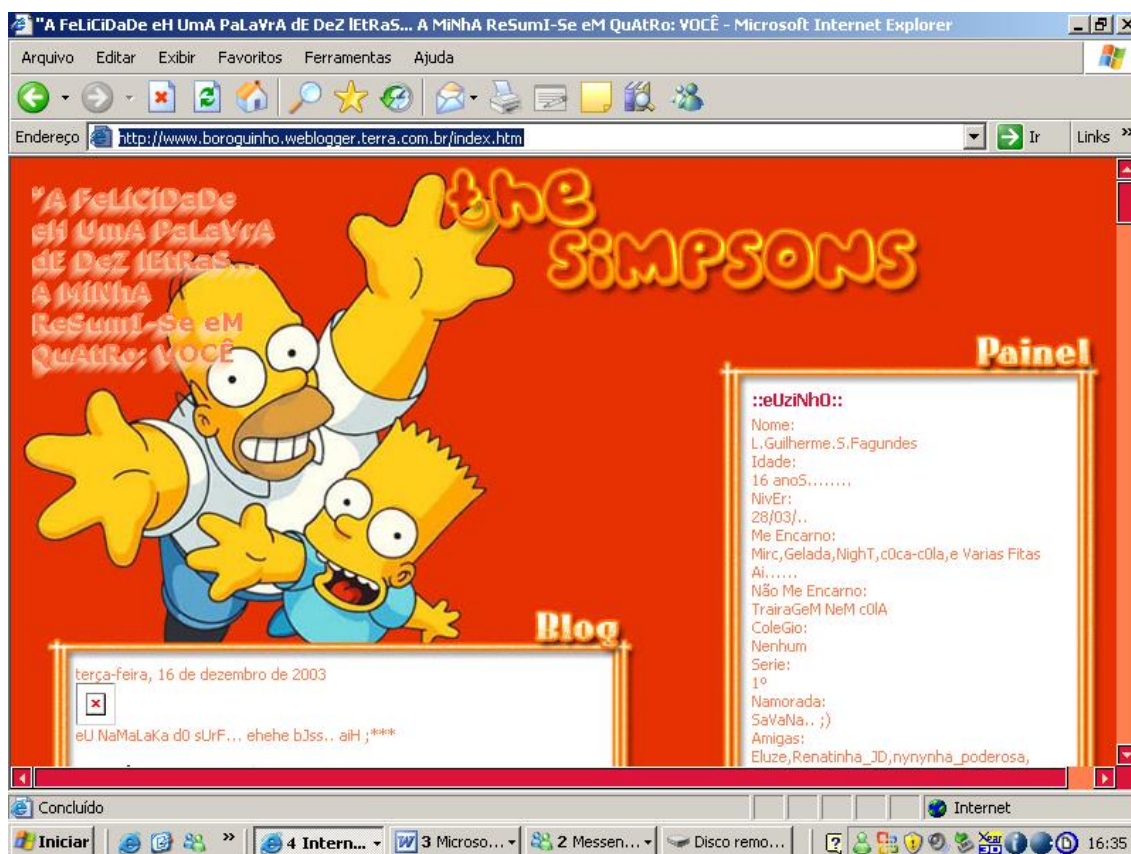
²⁴ Vale ressaltar que a cor azul do trecho retirado do *blog* em análise é imputada automaticamente pelo *blog*, não sendo escolhida pela escrevente.

No exemplo (44), há o comentário de uma das co-enunciadoras do *blog* da Joannah, a Gabriela. No comentário, Gabriela identifica-se com o discurso da enunciatória que se mostra interessada em praia e balada, ao afirmar: “olha quem fala, to mais pendurada que qualquer um aí”, mostra identificação com o discurso da enunciatória que também afirma em *posts* anteriores não estar muito bem na escola e nas notas. Gabriela ressalta que o verão está chegando, mostrando também, assim como a enunciatória, seu gosto por praia e pelo mar.

5.2.2 O *blog* do L. G.

O *blog* do L. G (aqui denominado assim, para que não seja necessário referir-se ao nome real do escrevente) chama a atenção dos leitores logo à primeira vista, principalmente pela sua cenografia (o uso de cores, de imagens etc). A imagem a seguir reflete a página principal do *blog* à qual o leitor é remetido quando visita o endereço <http://www.boroguinho.weblogger.terra.com.br/index.htm>.

Exemplo 45:



A cenografia do *blog* faz com que o leitor desavisado possa relacioná-lo inicialmente a um *blog* feminino, pois o escrevente opta pelos tons vermelho e laranja, tons que são considerados preferências femininas.

Há, também, nesse *blog* a presença da figura dos personagens Bart e Homer, dos *simpsons*, postados logo na página inicial. A presença desses personagens é um fator relevante para a análise do *blog*, visto que o escrevente demonstra grande identificação com os mesmos, e, principalmente com o Bart.

Desenho animado, que propõe fazer uma crítica à sociedade norte-americana com seus padrões de comportamento, *os simpsons*, surgiu inicialmente na televisão no ano de 1987, nos Estados Unidos, e logo se tornou uma atração de grande sucesso, chegando inclusive a ser exibido em outros países. No Brasil, o desenho *os simpsons* foi exibido na televisão no final dos anos 90 e continua até hoje a ser exibido nas emissoras exclusivas de desenhos animados, tais como a *Fox Kids* e *Cartoon Networks*. O desenho mostra o protótipo de uma típica família norte-americana. O pai, Homer Simpson, é mostrado como alguém super-alienado, patético, preguiçoso e que não tem um objetivo de vida; a mãe é Marge Simpson, uma típica dona de casa, que se preocupa muito com os afazeres domésticos; o filho mais velho, Bart, um garoto de dez anos é um menino traquina, que adora andar de *skate* e passar trotes para a vizinhança; a Lisa que é a filha do meio, intelectual, toca saxofone, adora *jazz* e é vegetariana e a *Maggie* filha mais nova de apenas um ano que ainda usa chupeta e não possui maiores participações nos episódios da família *simpsons*, com exceção de algumas histórias nas quais ela participa mais ativamente.

Bart Simpson, colocado no *blog* de maneira destacada, possui algumas características com as quais o escrevente se identifica. Bart é um menino mimado, que gosta de quebrar as regras da sociedade e, por isso se mete nas maiores confusões. Ele já falsificou carteira de motorista, já fingiu ter caído no fundo de um poço, deixando todos em pânico etc. Ele é um garoto que gosta de quebrar as regras sociais e é um garoto que faz inúmeras traquinagens. Bart Simpson pode, portanto, ser definido como aquele garoto transgressor, que pretende chocar a sociedade com seus comportamentos fora do comum. Portanto, a presença dos *simpsons*, logo na primeira página do *blog*, mostra que o escrevente do mesmo identifica-se com a figura do transgressor.

Cabe aqui uma discussão até mesmo no nível sociológico sobre a forma como se processa a construção da masculinidade na sociedade pós-moderna: o que é ser homem

na sociedade de hoje? A masculinidade atual corresponde à masculinidade de algumas décadas ou até mesmo séculos atrás? Quais os estereótipos atribuídos aos homens?

Essas questões são discutidas aqui a fim de que se possa compreender como o estereótipo da masculinidade pode conduzir à formação do *ethos* no *blog* de L. G. Para iniciar a discussão acerca dessa questão propõe-se a reflexão sobre como a masculinidade é construída na nossa sociedade. Sabe-se que a construção da masculinidade e feminilidade, para os estudiosos de gênero são muito mais do que representações biológicas do homem e da mulher, mas se constituem como toda uma gama de comportamentos internalizados e aprendidos socialmente. Isso significa que não se nasce homem ou mulher, apesar da diferenciação biológica e sexual existente entre eles, mas se tornam homem ou mulher, segundo alguns padrões de comportamento que são internalizados nos indivíduos desde que eles nascem.

Durante muito tempo, a masculinidade foi pensada como sinônimo de poder e dominação, que, dentro da sociedade patriarcal, constituíam-se como pontos-chave para a constituição do masculino. Para um indivíduo ser considerado homem, no processo de construção de sua identidade masculina, havia alguns pré-requisitos básicos: não era permitido demonstrar sentimentos. A célebre frase “homem que é homem não chora” atesta a necessidade de construir a masculinidade sobre os preceitos do racionalismo com o sufocamento das emoções. A seleção de cores das roupas e das vestimentas também refletia indícios da masculinidade: aos homens estavam vedadas as cores rosa ou vermelha, bem como tonalidades próximas a elas. A coragem e a agressividade também eram atribuições masculinas. Idéias como essas, acerca da masculinidade, ainda estão presentes na sociedade.

As idéias acerca do “ser homem” estiveram, durante muito tempo, ligadas à força física. O homem era considerado o mais forte fisicamente, e ser homem significava colocar à tona toda sua força física que se traduzia na sua masculinidade. O estereótipo do homem, neste caso, é um modelo de masculinidade que exclui a sensibilidade e os sentimentos que não podem ser demonstrados socialmente. Dessa forma, a pressão sofrida pelo adolescente, por exemplo, no processo de construção de sua masculinidade, é muito grande. Ele não precisa apenas aprender a ser homem, mas também mostrar para a sociedade como está se constituindo como tal. Para isso, exige-se que ele não tenha comportamentos que demonstrem sensibilidade, que se furte a usar roupas de determinadas cores, que não expresse suas emoções através do choro, por exemplo, e ainda, que tenha várias namoradas.

No entanto, não se pode fechar os olhos para os novos significados que a masculinidade vem ganhando socialmente. O antropólogo Monteiro (1997), estudioso do tema masculinidade na contemporaneidade, afirma que atualmente não existe mais uma masculinidade única, e que alguns elementos antes delegados exclusivamente ao espaço feminino tais como a preocupação com a estética corporal e com a moda, estão sendo acoplados ao universo masculino, com relativa aceitação da sociedade de forma geral. Nesse sentido, Monteiro (1997) salienta que há uma crise da masculinidade tradicional. Em suas palavras:

De repente, ser homem não se limita mais a realizar um modelo único e supostamente universal de macho, que incluía a subordinação da mulher (...) a inserção no mercado de trabalho como "provedor do lar" e a irrelevância de uma esfera mais subjetiva, como sentimentos e estética. A partir desses movimentos críticos, que questionavam esse modelo único e sua universalidade, ser homem passa necessariamente por um conflito entre diferentes "estilos de masculinidade", associados a diversos estilos de vida muitas vezes contraditórios entre si.

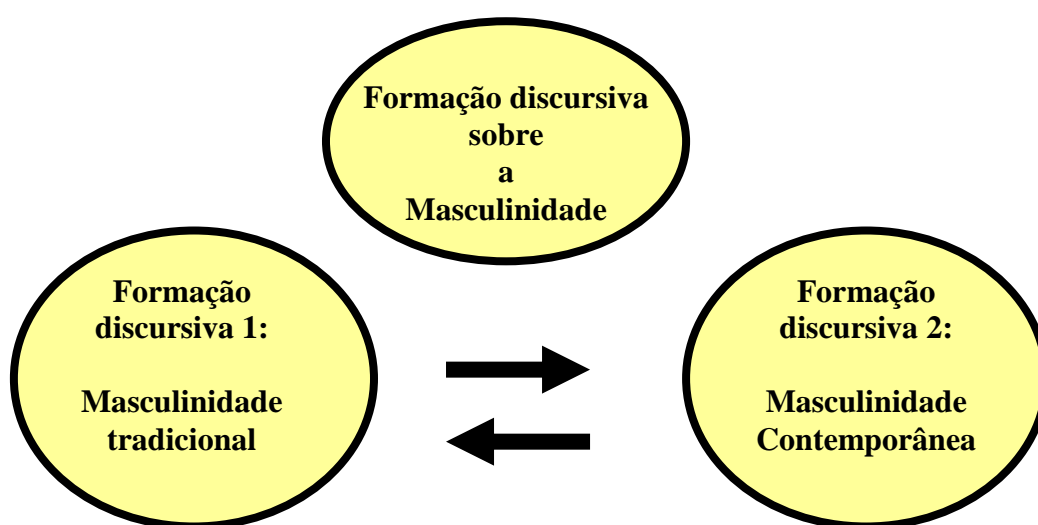
O autor também chama a atenção para o fato de que não se pode mais referir-se à masculinidade como um conceito único e homogêneo. Segundo ele, a sociedade contemporânea traz uma gama de possibilidades de constituição da masculinidade. Assim, Monteiro (1997) afirma:

...o contexto atual de pluralidade subverte a possibilidade de uma masculinidade hegemônica enquanto referência única para a "identidade" dos "homens". De fato, podemos antever a possibilidade de que não faz mais sentido falar em "homens" ou em "masculinidade", termos que implicam num conteúdo comum essencial a todos os sujeitos "masculinos". Deveríamos ao contrário pensar em sujeitos reflexivos, onde diversas masculinidades são acionadas reflexivamente na narrativa do *self* de cada um, associadas também a outras referências de estilo.

Assim, para o homem contemporâneo, há uma maior preocupação com as tendências da moda, o cuidado com a estética, a revelação de sentimentos. A expressão da sensibilidade não é mais condenável para os homens da sociedade contemporânea.

Há, então, o surgimento de uma nova categoria reveladora da masculinidade na contemporaneidade: a dos metrosexuais. Esses são homens extremamente preocupados com a aparência física: fazem a barba com métodos de depilação de cera quente para evitar pêlos encravados, cuidam dos cabelos com cremes de beleza especiais para evitar ressecamento etc.

Assim, pode-se afirmar que na sociedade contemporânea existem duas formações discursivas básicas acerca da masculinidade, que representam um embate ideológico de posições sociais, quais sejam:



O esquema anterior mostra os dois tipos de formações discursivas acerca da masculinidade, que foram identificados no decorrer desta pesquisa. Essas duas formações discursivas convivem atualmente na sociedade contemporânea e guiam as expectativas de comportamento dos homens dentro de um desses modelos específicos.

Como se sabe, a língua é um espaço de embates ideológicos, portanto, a convivência entre essas duas formações discursivas distintas não é harmônica, mas representa o conflito entre duas posições ideológicas diversas.

Assim, para alguém que tenha sido criado em uma educação tradicional, na qual o homem não poderia expressar suas emoções, provavelmente o *blog* de L. G. será considerado fora dos padrões da masculinidade. No entanto, para alguma outra pessoa, cuja educação tenha sido menos tradicional, talvez não haja surpresas maiores com relação à cenografia do *blog* do L.G. Dessa maneira, dentro da formação discursiva

maior que trata da masculinidade, encontram-se pelo menos dois tipos de formações discursivas que representam embates ideológicos.

A formação discursiva 1, segundo o esquema proposto, revela um homem machão, corajoso, com atributos de agressividade e preocupado em não demonstrar sentimentos ou sensibilidade.

A formação discursiva 2 revela um homem preocupado com a moda, com a estética corporal, que não tem vergonha de revelar sua sensibilidade nem mesmo seus sentimentos.

Consoante Mussalim (2001, p. 129): “existe numa formação discursiva sempre a presença do outro”. Assim, as duas formações discursivas aqui identificadas se relacionam mutuamente, representando o caráter heterogêneo do discurso.

Toda essa retomada teórica teve como objetivo básico gerar a reflexão acerca do *blog* do L. G., que, à primeira vista, fugiria da formação discursiva tradicional acerca da masculinidade, representando uma quebra de estereótipo em relação à masculinidade tradicional. E, como foi visto anteriormente, a categoria estereótipo é básica para a compreensão do *ethos* efetivo do enunciador.

Assim, pode-se afirmar que o *blog* do L.G. representa uma quebra da noção tradicional de *blog* masculino: o uso da cor vermelha e a expressão do romantismo na frase de chamada: “a felicidade é uma palavra de dez letras, a minha resume-se em quatro: você” - atesta claramente essa questão.

Ademais, o uso da cor vermelha representa, então, a quebra de um estereótipo inicial acerca da formação discursiva que considera que para o homem estão vedadas as cores vermelha, rosa, e suas tonalidades mais próximas. A frase de chamada também representa uma quebra do estereótipo da masculinidade atribuído pela formação discursiva 1, já que através dela, o garoto mostra publicamente seu sentimento em relação à sua namorada Savana.

Pode-se afirmar, portanto, que o *ethos* pré-discursivo formado a partir do momento em que se estabelece o contato inicial com o *blog* do L. G., é o de um *ethos* de um garoto afetuoso, contrariando, portanto, as características atribuídas à masculinidade através da formação discursiva 1.

No entanto, no âmbito discursivo, o *ethos* pré-discursivo não será totalmente confirmado. Isso pode ser percebido a partir do *post* seguinte:

(46) postado em 29 de agosto de 2003

... Ontem um moleke se aproximo de mim... agora eu kero vê ladrãoo pla-pla-pla-pla, sim sonho, sonho, decha quieto, sento sentido eh um dom eu toh esperto... Mais conforme for tem no bolso na agulha eh mais cinco no tambor

O exemplo (46) revela uma característica própria da masculinidade: a agressividade. Nele, o escrevente afirma que um moleque havia se aproximado dele, relatando o assalto que ele sofreu naquele dia e ameaça, através da frase “tem no bolso, na agulha e mais cinco no tambor”. Assim, o escrevente ameaça reação e “vingança” o que dá a entender para o leitor que da próxima vez ele estará armado; com um revólver no bolso uma bala na agulha e mais cinco balas no tambor. Dessa forma o *ethos* dito e o *ethos* mostrado no *blog* de L. G. também não coincidem. Enquanto o escrevente mostra-se uma pessoa sensível e romântica e que até se afasta da concepção de masculinidade tradicional, ele se diz agressivo, conforme percebe-se no exemplo (46). Há, portanto, uma não coincidência entre o *ethos* dito e o mostrado.

O campo do *ethos* dito e mostrado está concebido a partir de um tênue limite. Vejam-se os exemplos a seguir:

(47) Apresentação de si:

Me Encarno: Mirc,Gelada,NighT,c0ca-c0la,e Varias Fitas Ai.....

Não Me Encarno: TrairaGeM NeM c0lA

(48) Postado em 29 de agosto de 2003

p0000 Hj Naum t0h mT LegaLzinh0... VariAss... FitaSss... ErradA 🤪Mais Bummm
v0 Pra NigTh Ve Se Mi Anim0 um p0uc0 neHH..

O exemplo (47) representa um trecho da apresentação de si que o escrevente fornece no *blog*. Nele, L. G. diz que gosta (se encarna) do Mirc (um programa da Internet concebido em forma de *chat*), de uma gelada (cerveja), de festas e baladas (nights), coca-cola e várias coisas (várias fitas). Diz que não gosta (não se encarna) de traição e falsidade (traíagem nem cola). Deste post pode-se ver que o escrevente é alguém comunicativo e festeiro. No exemplo (48), o escrevente afirma que não está muito bem e diz que vai para uma festa (balada) para ver se consegue se animar.

Neste ponto há uma coincidência entre o dito e o mostrado, porém, ao se analisar o exemplo (46), vê-se que L.G. se mostra agressivo e explosivo, o que representa um embate com a sensibilidade mostrada no exemplo (47).

Diante dessas questões, pode-se afirmar também que o *blog* do L. G. representa uma mescla entre as características das formações discursivas 1 e 2. Ele situa-se na fronteira entre as duas Fds, carregando características de uma e de outra (sensibilidade e agressividade). Nos exemplos a seguir, fica clara a apresentação da sensibilidade do escrevente que posta trechos de músicas românticas em seu *blog*:

(49) Postado em 25 de agosto de 2003

Se você disser que não sentiu saudades
Sei que lá no fundo isso não é verdade
Meu amor maior
Não me deixe só!

(50) Postado em 27 de agosto de 2003

Nosso amor, não morreu, precisa de uma chance
Essa dor, temos que evitar a todo instante
Esse amor que na luz do teu olhar eu vejo
O calor que sobe quando provo do seu beijo

Nos exemplos (49) e (50), o trecho das músicas postado no *blog* do L. G., revela um romantismo expresso publicamente, o que aproxima o discurso do *blog* da noção de que o homem pode e deve expressar seus sentimentos, sem ser, por isso, constrangido.

Outros elementos encontrados no *blog* também revelam essa mescla entre as formações discursivas 1 e 2. As imagens utilizadas pelo escrevente no *blog*, no decorrer dos *posts* seriam outrora vedadas ao universo masculino. Assim, lançam-se os exemplos de imagens abaixo:

Imagem 5:



Imagem 6:

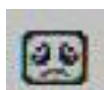


Imagem 7:



As imagens colocadas anteriormente não seriam muito comuns em textos de meninos, há algum tempo atrás. No entanto, elas aparecem abundantemente no *blog* do L.G., permeando o seu universo discursivo, como pode-se observar nos exemplos seguintes;

(51) Postado em 8 de outubro de 2003

p000 entã000 RaÇa FaziA uMa krA q Eu Naum p0staVa Neh maiSs.. Bumm t0h aiH tah td CertinhU c0mig0 😊.. Bummm t0h Nam0rand0 aiNda SUPER FELIX.. hehe 🍷 MaISs... Bumm MeuSs.. FindiSss esTã00 Send0 MasSa.. t0h AiH aMaNha se DeuSs.. QuiSe eU p0st0 Din0v0 BjSs... pRa tD Mund0 aiH Especial SAVANA =@@@

(52) Postado em 9 de setembro de 2003

aiH RaÇa f0t0 Da Minha GaTa Na NigHt Mais Bummm... neM CresçeM 0 @_@ Heimmm... Hehehehe ... SaVaNa Te Amo Linda BjSsss... 🍷

No exemplo (51) o escrevente afirma que está namorando e, por isso está super feliz. Ele diz que os seus fins de semana estão sendo muito bons (massa) e promete voltar ao *blog* no outro dia para postar novas mensagens, e no exemplo (52) ele promete colocar a foto de sua namorada no *blog*. Nos dois *posts* ele se despede do seu auditório enviando beijos. A presença dos *emoticons* em forma de coração e de uma carinha feliz também é visível nos *posts*. Tais *emoticons* atestam a afetividade de L.G., colocada, agora, no espaço público da *Internet*.

Como já foi visto na análise do *blog* anterior, a escolha de determinados itens lexicais em detrimento de outros revela o tom da enunciação, um tom sensível que engendra a figura de um fiador poético, idílico. Assim, o *ethos* do escrevente revela-se um *ethos* romântico, evidenciado através de um tom antes vedado ao espaço do estabelecimento da masculinidade.

Tabela2

<p>(53) Post de 7 de setembro de 2003:</p> <p><i>aiH Raça FoTinha DaS MinhASss.. LindiNhaSss... AmadaSss.. TaTy`` KaRyN ... BjSss... MinhaSss LindinhaS adOr0 VcXxx.. =**🤪</i></p>
<p>(54) Post de 15 de setembro de 2003</p> <p><i>aiH Raça f0t0 Da Minha GaTa Na NigHt Mais Bummm... neM CresçeM 0 @_@ Heimmm... Hehehehe ... SaVaNa Te Amo Linda BjSsss...</i></p>
<p>(55) Post de 15 de novembro de 2033:</p> <p><i>entã00 Raça t0h Viv0 Qualquer c0isa Bumm Cel n0 t0h Afim de p0sta NauM HAuhaUHAUhauh.... BjSss.. Pra Minha Gata Savana Te adOr0 Lindaaa💚</i></p>

Os itens lexicais e a revelação do ethos

Além do uso excessivo de palavras no diminutivo, o *blog* do LG. também carrega inúmeros adjetivos e expressões que revelam claramente o sentimentalismo do escrevente, o que o faz fugir da formação discursiva número um.

Consoante Martins (1989, p. 79):

São também carregadas de afetividade as palavras que exprimem um julgamento pessoal. Predominam neste caso os adjetivos que atribuem qualidades positivas/negativas, valorizadoras/depreciativas, que podem ser atribuídas semanticamente no campo de bom/mau e igualmente os substantivos abstratos, verbos e advérbios a eles correspondentes.

Assim, o uso dos adjetivos “lindinhas”, “amadas” vem atestar a afetividade no campo da linguagem, as expressões: “te amo” e “te adoro” presentes em (54) e (55), também geram o mesmo sentido afetivo.

Também denominados de “galera” ou “raça”, os co-enunciadores de L.G são todos aqueles a quem o discurso do escrevente se destina diretamente. Assim, o grupo de colegas e amigos de escola, a namorada, os “camaradas” como denomina o próprio escrevente são os seus co-enunciadores, ou ainda, segundo a nova Retórica, podem ser compreendidos como o auditório particular ao qual o escrevente destina seu discurso. Pode-se observar essa questão a partir da análise do exemplo a seguir:

(56) Post de apresentação

Namorada: SaVaNa.. ;)

Amigas:Eluze, Renatinha_JD, nynynha_poderosa,
maninha, ||belzenha||, Bianka, TaTy``, KaRyN_
, paulinhaW``, JoYcE__, DanInHa, ||Karolzinha||,
||Dezinha||, Luciana_DT, Pink, ^^josi^^.....

CamaraDas: ^lee^, _BITINHO__157_, SkuLL, Guih, Helinho,
juao, Dan, rAt0`, DouG, ZeI, Little,
SaL, Diogo, Jedson, Fabio, Gu, Thiago....

O exemplo (56) corresponde ao trecho de apresentação pessoal retirado do *blog* de L.G. Nele, ele cita a namorada, as amigas, os camaradas, que são os co-enunciadores do *blog*. Além desses co-enunciadores citados logo na apresentação pessoal, existem também aqueles cujos *links* para os *blogs* estão listados ali. Assim, rato, kaka, zeI, moni, maninha são também co-enunciadores do escrevente. Há um elemento interessante no *blog* do L.G: a interferência do auditório particular no mesmo ocorre de forma muito mais direta. Observando-se o *corpus*, foi possível encontrar *posts* escritos pelas amigas do escrevente no corpo do *blog*, no lugar que seria destinado à mensagens do escrevente. Assim, as amigas de L.G, invadem o seu *blog*, conectam-se à rede, como se fossem o próprio L. G e escrevem algumas mensagens. Esse fato revela de forma clara a interferência que o auditório particular exerce no *blog* do L.G. Pode-se atestar isso nos exemplos a seguir:

(57) Postado em 22 de outubro de 2003

OiEEe amor...Pedisse pra eu coloca minha fotinhu aqui coloquei neh!! hehehe! Ve se posta neh... a galera entra mas vc nunca mais postou!! beijooooo Da Sua NamoraDA! Sá!💚

(58) Postado em 3 de outubro de 2003

oEEEEEE oh eu aKI denovo geNtii (**Karine**) =P.. Ja q O donO nao veM posTa.. vIm aqUi da uM aLo.. e EnxE o SaKenhu dE kEm IE =PP ..
SenhoR Gui.. EsTaS seNdo ConvoCadO a pOstAr em Seu Blog... AIUHhaiuhauhiUH.. aXo q aSSim
peLo menOs c vEm nAo?? =PP..
Vo iNdo neSSa inTaOO.. Ve sE pOsta nEh kEridu.. =õ****`SsS
Te aDoro .. FuiN

(59) Postado em 23 de setembro de 2003

oiEEE.. aki eh a **Karine** pra keM naO saBe miGa Do BoRoGuiNHo.. Como o SenhoR GuilhErme nAO anda teNdU nDa pRA poSta.. DexO eu ViM akIh =PP.. Fiz Uma SurPEseNha.. EsperO q GostE.. Tx AdOrO mT .. =ô***`s kiridu..

Em (57), (58) e (59), há a cobrança para que o escrevente L.G. volte a postar mensagens no *blog*, pois ele havia deixado de escrever lá. Há então uma cobrança para que o escrevente volte a escrever no *blog*. Em (57) há uma mensagem de sua namorada Savana que promete postar uma foto dela e cobra uma maior atenção do escrevente com seu próprio *blog*, alegando que os colegas estão “visitando” o mesmo mas nunca encontram as mensagens do escrevente.

Em (58) e (59), uma amiga do escrevente chamada Karine, invade o *blog* e também convoca o L.G. a postar mensagens ali. Ela diz:: “Ja q O donO nao veM posTa.. vIm aqUi da uM aLo”, e cobra uma maior participação do escrevente no *blog*.

Na seção destinada aos comentários dos leitores há também há diversas mensagens que interagem com o discurso do blogueiro. Vejam-se os exemplos a seguir:

(60) Postado em 27 de novembro de 2003

meuu deus tu e q Sá deve ser uma guerra... ela com akele bocã00 e tuu coom uma maior ainda...
pe1000 am00000 x) huAUHAuhAHUA amad000s... bjinhuxxx e cuida delaaaaa =*****

(61) Postado em 14 de setembro de 2003

aiMmMmMmMm... Não DeVias Te CoLoCaDúH eSSa FoTo aí!! eu So mt0 Feia!! PaSSa No Me0 B10g DPs... aDoRo-Te!! BJuSsSs... ;****

(62) 27 de agosto de 2003

poww... além de soh ouvir essa musica tu coloca ela aqui tbm... heheheh!! beijao guiiii

Esses exemplos mostram que a intimidade revelada no *blog* está sendo compartilhada com os co-enunciadores: esses opinam sobre o namoro de L.G., como se vê no post (60), em que a sua colega afirma que entre ele e Sá (Savana, a sua namorada) deve haver a maior guerra por que ambos falam demais, opinam sobre a foto que deveria ou não ser colocada no *blog*, conforme o exemplo (61), ou sobre o gosto musical do escrevente, como se vê no exemplo (62).

O fenômeno da incorporação também pode ser observado no *blog* do L.G a partir do momento em que há a identificação, um envolvimento do auditório com o fiador engendrado pelo discurso do escrevente.

Como se pôde observar nos exemplos aqui citados, houve uma interferência direta do auditório particular no *blog* do L.G, o que mostra a forma como o discurso do *blog* é atravessado pelo “outro”. Esta interferência não acontece apenas na seção destinada aos comentários dos leitores como no caso dos exemplos (60) a (62), mas que pode acontecer também no próprio corpo do texto, como no caso dos exemplos (57) a (59). Komesu (2005, p.29) já afirmava que o espaço discursivo do *blog* pressupõe uma intimidade construída, marcada pelo “outro” que está sempre atravessando o discurso do escrevente.

Assim, segundo Komesu (2005, p. 29):

Da perspectiva de uma abordagem discursiva, consideramos que se trata de um modo de enunciação caracterizado por um jogo entre a **publicização de si** e a **intimidade construída** na escrita dos blogueiros (como são chamados os escreventes dos *blogs*). A relação dinâmica deste jogo pressupõe necessariamente a presença do outro na atividade de escrita.

As expectativas do auditório vão guiar o discurso de L.G, que, por sua vez, vai adequar seu discurso a essas expectativas. O fato de colocar uma foto de sua namorada no *blog* conforme exemplo (54), é uma forma de validar a imagem de masculinidade que o escrevente constrói de si mesmo perante o seu auditório particular, e, ao mesmo tempo, reafirmar uma atitude corrente na formação discursiva tradicional: a de ter uma namorada. Desta forma, o “outro” perpassa o discurso dos blogueiros e contribui na construção da intimidade partilhada.

Tomando-se emprestada a noção bakhtiniana de linguagem, fica clara a concepção de que a linguagem constitui-se de maneira heterogênea, sempre marcada pela influência do “outro”. Assim, Bakhtin (1997, p. 113) afirma:

Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra, apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

Sendo assim, o *blog* instaura um novo espaço discursivo: o espaço intimista pautado na relação direta com o outro do discurso, no qual o “outro” ocupa na construção da intimidade do “eu” um lugar de destaque. O *ethos* vai carregar também, por sua vez, a dimensão do “outro” discursivo, uma vez que a imagem do enunciador é criada e recriada pelos co-enunciadores, numa perspectiva interativa, através de processos de estereotipização, que podem ou não ser confirmados pelo processo discursivo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento desta dissertação buscou-se discutir a forma através da qual o *ethos* é processado e constituído dentro de um gênero digital de caráter intimista em um espaço público. Objetivou-se perceber a maneira pela qual a revelação da intimidade nos *blogs* era regulada pela expectativa de um auditório, de co-enunciadores que sempre atravessavam o discurso dos blogueiros, seja interagindo com os escreventes a partir de comentários postados através dos *links* específicos, seja através da interação direta com o escrevente do *blog*, ou ainda através da consciência do escrevente em relação à presença do “outro” atestada pelo próprio caráter aberto do espaço hipertextual.

Sendo assim, os objetivos da mesma, explicitados logo na introdução da dissertação, foram atingidos, conforme se pode notar a seguir:

a) refletir sobre a forma de constituição do *ethos* no *blog*, percebendo os mecanismos de construção de um suposto discurso intimista no espaço Hipertextual.

Ademais, analisou-se a forma como os estereótipos agem no processo de estabelecimento e criação do *ethos* no discurso. Assim, viu-se que, antes mesmo que o escrevente se enuncie ou se aproprie da língua para construir seu discurso, há uma imagem, baseada num estereótipo, criada na mente dos seus co-enunciadores ou de seu auditório particular. Dessa forma, o estereótipo influencia na construção do *ethos* pré-discursivo, que poderá ser confirmado ou refutado dentro do desenvolvimento do discurso do escrevente. No caso do *blog* da Joannah, o primeiro *blog* que constituiu o *corpus* desta pesquisa, a figura estereotipada da “patricinha” foi confirmada no decorrer do discurso da escrevente. Assim, o *ethos* pré-discursivo foi reforçado através das imagens, de enunciados e palavras que atestavam a identificação da escrevente com a figura da patricinha.

No caso do *blog* do L. G. percebeu-se que o estereótipo da masculinidade tradicional, comumente atribuído aos homens na sociedade contemporânea, não foi totalmente confirmado. Houve, neste caso, uma quebra da masculinidade tradicional, com um grande distanciamento desta, a partir do momento em que havia a expressão de emoções, o uso da cor vermelha e suas tonalidades, a presença exacerbada de *emoticons*, e um tom extremamente romântico e sentimental. Inicialmente, portanto, há

a quebra de um estereótipo de masculinidade, estereótipo este baseado na visão tradicional do masculino. Porém, algumas vezes, o *blog* do L.G. aproximava-se da concepção de masculinidade tradicional, com a revelação da agressividade e com a necessidade de auto-afirmação através da presença das mensagens da namorada do escrevente ou do próprio escrevente, nas quais o mesmo falava da namorada e mostrava-se preocupado em revelar que estava namorando. Assim, o *blog* do L.G. situa-se num campo misto, entre duas formações discursivas diversas que perpassam o discurso do escrevente.

No *blog* da Joannah, houve coincidência entre o *ethos* dito e o mostrado, enquanto que no *blog* do L. G. não se pode dizer o mesmo, já que a cenografia deste *blog* mostrava uma completa fuga da idéia de masculinidade, e quando se analisou o conteúdo dos *posts* percebeu-se muitas vezes a aproximação do mesmo da masculinidade tradicional.

b) analisar a forma através da qual o auditório interfere na constituição do discurso dos escreventes de *blogs*.

Percebeu-se também que houve, nos dois *blogs*, a adequação do discurso dos escreventes ao auditório particular ao qual se dirigiam. Os dois *blogs* destinavam-se aos colegas de escola e amigos dos escreventes. Neles, os blogueiros falavam aquilo que atendesse às expectativas do auditório particular, para que os mesmos fossem aceitos nos grupos dos quais faziam parte. Portanto, a noção de que havia o escancaramento da intimidade, conforme idéia defendida por Sibillia (2003) e Oliveira (2002) foi refutada através da análise do *corpus*, uma vez que o discurso dos escreventes era regulado pelas expectativas do auditório e sempre atravessado pela figura do “outro”.

c) compreender até que ponto a intimidade pode ser revelada no *blog*, visto que este se destina a um auditório particular e circula num meio público no qual pode ser acessado por quaisquer internautas.

A partir da análise dos dados do *corpus* selecionado, percebeu-se que os *blogs* não engendram um espaço discursivo no qual há a revelação da intimidade de forma completa, uma vez que a presença de um auditório particular, com suas expectativas,

direciona o discurso dos escreventes que dizem aquilo que pode ser dito e não escancaram a sua intimidade.

Retomando as hipóteses, tem-se:

- a) os *blogs* não podem ser vistos como sendo a publicação *online* dos diários tradicionais, uma vez que a intimidade revelada nos primeiros é constantemente regulada pela presença do “outro”, do auditório particular ou dos co-enunciadores, que participam e interagem com o escrevente nos diários digitais;

Diante das questões colocadas aqui, pode-se afirmar que, na verdade, no blog há uma intimidade restrita, regulada pelo olhar do outro, regulada pela possibilidade dos escritos irem parar nas mãos de pessoas desconhecidas, uma vez que a Internet é um espaço público.

Diferentemente dos diários tradicionais, que eram escritos para que não fossem lidos pelo “outro”, ou para que se mantivessem em esconderijos secretos, os *blogs* são escritos para serem lidos. As mensagens ali postadas destinam-se ao “outro” conhecido. Portanto, falar das atitudes cotidianas e não de problemas realmente particulares (vide exemplos (39) a (42)) do *blog* da Joannah é a tônica desse gênero discursivo, que não pode ser considerado como a reedição do diário tradicional no meio digital.

- b) a intimidade revelada nos *blogs* é uma intimidade restrita que baseia-se na expectativa do auditório particular e de toda uma imagem formada pelo auditório acerca do escrevente.

Diante dessas observações, pode-se afirmar que as hipóteses norteadoras deste trabalho puderam ser confirmadas. Assim, não se pode afirmar que os *blogs* representam apenas a transposição do diário íntimo escrito para o meio digital. Eles representam sim uma nova forma de escrita da intimidade que pressupõe a aceitação do “outro”, a adequação do discurso ao olhar de um outro conhecido ou anônimo, gestado no seio do hipertexto.

Enquanto o diário tradicional era escrito para que ninguém o lesse²⁵, e, portanto, permitia um maior grau de revelação da intimidade, o *blog* é compartilhado com

²⁵ Vale ressaltar que o fato de o diário tradicional ser escrito com o objetivo de ser secreto, não significa que o discurso do mesmo não seja permeado pelo outro. Bakhtin (1997) considera que toda a enunciação é socialmente dirigida. Segundo ele (1997, p. 113) “a situação social mais imediata e o meio social mais

centenas ou milhares de internautas que navegam cotidianamente no ambiente hipertextual, regulando o discurso dos escreventes, contribuindo para a criação do *ethos* dos blogueiros.

Este será, também sempre permeado pelo “outro”, que interagirá com o enunciador na formação da sua auto-imagem.

Trata-se, portanto, de uma nova forma de revelação da intimidade, a que Komesu (2005) chamou de intimidade compartilhada, e que aqui se denomina de intimidade restrita, resguardada pelas normas restritivas de um auditório cujas expectativas direcionam e guiam o discurso bloguístico.

Não é pretensão deste trabalho, esgotar a análise do *ethos* nos *blogs*, muito menos a discussão sobre a revelação da intimidade no espaço público, visto que ainda há muito mais coisas a serem abordadas, analisadas e discutidas. A pretensão desta pesquisa foi lançar as bases para a reflexão acerca dessas questões, que se relacionam, sem dúvida, com as novas formas de relações sociais surgidas com o advento da Internet.

amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação”.

Assim, toda a enunciação é social, mesmo um monólogo representará uma carga interativa do “eu” discursivo com o “outro”, representado pelo desdobramento do eu, conforme já afirmava Benveniste (1989).

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. O *ethos* na análise do discurso de Dominique Maingueneau. In: _____. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005a. p. 16-17.
- AMOSSY, Ruth. Estereotipagem e construção de uma imagem de si. In: _____. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005a. p. 125-127.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa nacional-casa da moeda, 1998.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BAKHTIN, M. Os gêneros textuais. In: _____. *Estética da criação textual*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação textual*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- BASANELA, Daniela. *Internet: novos formatos na geração e disseminação de conteúdo*. Retirado do site: http://www.iar.unicamp.br/disciplinas/am625_2003/Daniele_artigo.html, acesso em 02/08/2005.
- BEAUGRANDE. Robert de. (1997). *New Foundations for a science of text and discourse: cognition, communication and freedom of access to knowledge and society*. Norwood, New Jersey, Ablex Publishing Corporation, 1997.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística geral II*. Tradução Eduardo Guimarães. Campinas/ São Paulo: Pontes, 1989.
- BRAIT, B. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas/ São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. Da língua ao discurso, do homogêneo ao heterogêneo. In: BRAIT, Beth (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. São Paulo: Fapesp, 2001. p. 59-69.
- CÂMARA, J. Mattoso. *História da Lingüística*. 3. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1979.

CARRILHO, Manuel Maria (Org.). *Retórica e comunicação*. Tradução de Fernando Marinho. Lisboa: Edições Asa, 1994.

CARVALHO, Rosa Meire. *Diários Íntimos na Era Digital: Diários Públicos, Mundos Privados*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Bahia, 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-diarios-publicos-mundos-privados.pdf>>.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CRYSTAL, David. *El language e internet*. Traducción española Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2002.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 2004

FERREIRO, Emília (Org.). *Relações de (in)dependência entre oralidade e escrita*. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FIORIN, José Luiz Teoria dos signos. In: _____. (Org.). *Introdução à lingüística I*. objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002.

FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso. In: FIORIN, Luiz (Org.). *Introdução à lingüística*. São Paulo: Contexto, 2002.

FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à lingüística I: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2003.

FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à lingüística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2002.

FREIRE, Fernanda M. P. A palavra (re)escrita e (re)lida via internet. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da. *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 19-28.

GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

GRÁCIO, Rui Alexandre. *Racionalidade argumentativa*. Coimbra: Edições ASA, 1993.

GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto. *Análise do discurso: as materialidades do sentido* (Orgs.). São Carlos: Claraluz, 2003.

GRICE, H. P. Lógica e conversação. In: DASCAL, Marcelo (Org.). *Fundamentos metodológicos da lingüística*. Pragmática: Problemas, críticas, perspectivas da lingüística. Campinas-S.P. UNICAMP, 1982. v. 4, p. 81-103.

INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005.

JOHNSON-ELIOLA, J.: 1994. Reading and writing in Hypertext: Vertigo and Euphoria. In C.L. Selfe & Hilligoss (eds) 1994, pp195-219

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *La enunciación: de la subjetividad em el language*. Versión castellana de Gladys Ânfora y Emma Gregores. Buenos Aires: Edicial, 1980.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo, Contexto 1990

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

KOMESU, Fabiana. *Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da Internet*. 2005, 271p. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de Retórica literária*. 3. ed. Tradução, prefácio e aditamentos de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1967

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. Tradução de Adail Sobral. São paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos, cenografia e incorporação*. In: AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 68-92.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *O hipertexto como um novo espaço da escrita em sala de aula*. Recife, 2001. Artigo- Universidade Federal de Pernambuco. Mimeo.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto*. Recife, 1999. Artigo- Universidade Federal de Pernambuco. Mimeo.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Hipertexto: definições e visões. Recife, 2002. Artigo- Universidade Federal de Pernambuco. Mimeo.

MARCONDES, Danilo. *A pragmática na filosofia contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MARTINS, Nilce Sant'anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1989.

MARX, Karl, *A ideologia alemã*. Tradução de Bruni, José Carlos e Nogueira, Marco Aurélio. São Paulo: Livraria e Editora Ciências Humanas. 1982.

MEYER, Michel. As bases da retórica. In: CARRILHO, Manuel Maria (Org.). *Retórica e comunicação*. Tradução de Fernando Marinho. Lisboa: Edições Asa, 1994. p. 31-70.

MONTEIRO, Marko. *Revistas masculinas e pluralização da masculinidade nos anos 60 e 90*. http://www.europofem.org/02.info/22contri/2.05.es/2es.masc/37es_mas.htm acesso em 27-09-2006.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*, v. 2 São Paulo: Cortez, 2001. p. 101-142.

NETO, João Antônio de Santana. *Estudo retórico-pragmático sobre o Páthos*. Inédito. Salvador, 2005.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLSON, David R. *O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas de leitura e da escrita*. Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1997.

ORLANDI, Eni. A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005.

- _____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005a.
- OLIVEIRA, R. (2002). Diários públicos, mundos privados: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, 2002, Salvador.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: HAK, Tony; GADET, Françoise (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Tradução de Bethania S. Mariani et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-162.
- PÊCHEUX, Michel. & Fuchs, C. Pêcheux, M., & Fuchs, C.. *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975)*. Em F. Gadet, & T. Hak (Orgs.), *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 163-187
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova Retórica*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- PERELMAN, Chaïm. *Retóricas*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- PETER, MARGARIDA. Linguagem, língua, lingüística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à lingüística I: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 17-24.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente. A língua como objeto da lingüística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à lingüística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 75-94.
- PIRIS, Eduardo. *Ethos e gênero do discurso*. In: Estudos Lingüísticos XXXIV, p. 726-731, 2005. [730 / 731.
- PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIM, Fernanda; Bentes, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.
- POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à Lingüística: fundamentos epistemológicos*, v. 3. São Paulo: Cortez, 2004. p. 353-392.
- PRETTI, Dino. *Sociolingüística: os níveis da fala: um estudo sociolingüístico do diálogo na literatura brasileira*. 8. ed. São Paulo: EDUSP, 1997.
- PRIMO, Alex ; RECUERO, Raquel. *Hipertexto Cooperativo: uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia*. Outubro de 2002. Disponível em http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/hipertexto_cooperativo.pdf. Acesso em 12/12/2005.
- RECUERO, Raquel. *Webrings: As Redes de Sociabilidade e os Weblogs*. Revista Sessões do Imaginário da Famecos/PUCRS. Porto Alegre, 2004.
- ROBINS, R. H. *Pequena história da lingüística*. Tradução Luís Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1979.

ROHDEN, Luiz. *O poder da linguagem: a arte Retórica de Aristóteles*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

SIBILIA, Paula. *A intimidade escancacrada na rede: blogs e webcams subvertem a oposição público versus privado*. Retirado do site: http://www.intercom.org.br/papers/congresso2003/pdf/2003_NP08_sibilia.pdf. Acesso em 02/08/2005.

SIBILIA, Paula. *Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica*. XI encontro da Compós, 2003. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2003/body_sibilia_2003.htm>. Acesso em 02/08/2005.

XAVIER, A.C. Leitura, texto e hipertexto. In: Marcuschi, L. & XAVIER, A. (orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004, p.170-180.

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da lingüística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo Parábola Editorial, 2002.